

MAURA ALVES DE FREITAS ROCHA

COMPLEMENTIZADORES NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

CAMPINAS

1988

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Maura Alves de Freitas Rocha e aprovada pela Comissão Julgadora em 09/12/88

Fernando Luiz Tarallo

PROF. DR. FERNANDO LUIZ TARALLO

Para o Ewerton

Ao Prof. Dr. Fernando L. Tarallo , pela orientaco

Aos profs. Dra. Charlotte Galves e Dr. Carlos Franchi , pelas
sugestoes oferecidas no exame de qualificacao ;

A Jânia Ramos , pela constante demonstracao de confianca em meu
trabalho ;

A minha familia , pelo carinho e apoio moral ;

Aos meus colegas do Departamento de Letras da Universidade Federal
de Uberlândia que possibilitaram a minha liberacao para cursar o
Mestrado e , em especial , a Vânia M. B. Arruda Fernandes e Luiz
Carlos Travaglia , pelo incentivo permanente ;

A CAPES e CNPQ , pela concessao de bolsa de estudos .

SUMÁRIO

Lista de Tabelas e Diagramas	(i)
Resumo	(iii)
Abstract	(iii)
Capítulo I - O Objeto da Investigação Lingüística : Dados Reais ou Intuição do Falante-Ouvinte ?	2
A Tese	3
A Antítese	4
A Síntese	8
Notas ao Capítulo I	23
Capítulo II - Revisão Bibliográfica	26
1. Preposições-Complementizadores	
1.1. Estudos Realizados em Línguas Crioulas	33
1.2. Estudos Realizados "nas Chamadas Línguas Naturais"	37
1.2.1. No Francês	
1.2.1.1. A Proposta de Kayne	38
1.2.1.2. A proposta de Vinet	39
1.2.1.3. A Proposta de Long	40
1.2.1.4. A proposta de Huot	41
1.2.2. No Italiano	42
1.2.3. No Ottawa Valley English	43
1.2.4. No Holandês	44
1.2.5. No Galês	44
1.2.6. No Português	45

2. Elementos Interrogativos WH	
2.1. A proposta de Lefebvre	47
2.2. A proposta de Aoun	48
Notas ao Capítulo II	49
Capítulo III - O Universo da Pesquisa	56
Notas ao Capítulo III	70
Capítulo IV - Descrição dos Resultados	73
Notas ao Capítulo IV	120
Capítulo V - Discussão dos Resultados	122
1. A Natureza Categorial das Orações Infinitivas	122
1.1. A Proposta de Raposo	125
1.2. A Proposta de Vitral	129
2. O Estatuto da Preposição DE	140
3. A Estrutura do Nódulo CP	142
4. As Orações Relativas Infinitivas no PB	153
5. A Preposição PARA : Contexto de ECM ?	158
Notas ao Capítulo V	163
Capítulo VI - Conclusões	169
Referências Bibliográficas	175

.....

LISTA DE TABELAS E DIAGRAMAS

Tabela 1.	Distribuição de Complementizadores em Relação aos Tipos de Orações	75
Tabela 2.	Distribuição de Complementizadores em Relação aos Tipos de Sujeito	78
Tabela 3.	Distribuição dos Complementizadores em Relação aos Tipos de Sujeito e Tipos de Orações	84
Tabela 4.	Distribuição dos Complementizadores em Relação ao Modo Verbal	87
Tabela 5.	Distribuição dos Complementizadores em Relação aos Modos Verbais e Modalidades de Registro	92
Tabela 6.	Distribuição dos Complementizadores em Relação a Modalidades de Registro	94
Tabela 7.	Distribuição dos Complementizadores em Relação a Modalidades de Registro e Tipos de Orações	98
Tabela 8.	Distribuição dos Complementizadores em Relação aos Tipos de Sujeitos e Modos Verbais	101
Tabela 9.	Distribuição dos Complementizadores em Relação aos Tipos de Sujeito e Modalidades de Registro	103
Tabela 10.	Distribuição dos Complementizadores em Relação a Modalidades de Registro e Modos Verbais	106
Tabela 11.	Distribuição dos Elementos Interrogativos quanto aos Tipos de Orações	108
Tabela 12.	Distribuição dos Elementos Interrogativos em Relação aos Modos Verbais	110

Tabela 13. Distribuição dos Elementos Interrogativos em Relação às Modalidades de Registro-----	112
Tabela 14. Distribuição dos Elementos Interrogativos em Relação à Posição do Sujeito-----	115
Tabela 15. Distribuição dos Elementos Interrogativos em Relação ao Conteúdo Lexical em COMP e Posição do Sujeito -----	117
Diagrama 1. Distribuição dos Elementos Introdutores de Orações Relativas Infinitivas-----	76
Diagrama 2. Distribuição dos Elementos Introdutores de Orações Relativas e Adjetivais-----	77
Diagrama 3. Preenchimento de Sujeito após as Preposições DE e PARA-----	80
Diagrama 4. Comportamento da Preposição A em Relação ao Preenchimento do Sujeito-----	82
Diagrama 5. Distribuição das Preposições nas Orações Adjetivais em Relação ao Preenchimento de Sujeito Lexical-----	86
Diagrama 6. Preenchimento de Complementizadores em Relação ao Modo Verbal-----	89
Diagrama 7. Preenchimento de Complementizadores em Relação a Modalidades de Registro-----	95
Diagrama 8. Distribuição de [Ø] e [e] em Relação às Modalidades de Registro-----	96
Diagrama 9. Distribuição dos Complementizadores de Infinitivo em Relação às Modalidades de Registro-----	99

Diagrama 10. Distribuição de Complementizadores de Infinitivo quanto ao Preenchimento/Não-Preenchimento de sujeito-----	102
Diagrama 11. Ocorrência de Complementizadores em Relação ao Preenchimento do Sujeito-----	105
Diagrama 12. Distribuição de Complementizadores quanto a Modalidades de registro e Forma Infinitiva-----	107
Diagrama 13. Ocorrência de WH+QUE em Relação aos Modos Verbais-----	109
Diagrama 14. Posição do Sujeito em Relação à Ocorrência de WH+QUE-----	115
Diagrama 15. Distribuição das Orações em Relação à Ocorrência/ Não-Ocorrência de Sujeito-----	153

.....

RESUMO

O propósito deste estudo é verificar o papel desempenhado pelos Complementizadores no Português do Brasil, à luz da abordagem variacionista, a HARMONIA TRANS-SISTÊMICA, que compatibiliza a Teoria da Regência e Vinculação e Teoria da Variação. O Corpus utilizado é composto de editoriais do jornal "Folha de São Paulo", textos da revista "Veja" e entrevistas e conferências extraídas do corpus do Projeto NURC. A análise feita, a partir da distribuição dos complementizadores e dados introspectivos, seguida da discussão teórica, evidencia que, ao nível intra-linguístico, são complementizadores os seguintes elementos: QUE (que introduz orações no modo indicativo), AGR (que ocorre em orações no modo indicativo e na forma infinitiva) e DE/PARA (que ocorre apenas nas orações adjetivais infinitivas). O mecanismo responsável pela presença de sujeito nas orações infinitivas é o complementizador sob a forma de AGR ou lexicalizado em DE/PARA. Além disso, a análise também apresenta evidências para a postulação de que a preposição A, que introduz as orações relativas infinitivas está preenchendo a posição do Especificador de COMP; e ainda, o caráter dual da preposição PARA que se comporta como preposição-complementizador nos casos de ECM. Ao nível inter-linguístico, os resultados evidenciam que o PB pode ser alinhado ao Inglês no que se refere a ECM e ao Espanhol do Caribe em relação ao duplo preenchimento de COMP: o preenchimento do Especificador com elementos interrogativos e o preenchimento do núcleo com QUE. A justificativa para este alinhamento reside no fato de estes casos constituírem reflexos da perda de flexão no PB, com conseqüente preenchimento de sujeito, concorrendo para a ordem SV.

.....

ABSTRACT

The aim of this study is to determine the role of complementizers in Brazilian Portuguese using variational methodology, HARMONIA TRANS-SISTÊMICA which integrates Government and Binding Theory and the Theory of Language Variation and Change. The data were collected from the "Folha de São Paulo" (a daily newspaper), texts from "Veja" (a weekly magazine), interviews and lectures from the NURC project. The analysis was based on the distribution of complementizers and introspective data. A theoretical discussion showed that at an intra-linguistic level the following are complementizers: QUE (appearing in indicative mood sentences and is similar to THAT), AGR (occurring in infinitive sentences and in indicative mood sentences); and DE/PARA (occurring only in adjectival infinitive sentences). In addition it was found that the preposition A which introduces relative infinitive sentences are filling in the position of Specifier in COMP. The mechanism responsible for the presence of a subject in infinitive sentences is the complementizer which appears as AGR or is lexicalized as DE/PARA. It was shown the duality of the preposition PARA which acts as a preposition-complementizer in cases of Exceptional Case Marking. At an interlinguistic level the results obtained showed that Brazilian Portuguese can be identified with English when referring to ECM and to Caribbean Spanish when filling the Specifier position of COMP with WH-words. This result is explained by the fact that these cases reflect a loss of agreement in Brazilian Portuguese with a consequent filling in of the subject position which leads to the SV order.

.....

"As mudanças mais fundamentais em qualquer ciência comumente resultam , não tanto da invenção de novas técnicas de pesquisa , mas antes de "novas maneiras de se olhar para os dados" , dados estes que podem ter existido por longo tempo . Na verdade , é possível que elas nem se refiram e nem tenham sido ocasionadas por dados . As mudanças mais fundamentais são mudanças de teoria e de esquemas conceptuais , especialmente aquelas que incluem pressupostos inconscientes ."

(Alvin Goudner . " THE COMING CRISIS OF WESTERN SOCIOLOGY ." p.50)

O OBJETO DA INVESTIGAÇÃO LINGÜÍSTICA :
DADOS REAIS OU INTUIÇÃO DO FALANTE-OUVINTE ?

Um estudo que tenha como proposta básica descrever um fato da língua no quadro teórico da Gramática Gerativa , utilizando-se de um *corpus* , ao invés de informações baseadas na intuição do falante-ouvinte , exige que se retome , mesmo que suscintamente , duas questões fundamentais .

A primeira diz respeito à "incompatibilidade" da Gramática Gerativa com a Sociolinguística em termos de pressupostos teóricos , e a segunda , decorrente da primeira , refere-se à possibilidade de se estender a noção de Variável Sociolinguística à Sintaxe .

O debate a respeito destas duas questões tem sido extremamente produtivo e benéfico para o desenvolvimento dos estudos lingüísticos , uma vez que levanta numerosos problemas empíricos . E , embora pareçam já estar suficientemente discutidas (o que implicaria repetir o óbvio) , a retomada das mesmas faz-se necessária porque servirá de suporte e referencial para a postura aqui adotada , no tocante à nossa preocupação em legitimar o equacionamento de duas orientações , em princípio "contraditórias" .⁽¹⁾

A polémica "*Corpus*" x "Intuição do Falante" representa a essência do processo dialético , instaurado e explicitado através das propostas , principalmente , de Chomsky (1965 , 1980) , Labov (1969 , 1971) , Sankoff e Labov (1979) , Everett (1986) , Tarallo

(1984 , 1987) e Kato e Tarallo (1987) .

A TESE :

A metodologia básica da Gramática Gerativa tem se pautado por priorizar a descrição da Competência intrínseca do falante-ouvinte , através da construção de dados baseados em julgamentos de informantes , com o objetivo de determinar a natureza da Gramática .

É um modelo a-funcional que se caracteriza por : (i) tratar de estruturas linguísticas idealizadas , conforme princípios biologicamente determinados da Gramática Universal que cada pessoa utiliza ao organizar a sua experiência linguística ; (ii) tratar de estabelecer um relacionamento muito próximo com a Psicologia , ao se interessar pelo sistema adquirido e seus métodos de aquisição , tornando-se um modelo do pensamento ; e , finalmente , (iii) propor-se a estabelecer um ponto de contato entre Teoria Linguística e o nosso conhecimento , através de uma Teoria Psicológica de aquisição da linguagem .

O input , portanto , para a descrição linguística repousa na Competência e não na Performance , em virtude de a segunda poder fornecer evidências para o estudo da primeira , mas não refleti-la diretamente , conforme Chomsky (1965 : 84) :

"...no sentido técnico , a teoria linguística é mentalista , na medida em que tem como objectivo descobrir uma realidade mental subjacente . O uso observado da Linguagem ou as disposições possíveis de resposta

a estímulos , hábitos , etc , podem fornecer informações relativas à natureza desta realidade mental , mas não poderão constituir o objectivo efectivo da linguística , se quisermos que ela seja uma disciplina séria ."

Os questionamentos levantados quanto ao fato de se privilegiar a Competência como base para a descrição linguística foram exaustivamente rejeitados por Chomsky , por considerar que a utilização de um *corpus* é negativa , principalmente , em virtude de dois fatores : redução e redundância . O primeiro se explica pelo fato de a análise gramatical ser passível de apresentar desvios de regras ou exemplos agramaticais pertinentes ; em relação ao segundo , a redundância é gerada sempre que se toma um determinado *corpus* ilustrativamente , uma vez que o procedimento utilizado para relacionar exemplos sempre terá por base julgamentos intuitivos , os mesmos empregados para se obter exemplos pertinentes .

Para ele , "restringir a análise gramatical a um *corpus* real seria tão sensato quanto restringir a física ou a biologia a filmes ou fatos que acontecem à nossa volta em nossas vidas normais ." (1980 : 151) .

A ANTÍTESE :

O fio condutor da reflexão que se segue terá como suporte as seguintes afirmações :

"...we hope to move steadily from the known to the

unknown , deriving principles of increasing generality , using the insights of Generative Grammar wherever helpful... (Sankoff e Labov , 1979 : 219)

"In recent work in the speech community we have found it necessary to utilize a third type of rule : Type III or variable rules , which extend the generative notion of "rule of grammar " to account for a larger number range of data ..." (Labov , 1969 :112)

"It has also been evident from the start that variable rules were the appropriate mechanism to describe the acquisition of grammar ." (Sankoff e Labov , 1979 : 217)

O exame dos excertos acima nos possibilita constatar que a Sociolinguística tem como proposta subjacente ampliar a Gramática Gerativa e não negá-la .

Considerar a Sociolinguística como um aperfeiçoamento da Gramática Gerativa tem sérias implicações , uma vez que a segunda (conforme já foi mencionado) , propõe-se a descrever a Competência do falante-ouvinte , através da enumeração das sentenças possíveis em uma língua , gerando amostras de fala por meio de estruturas abstratas , e não se preocupando com o que o falante diz .

Além disso , a Sociolinguística postula a homologia entre a linguagem e o social , ao fundamentar-se essencialmente no estudo de regras variáveis . Considera-as não como meras descrições do comportamento de fala , mas como o próprio comportamento , em que a fala das pessoas evidencia variação sistemática porque as mesmas internalizaram este tipo de

variação .

Cabe ainda acrescentar que a noção de regra variável subjazendo à de variação aponta na direção de um impasse . Antes de mais nada , a assunção de que regras variáveis são internalizadas e regem o comportamento do falante implica a pressuposição de que as mesmas fazem parte da Competência , embora o modelo Gerativo só admita a existência de regras opcionais e obrigatórias .

Um outro problema com que nos defrontamos é o fato de estas regras variáveis estarem intimamente relacionadas também a fatores sociais . Se estes determinam o uso de regras , aquelas não podem ser consideradas como fazendo parte de um mecanismo inato .

Em relação aos pressupostos da Gramática Gerativa , é importante também apontar alguns questionamentos evidenciados quando da realização de experimentos psicolinguísticos com o objetivo de fornecer evidência experimental para a forma das Gramáticas .

De acordo com Kiparsky (1968 : 174) , experimentos psicolinguísticos recentes caminharam em duas direções : (i) procuraram correlacionar comportamento a descrições postuladas pela Gramática Gerativa , e (ii) procuraram encontrar evidências de que um sistema de regras tal como o postulado pela Gramática Transformacional está envolvido na produção e entendimento do enunciado .

O primeiro obteve sucesso , ao passo que o segundo não . Além disso , outros experimentos com materiais linguísticos mais

complexos buscando a correlação acima mencionada apresentaram a seguinte evidência :

"the utilization of the speaker's internalized grammatical rules is a highly complex process involving elaborate ways of tracking down the relevant rules and processing sentences in such a way that parameters which tap performance directly are not going to be related at all directly to such crude grammatical properties of sentences as the number of rules involved in their derivation."

O autor ainda acrescenta que :

"the fact that grammars are not performance models presumably means that the answer to the question of whether they are correct competence models is not likely to be forthcoming by any currently known experimental techniques until the contributions of competence can be separated out from facts about the performance .

What we really need is a window of the form of linguistic competence that is not obscured by factors like performance , about which next to nothing is known."

Um outro aspecto a relevar refere-se às críticas feitas por Labov (1971) em relação à metodologia da Gramática Gerativa .

Para ele , a grande falha desta metodologia repousa no fato de a Performance ser ignorada no momento da descrição linguística , tendo como justificativa o fato de a fala do dia a dia ser "degenerada" e por não estarmos prontos para estudá-la ,

sem termos em mãos noções fundamentais do estudo da Competência . Estes fatos acarretam dois aspectos negativos , a saber : (i) o caráter ilimitado das combinações sintáticas inviabiliza a procura sistemática de evidência ; e (ii) a existência de fatores inconscientes pode levar investigadores a encontrar exemplos que sustentem seus próprios argumentos e a não encontrar contra-argumentos .

Além disso , uma outra questão sempre envolvida em debates a este respeito é o problema da confiabilidade de julgamentos , uma vez que já foi atestado que os mesmos não são uniformes . (2)

Felos excertos e questionamentos apontados acima , percebe-se que ambas as correntes têm problemas em relação a seus pressupostos . E mais , se de um lado Labov , adotando uma postura mais flexível , parece não rejeitar *a priori* a utilização da Competência na descrição linguística , que possa interagir com uma teoria do comportamento da linguagem , de outro , Chomsky considera inadmissível o estudo do sistema linguístico em função do uso .

A SÍNTESE :

Diante do quadro esboçado , destacaremos , inicialmente , duas propostas alternativas que emergem para neutralizar o conflito.

Tarallo (1984) , ao discutir a noção de DADO , considera a questão já resolvida , afirmando que " *é evidente que ao estudo*

da variação linguística e à postulação da possibilidade de se sistematizar a heterogeneidade e o caos (...) subjaz a racionalidade do analista ." (p.22)

Por outro lado , Everett (1986) tem como proposta básica oferecer um exemplo concreto da importância do diálogo e traços sistemáticos do estudo da linguagem em um estudo da Competência linguística .

Para viabilização da mesma , defende a tese de que o critério norteador da seleção de dados relevantes é o critério da sistematicidade , entendendo que o mesmo não pode se circunscrever a uma competência linguística autônoma e , sim , ser aplicada ao uso real da língua .

Dentro dessa perspectiva , o autor toma como pressuposição o fato de que " *a estrutura internalizada de regras responsáveis pela manifestação da linguagem somente será compreendida , na medida em que for melhorado o nosso entendimento da língua* "(p.22)

Considerando que a questão da heterogeneidade X homogeneidade não está de modo algum fechada , o autor coteja as duas posições , com o objetivo de apresentar evidências que comprovam a sua opção . (3)

Em relação à questão da homogeneidade , são apresentados dois fatores que justificam sua rejeição . São eles : (i) a idealização do pesquisador , e (ii) a suposição de entidade autônoma , " a competência linguística " que provoca restrições na introdução de fatores linguísticos .

Além disso , o autor também mostra que são poucos os

estudos psicológicos ou neurofisiológicos que fornecem evidências para a hipótese da organização modular autônoma das capacidades mentais .

Quanto à heterogeneidade , uma das evidências mais fortes é a que mostra que é possível entender a fonologia do Pirahã , apenas se se estabelecer articulação direta com fatores do diálogo .

Pelo que foi exposto acima , fica patente que a questão ainda continua insoluta e , portanto , em aberto , com propostas emergentes que se direcionam no sentido de acoplamento destas duas orientações . Entretanto , as mesmas não nos oferecem formulações precisas que facilitem a tarefa de se optar pela complementaridade entre estas duas vertentes .

Se de um lado é inegável que , mesmo trabalhando com dados , a análise final dependerá da introspecção do pesquisador (e isto implica admitir que o paradigma quantitativo é insuficiente e bastante simplificado para dar conta dos fatos da estrutura linguística) , de outro , é impossível ignorar a variação sistemática que ocorre nas línguas .

Frente a este problema , é-se tentado a procurar uma saída através de considerações ingênuas ou justificações puramente verbais (como as que são apresentadas abaixo) , que apóiem o fato de se utilizar a Teoria da Variação em Sintaxe Gerativa .

Acreditamos que todo linguista que trabalhe com dados intuitivos se esbarra com o problema de indecisão de informantes , quanto a julgamentos de aceitabilidade : os dados nos parecem desvios de padrões gramaticais "normais" e , paradoxalmente ,

temos consciência de serem os mesmos ocorrências frequentes e "normais" na língua falada .

Este paradoxo tem suas origens na tradição escolar gramatical , cuja principal estratégia de ensino da língua materna está profundamente calcada no ensino da Gramática Tradicional . E esta , no caso do Português do Brasil , por não se sustentar na realidade lingüística brasileira , prestigia a modalidade institucionalizada em Portugal , ignorando a existência , das inúmeras variantes do PB .

No caso específico do PB , a questão se torna mais complicada , quando verificamos que , apesar de o uso brasileiro estar bem diversificado do que está corporificado na Gramática , não se elegeu ainda nenhuma variante como norma padrão .

Em decorrência destes aspectos , é inevitável a superposição de dialetos : uma variante regional / social perpassada por outra adquirida na escola e centrada no ensino da Gramática , gerando uma postura , às vezes , equivocada . A referida postura se perpetua através da adoção de padrões gramaticais "normais" como referencial , em detrimento da observância da maleabilidade da língua .

Franck (1986 : 9) , ao afirmar que "não temos intuições introspectivas de nossa própria competência lingüística oral " , sintetiza perfeitamente o produto de tal estado de coisas .

Entretanto , a estas justificativas , além de faltar respaldo teórico , subjaz a idéia de que a Teoria da Variação é

uma disciplina estática e , pior , que as mesmas servem para mascarar o fato de se utilizar esta teoria apenas como apêndice , uma vez que , no nosso caso particular , os dados , sendo analisados apenas do ponto de vista distribucional , não nos permitirão fazer predições em termos de mudança .

Além disso , já se entrevê entre os próprios sociolinguistas um certo desânimo em relação aos métodos quantitativos , quando considerados como um fim em si mesmos e pelo fato de a Teoria da Variação não oferecer um modelo coerente do uso da linguagem .⁽⁴⁾

A esse respeito , é reveladora a citação a seguir de Cheshire (1987 : 258):

"Labov's original model has been questioned , but as yet there is little to take its place . Furthermore , the analytic procedures which once seemed such a breakthrough no longer appear so exciting . As Ditmar (1983) points out , investigating the way that linguistic structure fits onto social structure no longer seems the most useful way forward for sociolinguistics . It can be revealing to analyze the covariation of particular linguistic variables in societies that are very different from each other (...) but we could go on for ever correlating linguistic items with predetermined social categories , without necessarily ever achieving any real insights into the nature of language as a social phenomenon , nor , indeed , into the nature of the social categories themselves ."

Retomando , então , a nossa preocupação em inserir esta dissertação em um quadro metodológica e teoricamente

justificável , que incorpore os conhecimentos produzidos por estas duas correntes e resgate o potencial dinâmico do modelo quantitativo , sem privilegiar um modelo em detrimento de outro , podemos afirmar que as abordagens de Tarallo (1987) e Kato e Tarallo (1987) , por obviarem a articulação entre Teoria da Variação e Sintaxe Gerativa , solucionam o problema .

Para maior clareza da exposição , optamos por apresentar os dois trabalhos separadamente , embora reconhecendo que ambos se completam e têm como objetivo principal explicitar e mostrar como operacionalizar a complementaridade entre empirismo e racionalismo .

Tarallo (1987) tem como ponto de partida a proposta de Borer (1984) contida em "Parametric Syntax" que se preocupa em "estabelecer , sistematizar e viabilizar um modelo que seja ao mesmo tempo geral/generalizante e restrito/restritivo , e que dê conta da variação linguística inter-sistêmica."⁽⁵⁾

Tal proposta se insere no quadro teórico de Regência e Vinculação (Chomsky 1981 , 1982) que articula a hipótese da Gramática universal ao reconhecimento da diversidade entre as línguas através da postulação de parâmetros e assume que " all interlanguage variation results from an interaction between the inflectional component and universal principles of grammar" (p.251), utilizando-se da análise de construções com clíticos em línguas semíticas e línguas românicas .

Embora a questão básica que orienta todo o trabalho de Borer (" What is the source of parametric variation : which component of the grammar will assume the burden of delimiting the

universal principles so as to generate the wide variety of existing grammars?"(p.22)) seja compatível com as questões e princípios estabelecidos pela Sociolinguística , o output de Borer e Tarallo / Tarallo e Kato diverge no sentido de que a primeira proposta torna-se mais restrita e a segunda , mais abrangente .

Se de um lado Borer preocupa-se em descobrir o componente da gramática que terá a responsabilidade de delimitar princípios universais de modo a gerar a ampla variedade de gramáticas existentes , centrando assim todo o seu trabalho na busca de parametrização inter-sistêmica , é a decisiva contribuição de Tarallo e Kato que propicia as bases para uma linguística paramétrica inter- e intra-sistêmica .

Utilizando-se de análises já realizadas (que trabalharam com variação intra-linguística) sobre o Francês Canadense (Dubuisson (1981)) , o Espanhol das Américas (Corvalán (1982)) e o Português do Brasil(Lira (1982 ,1986)) , o autor faz uma leitura vertical e cuidadosa dos dados obtidos , mostrando que a mesma possibilita demonstrar "o poder explanatório da Teoria da Variação e da Mudança em relação à busca do entendimento e do conhecimento sobre a variação linguística inter- sistêmica." (p.6)⁽⁶⁾

Assim é que , em relação à sintaxe , analisando os fatores que condicionam a ordem das palavras (a posposição do sujeito com verbos transitivos não é permitida ; a ordem VS em Espanhol e Francês é condicionada à presença de um "declencheur" em posição pré-verbal ; o peso do SN sujeito limita a posposição em Francês e Português) , o autor demonstra que as três línguas

são parametrizáveis , salientando que seria ingênuo englobá-las em um único parâmetro : Pro-drop ou não Pro-drop .

Considerando que as quatro propriedades do parâmetro Pro-drop interagem entre si , sendo , portanto , necessário manter a diferença entre o Francês e as outras duas , em virtude de a primeira se caracterizar pela proibição do sujeito nulo , ao contrário do Espanhol e do PB , Tarallo acrescenta que as três línguas são parametrizáveis no sentido de ser este um modelo que possibilita uma " eventual re-definição e um possível realinhamento das propriedades previstas para determinado parâmetro sintático"(p.27) . Além disso , prediz que , "se o Francês vier a se "pro-dropizar" , os mesmos fatores que regem , por exemplo , a posposição do sujeito em Espanhol e Português muito provavelmente regerão a mesma variável no sistema francês . Igualmente , se o Espanhol e o Português vierem a se "despro-dropizar" , muito provavelmente a transitividade do verbo , a presença de um "declencheur" , o peso do SN sujeito e a presença de um complementizador serão os últimos ambientes a ativar tal processo de mudança ." (p.27)

Em Kato e Tarallo (1987) há um desdobramento e sistematização do modelo já descrito , através de dois grandes tópicos : inicialmente , os autores se preocupam em estabelecer um elo entre variação inter- e intra-linguística , e , em seguida , analisam a variação da ordem SV , dentro desta abordagem integradora , isto é : a abordagem variacionista inter- e intra-sistêmica . (7)

Os autores propõem o abandono ou abrandamento da polêmica

empirismo X racionalismo através da postulação de um novo caminho : o da HARMONIA TRANS-SISTÊMICA que "resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as possibilidades do modelo variacionista , seja para provar seu espelhamento e reflexo , seja para realinhar um modelo em função do outro."(p.6)

Em um primeiro momento , evidencia-se no texto a preocupação em formalizar e precisar o poder explanatório que se constata nas análises projetadas pela lingüística das probabilidades . Para tal , é mostrado como Labov (1981) projeta resultados característicos de um modelo paramétrico , resgatando o valor da escola neo-gramática . Através da utilização de fatores condicionadores , sobre a mudança fonológica , os modelos neo-gramático e lexical-difusionista são cotejados , sendo o valor de um e de outro resgatado via Teoria da Variação , comprovando , então , que os dois modelos são complementares e não excludentes .

A seguir , são apresentadas análises para embasar o fato de que "as línguas podem convergir em determinadas partes de sua gramática , revelando movimentos sincronizados e espelhados aos quais os gerativistas preferem denominar de propriedades paramétricas." (p.9)

Nesta perspectiva , a análise de Sankoff e Tarallo (1987) constata a similaridade de processos quanto ao uso da cópia pronominal em orações relativas e não-relativas no PB e em Tok Pisin ; e as análises , já mencionadas anteriormente , de Dubuisson (1981) , Corvalán (1982) e Lira (1982 , 1986) mostram que os fatores condicionadores da inversão do sujeito atuam na

mesma direção , o que possibilita fazer predições em relação ao parâmetro Pro-drop .

Em um segundo momento , são apresentadas análises que possibilitam verificar o alcance da HARMONIA TRANS-SISTÊMICA em termos de compatibilização de resultados da Teoria da Variação com Sintaxe Gerativa , em que os resultados probabilísticos fazem transparecer o fato de um fenômeno variável contribuir para o rearranjo da gramática .

Entre elas destacam-se a de Hochberg (1986) que mostra que o fator condicionador do preenchimento do pronome em segunda pessoa do singular é a alta frequência de erosão das consoantes finais ; a de Kato e Tarallo (1986) que apresenta evidências para o fato de o PB ser uma língua que tende a se "despro-dropizar" ; e a de Naro (1981) , mostrando restrições morfológicas ao apagamento do sujeito no PB , com resultados similares aos de Hochberg .

Diante do exposto , pode-se constatar que estes dois trabalhos realizaram o que à primeira vista parecia-nos impossível : absorver e transcender tanto a Teoria da Variação quanto a Sintaxe gerativa , mostrando que diferentes processos gramaticais (ou fonológicos) que ocorrem inter- e intra-lingüisticamente devem ser analisados buscando explicações mais abstratas (generalizações significativas) através da integração dos parâmetros de mudanças lingüísticas , de diferenciação sincrônica e de diferenciação social nas línguas naturais à teoria Chomskyana .

Retomando o que foi colocado no início deste texto , pode-se dizer que a proposta de Kato e Tarallo comprovam que a riqueza dos debates provocou , gradativamente , o refinamento de ambos os modelos , possibilitando , somente agora , a compatibilização entre os dois , através de uma abordagem que dá conta das críticas levantadas nos últimos anos e que podem ser sintetizadas no apelo feito por Parisi e Castelfranchi (1973:232):

"...setores inteiros de estudos lingüísticos , desde a dialetologia até a estilística , ficam excluídos da concepção monolítica de linguagem que Chomsky sustenta ou , no máximo , assumem nessa concepção um papel marginal e aplicado . Ao invés disso , em nossa opinião , esses estudos de um lado são relevantes para a elaboração de um modelo lingüístico e de outro não podem ser abordados sem o apoio de um modelo determinado , ou seja , não podem ser abordados , como ocorre com demasiada freqüência , de maneira empirista , sem esperanças na possibilidade de reconduzir os fenômenos particulares a uma teoria unificadora da linguagem , e conseqüente ecletismo teórico ."

Esta dissertação tem , portanto , como desafio a tarefa de investigar os Complementizadores no Português do Brasil , dentro do modelo teórico proposto por Tarallo (1987) e Kato e Tarallo (1987)⁽⁸⁾ , dando prioridade à investigação da relação entre COMP e INFL no PB , uma vez que estudos gerativistas mais recentes , de uma maneira bastante coerente , se têm pautado pelo reconhecimento desta correlação .⁽⁹⁾ E é esta correlação que pretendemos capturar .

Para dar conta do objetivo proposto , a análise girará , ao nível intra-linguístico , no estudo de três aspectos do Português do Brasil que se complementam e parecem convergir para a correlação anteriormente mencionada :

- (i) a relação entre a preposição e seus complementos (particularmente DE e PARA) ;
- (ii) as características do PB que possibilitam o preenchimento do ESPECIFICADOR DE COMP e dão conta da distribuição de PALAVRAS-WH ;
- (iii) o mecanismo da gramática responsável pela presença de sujeito nas infinitivas , e , conseqüentemente , a possibilidade de se postular a ocorrência de PRO e pro em distribuição complementar .

Ao nível inter-linguístico , considerando os estudos realizados nesta direção , buscaremos explicações que possibilitem , em relação a (i) , alinhar o PB ao Francês ou ao Inglês , no que se refere a Marcação de Caso e Regência .⁽¹⁰⁾

Este exame nos possibilitará depreender as preposições que se comportam como complementizadores , pistas para o papel dos complementizadores e ainda verificar a possibilidade de postulação de Marcação Excepcional de Caso (doravante ECM) para o PB .

Assumindo que ECM é uma idiossincrasia das línguas⁽¹¹⁾ , o que significa dizer que este fenômeno serve para diferenciar línguas e não para diferenciar estilos em uma mesma língua , a

ocorrência de estruturas no PB (apesar de marginais) fornece-nos motivação para alinhar o PB ao Inglês .

Quanto ao papel dos complementizadores , a ser depreendido do comportamento das preposições , o nosso estudo se fundamentará basicamente em construções com FÁCIL / DIFÍCIL .

E , a esse respeito , seguimos a orientação de Bresnan (1972) , apontada por Lightfoot (1979 : 195) , estendendo-a para os complementizadores de um modo geral :

"Bresnan (1972) , noting differences between FOR and THAT complements , gives a semantic account , claiming that the key of the complementizer FOR lies in the meaning of the preposition FOR ."

A justificativa para esta opção repousa no fato de a preposição DE (nos contextos relevantes) , enfraquecida de sua força preposicional , parecer não reger nem atribuir Caso ao SN lexical , tendo apenas o papel de autorizar AGR/INFL , ocorrendo em distribuição complementar a [OI] . Além disso , a presença de DE parece possibilitar maior ocorrência de sujeito lexical e verbo infinitivo sem marca de flexão , ao passo que sua ausência contribui para a ocorrência de marca de flexão no verbo infinitivo .

Em relação a (ii) , acreditamos que a opcionalidade no preenchimento do Especificador de COMP é passível de ser realinhada com outras línguas , se se considera que o Francês permite tal estrutura , ao contrário do Inglês . A nível de especulação , parece-nos ser possível relacionar a possibilidade

de ocorrência desta estrutura à perda de flexão das línguas . (12)

Finalmente , sendo o PB uma língua de sujeito nulo , com infinitivo flexionado , tentaremos investigar a possibilidade de postular a complementaridade entre PRO e pro , através da compatibilização dos parâmetros Pro-drop e INFL . (13)

Como se pode perceber , os problemas a serem estudados , à primeira vista, parecem ocorrer por motivos opostos , uma vez que alguns se explicam pela flexão e outros , pela ausência e/ou perda gradual de flexão . Entretanto , os mesmos parecem ser instâncias de um único fenômeno : o fato de o PB ser uma língua Pro-drop que tende a se "despro-dropizar." As evidências para tal suposição podem ser sintetizadas do seguinte modo :

- (i) a preposição funcionando como complementizador (substituindo a flexão).
- (ii) a ocorrência de SN sujeito lexical nas infinitivas com DE , apontando evidências para a ordem SV no PB ;
- (iii) a ocorrência de PRO em distribuição complementar a pro ;
- (iv) a ocorrência do fenômeno de ECM .

Além deste capítulo introdutório que pretendeu situar a nossa proposta dentro de um quadro metodológico e apresentar as hipóteses levantadas , esta dissertação compõe-se de mais cinco capítulos . O Capítulo II apresenta uma revisão com resenhas dos estudos , por nós encontrados , sobre complementizadores e

preposições-complementizadores nas "chamadas línguas naturais" e nas línguas crioulas . No capítulo III encontra-se a descrição da metodologia empregada para coleta dos dados e os critérios utilizados para seleção dos mesmos . O Capítulo IV descreve e analisa os resultados obtidos . O capítulo V apresenta o impacto apresentado pelos resultados obtidos , quando da elicitación dos dados , para a discussão teórica . Finalmente , No capítulo VI apresentamos as conclusões de nosso trabalho .

.....

NOTAS AO CAPÍTULO I

1. A nossa reflexão se circunscreverá no âmbito da polémica DADO X INTUIÇÃO DO FALANTE . Quanto à segunda questão , que acreditamos estar suficientemente discutida , remetemos à leitura , principalmente , dos textos de Labov (1978) , Lavandera (1978) e Oliveira (1987) .

2. A esse respeito , ver Carden (1970) e Quirk e Starvik (1966) .

3. Não julgamos necessário retomar a discussão apresentada pelo autor . Para maiores detalhes , ver o texto em questão .

4. A esse respeito , ver Cheshire (1987:257).

5. Apud Tarallo (1987 :2)

6. O autor inclui em seu ensaio uma leitura paramétrica dos estudos sobre variação e mudança fonológicas . A mesma não foi incluída nesta resenha , porque foge ao escopo de nosso trabalho .

7. Como o nosso interesse se situa no âmbito dos refinamentos teóricos e metodológicos propostos pelos autores , optamos por apresentar apenas a primeira parte .

8. Embora tenhamos optado por trabalhar com o modelo proposto por Kato e Tarallo , achamos pertinente apresentar um outro ponto de

vista , evidenciado pela proposta de Adrados (1986) que , a partir da concepção de língua como um "sistema aberto , dinâmico do chamado tipo cibernético " , isto é a capacidade para FEEDBACK , em que "o colapso de sistemas internos da língua provoca sua recriação dentro de certas dimensões "(p.428), defende a tese de que "não há absolutamente universais evolucionários categóricos e especificáveis ". Para ele , há certas tendências que são , às vezes , circulares , isto é , as línguas "re-criam" estágios anteriores , ou então inovam a partir de possibilidades deixadas em aberto em sistemas pré-existentes ; e , "assim que um traço da língua entra em colapso , ele conduz em seu rastro a desintegração de vários outros e as línguas podem reverter ao tipo prévio ."(p.438) . Observe que esta proposta vai contra a de Kato e Tarallo , uma vez que a primeira tem a preocupação nítida de não relacionar estas "re-criações" das línguas a Universais da Mudança ; ao passo que os segundos , ao ampliarem o conceito de parâmetro , distanciam-se da proposta Chomskyana e de Adrados , no sentido de que possibilitam estabelecer a correlação : "re-criações" = Universais da Mudança.

Em um determinado momento , Adrados observa que os movimentos circulares das línguas se dão a partir de um determinado núcleo que é difícil de definir , mas que para Borer já está definido : a flexão , a partir da qual é possível parametrizar as línguas . Além disso , é necessário deixar claro que , ao considerarmos que a proposta de Kato e Tarallo distancia-se da de Chomsky e Adrados , significa que Adrados , trabalhando em uma linha tipológica , descarta a idéia de

Universais da Mudança , e aproxima -se da de Chomsky , pois à sua sugestão de que as línguas convergem e/ou divergem em função de um determinado núcleo , subjaz a idéia de elemento(s) universal(is) , anteriores aos então denominados "Universais da Mudança".

9. Cf. Chomsky (1981 : 54 , 305) , Stowell (1981 : 39) e Borer (1986 : 413).

10. Cf. Kayne (1981) , Bouchard (1984) , Rouveret e Vergnaud(1980) e Borer (1984 : 227).

11. Cf. Chomsky (1981 :50 , 66).

12. Geoghegan (1975 : 57) considera redundante a forma **THAT** que ocorria em **WHICH THAT** nas orações relativas no Middle English . Lightfoot (1979 : 336) , ao comentar esta análise, observa :

"It may be correct that the "redundant" THAT was a crutch which served to help speakers of language undergoing a set of major transitions involving word order changes , loss of inflections and much more."

13. Cf. Raposo (1987)

.....

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O objetivo deste capítulo será o de resenhar os estudos desenvolvidos sobre complementizadores e preposições complementizadores, no quadro teórico da Gramática Gerativa e na Teoria da Variação, nas línguas "naturais" e nas línguas crioulas.

O termo complementizador foi utilizado por Rosenbaum (1967 : 24-32) para designar em Inglês as partículas THAT, FOR-TO, POSS-ING (onde POSS (')) é o morfema Possessivo⁽¹⁾), consideradas por ele como marcadores que servem para distinguir complementação de predicado de outros tipos de complementos, sem geralmente afetar a interpretação semântica da sentença complemento, uma vez que, "implícito no termo "Complementizador", está a idéia de que estes morfemas se caracterizam como função da complementação de predicado e não como propriedade de qualquer sentença particular ou conjunto de sentenças." (p.25)

Na literatura gerativista subsequente, principalmente em trabalhos realizados no exterior, este termo tem sido objeto de muito estudo e controvérsia e, conforme Bresnan (1970 : 297) aponta, em muitas análises, estas partículas "têm sido consideradas como marcadores de subordinação, não tendo nem função semântica, nem função sintática significante." (2)

Para Bresnan (1972 : 9), complementizadores são os morfemas iniciais de orações que distinguem tipos de orações :

THAT , FOR , THAN , AS , WH ou Q⁽³⁾ e , em certos casos , "têm funções semânticas distintas que afetam sua compatibilidade com vários predicados ." (p.68)

Ao apresentar a sua proposta , a autora levanta questões que , a nosso ver , continuam ainda sem respostas e serão retomadas neste trabalho : "Que são complementizadores ? Qual a sua função ? Estas partículas de orações são encontradas nos mais diferentes subsistemas da sintaxe Inglesa — na complementação de predicado , nas construções comparativas e relativas . Que estão elas fazendo aí ?" (p.6)

Para Bresnan , a tarefa de responder a estas questões deve ser protelada , por reconhecer que as evidências que motivariam "insights" a respeito deste assunto dependem de ampla investigação inter-lingüística , que possibilite a parametrização das características dos complementizadores , conforme se pode depreender de suas palavras :

"I must confess at once that I cannot answer these questions : without detailed and careful research into many languages , one cannot begin to define "complementizer" in an adequate way ." (p.6)

Conseqüentemente , a proposta básica de seu trabalho é mostrar que "estas partículas do Inglês que eu denomino "complementizadores" são passíveis de interesse e talvez mesmo se constituam em uma categoria sintática." (p.6)

De um modo geral , pode-se afirmar que a linha ortodoxa

de tratamento do sistema complementizador na gramática gerativa assume (1) como expansão para o núcleo de COMP , conforme , Chomsky (1981 : 53):

$$(1) \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} [+WH] \\ \text{FOR} \end{array} \right\}$$

em que [+WH] é núcleo de interrogativas (diretas ou indiretas) , [-WH] é traduzido por THAT (em orações finitas) e FOR em orações infinitivas) .

Entretanto , a necessidade de maior compreensão da complementação proposicional , tanto em relação às construções infinitivas , quanto em relação às construções interrogativas (certas línguas admitem COMP duplamente preenchido) , tem favorecido o surgimento de propostas alternativas mais abrangentes , objetivando explicitar o papel desempenhado por certos elementos (principalmente preposições) que parecem exibir comportamento similar ao de complementizadores , assim como o papel dos elementos interrogativos WH que , na sentença , podem co-ocorrer com o "complementizador" QUE .

Em relação à expansão do nóculo COMP , de modo a possibilitar a inclusão de preposições que introduzem proposições completivas , podemos destacar duas propostas básicas e até certo ponto similares : a primeira , formulada por Culicover e Wilkins (1984) , postula a regra de expansão de COMP de modo a incluir não apenas FOR mas também qualquer preposição que co-ocorra com S : until , before , because , if , then , although... , com a função de bloquear extração :

$$(2) \text{ COMP} \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} + \\ - \end{array} \text{ WH , P} \right\}$$

A segunda, a de Emonds (1985), também inclui as preposições no quadro de complementizadores, através de uma proposta mais radical: para ele, os morfemas complementizadores são os subconjuntos de P que aparecem no contexto /— S e possuem os seguintes valores: THAT, Ø, WH (IF), P lexical e FOR.

Em relação às três descrições apontadas acima, pode-se afirmar que as mesmas orientaram o trabalho da maioria dos lingüistas gerativistas, até o surgimento da proposta mais abrangente, encontrada em Chomsky (1986: 3-6).

Nela, o autor apresenta-nos uma nova versão da teoria-X' em que estende o nível duas barras às categorias não-lexicais, passando as categorias oracionais S e S' a serem denominadas I'' (INFL) e C'' (COMPLEMENTIZADOR), e referidas como CP e IP respectivamente, com as seguintes estruturas:

$$(3) S = I'' = \text{INP} [I' [\text{vp} \quad V \dots]]$$

$$(4) \bar{S} = C'' = [\dots [C' \quad C \quad I'']]$$

Para o nóculo CP é proposta a estrutura (5) abaixo, em que X'' pode ser ocupado por WH-phrase ou outro elemento sujeito às mesmas condições na Forma Lógica (talvez um operador vazio) e V_i pode ser um elemento verbal flexionado ou um complementizador, sendo que, destes três elementos, apenas dois podem aparecer na posição de especificador (que é opcional) e outro na posição de

núcleo ". (p.6)

(5) [CP (X'') (V_i) IP]

Em relação ao Brasil , a literatura linguística não tem focalizado o estudo do sistema complementizador . Este fato criou uma lacuna na descrição do Português do Brasil , cujo preenchimento por si só justificaria a realização deste trabalho . Referências esparsas e não muito esclarecedoras ocorrem em alguns trabalhos , refletindo , na maioria das vezes , certo reducionismo , uma vez que se caracterizam pela simples transposição das descrições já apresentadas , que se preocupam em descrever sistemas outros que não o Português . Evidência disto é o fato de se encontrarem assunções heterogêneas quanto à caracterização dos elementos que compõem este sistema .

O levantamento feito sobre o que se considera complementizador no PB nos revela dois tipos de abordagem : de um lado , Tarallo (1983) , argumenta que "COMP possui duas posições em Português : ((+WH) isto é , pronomes relativos) e ((-WH) isto é os complementizadores) e observa que a ocorrência de COMP duplamente preenchido em orações relativas do tipo "A casa onde que eu moro" fornece evidências que confirmam o fato de o elemento QUE realmente se comportar como complementizador."⁽⁴⁾

Seguindo esta mesma linha de raciocínio , Lemle (1984 : 100-101) considera SE , QUE e Ø como elementos da classe dos complementizadores , atribuindo-lhes a seguinte distribuição : QUE é o introdutor das orações subordinadas tradicionalmente chamadas

opção .

Apontadas as tendências , descrições e/ou postulações a respeito de complementizadores , é nosso propósito agora examinar os trabalhos que foram realizados em algumas línguas , a fim de encontrar suporte para iniciar o trabalho propriamente dito , a saber : retomar e tentar encontrar evidências para responder às questões colocadas por Bresnan .

Inicialmente , é interessante observar que caracterizar preposições que introduzem proposições infinitivas como complementizadores , não é um fato recente na investigação linguística , uma vez que já Jespersen em 1927 " traces the syntactic evolution of the preposition FOR into what we would call a true complementizer".⁽⁵⁾

A preocupação com respeito a esta investigação tem-se acentuado , à medida que assumem importância as evidências derivadas de estudos em diversas línguas .

Duas diferentes linhas de pesquisa norteiam os estudos feitos em relação às preposições : de um lado , aqueles desenvolvidos em relação às línguas crioulas , que se preocupam em mostrar como as gramáticas variam e sofrem modificações , através de análises de dados comparativos referentes a diferentes estágios ou em relação a outras línguas ; de outro , aqueles de caráter sincrónico sobre as chamadas línguas naturais , como o Francês , Galês , Holandês , Italiano , Ottawa Valley English (doravante OVE) , Português Europeu (doravante PE) e PB .

Quanto aos elementos interrogativos WH , verifica-se que há línguas que fornecem evidências para se postular que os mesmos

podem co-ocorrer com QUE , conforme se pode constatar nos trabalhos de Lefebvre (1981) , em relação ao Francês de Montréal , afirmações de Den Besten (1981) no que se refere ao Afrikaans , considerações de Tarallo (1983) e Lemle (1984) , além de uma proposta mais abrangente e atual de Aoun (1986) que se preocupa em caracterizar o comportamento dos elementos interrogativos .

Para maior clareza de exposição , dividiremos o exame das análises por nós encontradas em duas partes : (1) Preposições - Complementizadores e (2) Elementos Interrogativos WH .

1. PREPOSIÇÕES-COMPLEMENTIZADORES

1.1. ESTUDOS REALIZADOS EM LÍNGUAS CRIOULAS⁽⁶⁾

Em relação às línguas crioulas , o algoritmo perseguido é a hipótese universal e "metalingüística" denominada "hipótese Localista"⁽⁷⁾ que postula que "em crioulização e por extensão em qualquer processo de invenção gramatical , categorias abstratas gramaticais derivam de categorias semanticamente espaço - temporais , ou seja , palavras funcionais derivam de palavras de conteúdo" ⁽⁸⁾

É necessário salientar que , apesar de a nossa proposta de trabalho não se caracterizar por um estudo diacrônico , julgamos relevante apresentar estes trabalhos , e , ao fazê-lo , estamos assumindo a hipótese de Kay e Sankoff (1974) , segundo a qual "tais línguas revelam de maneira mais direta que as chamadas línguas naturais , os princípios e processos universais que subjazem à faculdade humana da linguagem" ⁽⁹⁾

Washabaugh (1975)⁽¹⁰⁾, ao estudar o Providence Island Creole⁽¹¹⁾ (doravante PIC), tem como proposta básica mostrar que o desenvolvimento de complementizadores, principalmente complementizadores infinitivos, é um processo comum a todos os casos de elaboração da gramática, e, no caso específico do PIC, a preocupação básica é demonstrar que o complementizador sentencial não-finito "FI" (similar a FOR)⁽¹²⁾ origina-se de uma preposição (locativa).

Vários estudos em línguas crioulas são apresentados pelo autor⁽¹³⁾ para sustentar a hipótese acima mencionada, dentre eles, o de Sankoff (1975) e o de Traugott (1974).

Através dos estudos realizados sobre o Tok Pisin, Sankoff mostra que o advérbio de lugar "ia", normalmente empregado como demonstrativo, similar ao "ci" do Francês, em "celui-ci", está adquirindo o papel sintático de relativizador, conforme sentença (7):

(7) "Yu stap hia".

Este emprego é a fonte para o uso recente de "ia" como um "artifício / relativizador parentético", em sentenças como:

(8) "Yupela lukim meri ia bipo igo stap ia?"

Do you see the woman who used to live here? (p.114)

Washabaugh deixa claro que, apesar de o objetivo de Sankoff ser o de ilustrar a função discursiva de "ia", o surgimento de um relativizador através de um advérbio de lugar, corrobora a hipótese geral.

Traugott (1974) discute o papel das preposições locativas no desenvolvimento gramatical de marcadores de tempo e aspecto,

explicitando o modo pelo qual locativos são estendidos a marcadores de tempo e aspecto na aquisição da linguagem em criouliização .

Além destes dois trabalhos , Washabaugh ainda observa que dados comparativos evidenciam a evolução da preposição complementizador "fi" derivada da função preposicional de "fi" . Dados do PIC , JC , WEST AFRICAN PIDGIN ENGLISH , SRANAN e TWI (línguas cognatas do PIC) fornecem evidências para reconstrução do desenvolvimento do Caribbean English "fi-fo-fuh".

Com base nas evidências apresentadas , o autor (p.131) conclui que a evolução do complementizador é um processo universal e sugere que o "laço entre preposição e complementizadores ocorre devido a uma característica da capacidade humana da linguagem".

Para maior suporte , são apresentadas evidências comparativas em outras línguas recentemente expandidas , a saber : tanto em Gullah quanto em Sranan , as preposições "fuh" e "fo" , respectivamente , funcionam como preposição , como infinitizador e como uma preposição-infinitizadora ; também no Crioulo das Ilhas do Cabo Verde , "pa-p'ra (para) é empregada como preposição locativa , como complementizador infinitivo e como preposição - complementizador , conforme os exemplos a seguir :

(9) nu ba pa' fora pa' camp'.(preposição locativa)

(We went out to the fields . Parsons 1920 : 37)

(10) oo tey , n ta paɖabu pa jɔdan .

(Oh tey I beg you help me (Meintel 1973 :44)

(preposição -infinitizadora)

(11) ele ba p'ele ba cume cachupa na caldera .

(He went to eat some soup in the pot (Parsons
1920:36) - preposição - complementizador))

A utilização de "pa" como preposição-complementizador também ocorre no Crioulo Português do Senegal⁽¹⁵⁾ e , no Crioulo Francês da Ilha Maurício , "pu" (pour) é encontrado como preposição , como infinitizador e como preposição - complementizador .

A preposição FOR introduz construções complemento no Crioulo Havaiano e serve como preposição e como complementizador em algumas versões do "American Indian Pidgin English".

Finalmente , o autor apresenta as últimas evidências para sustentar a hipótese que estabelece um elo entre preposição e complementizador : E . Moravcsik (1972) , J. Hinds (1973) , L. Gorbet (1973) e R. Clark (1973) mostram que muitas línguas possuem um complementizador que é homônimo da preposição (locativa) , entre elas , o Hebreu tem "le" , o alemão tem "zu" , o Sualí tem "ku-/kw" , o húngaro tem "ni" , o tahi tem "thi:" , etc .

Aos trabalhos apontados por Washabaugh , podemos acrescentar o de Woolford (1981) que argumenta que o mecanismo da mudança pela qual Tok Pisin desenvolve um sistema complementizador , é um processo comum de mudança lingüística , a "Renálise Sintática"⁽¹⁶⁾ , que criou três tipos de complementizadores :

- (12) a. um da preposição geral——> LONG (to , of , for)
b. um do advérbio—————> OLSEM (thusly)
c. um da conjunção —————> NA (and)

Entre as evidências apresentadas pela autora , podemos destacar : (i) "um sistema gramatical , que inclua complementos do tipo \bar{S} e complementizadores , prediz o atual comportamento de "long" , "olsem" e "na" , melhor do que um sistema que não o tenha " ; (ii) "um quarto complementizador , "we" começou a aparecer , recentemente , na posição de superfície , que não existia no Tok Pisin , antes de a estrutura \bar{S} ter sido introduzida" (p.127) .

Finalmente , Koopman e Lefebvre (1981) mostram , no quadro teórico de Chomsky (1978) , H. den Besten (1978) e H. van Riemsdijk (1978) , que o complementizador "pu" (do crioulo haitiano) tem duas origens : o marcador modal "pu" e a preposição que introduz complementos finais .

Esta constatação evidencia que o "pu" haitiano tem similaridades e diferenças com complementizadores em outras línguas crioulas como o PIC ("fi") e o Guyanese ("fu") e , em função disto , as autoras propõem um refinamento da hipótese de Washabaugh , a saber : complementizadores podem derivar tanto de preposições introduzindo complementos finais , quanto de marcadores modais .

1.2. ESTUDOS REALIZADOS " NAS CHAMADAS LÍNGUAS NATURAIS "

De um modo geral , os estudos das preposições consideradas "preposições=complementizadores" nestas línguas têm objetivado comprovar a similaridade de comportamento entre as

mesmas e a preposição **FOR** do Inglês , no que se refere à função de reger a posição de sujeito adjacente , quando a sua ocorrência é possível , ou então bloquear a regência de uma categoria vazia na posição de sujeito .

1.2.1. NO FRANCÊS

1.2.1.1. A PROPOSTA DE KAYNE

Kayne (1981) tem como proposta básica mostrar que a diferença entre Inglês e Francês no que se refere a "Preposition Stranding" pode ser explicada através da correlação da mesma aos fatos de Excepcional Marcação de Caso (doravante ECM).

Para estabelecer esta correlação , em um primeiro momento , o autor faz uma análise comparativa entre o sistema complementizador Francês e Inglês , com o objetivo de mostrar que , assim como o complementizador francês corresponde ao complementizador **THAT** inglês , a preposição **DE** é a contraparte francesa do complementizador **FOR** .

A argumentação se desenvolve no sentido de mostrar que **DE** e **FOR** são similares em vários aspectos , mas diferem quanto ao fato de apenas **FOR** permitir sujeito lexical (o que é explicado pelo autor através do Filtro de Caso que exige que cada SN lexical receba Caso) e pelo fato de sujeitos de infinitivas não poderem receber Caso de dentro de **S** , comprovando , então , que o complementizador **DE** não pode atribuir Caso ao sujeito da infinitiva , ao passo que **FOR** o pode .

Esta distinção se deve à diferença de regência existente no Inglês e no Francês . Para o autor , em Inglês **P** e **V** regem estruturalmente , ao passo que em Francês , **P** rege inerentemente

(através de subcategorização) e V rege estruturalmente, ou seja, complementizadores preposicionais ingleses regem a posição de sujeito da infinitiva, mas complementizadores franceses não regem.

Esta constatação, além de possibilitar ao autor considerar \bar{A} complementizador, em virtude de também ser compatível com controle e incompatível com sujeito lexical, leva-o a assumir a proposta de Chomsky e Lasnik (1977) no que se refere à existência de um complementizador $I\bar{0}$ 1 (diferente de FOR e DE por não ter realização fonológica) que atribuiria Caso ao sujeito da infinitiva em Inglês, tornando, portanto, desnecessário postular ECM para o Inglês.

1.2.1.2. A PROPOSTA DE VINET

Vinet (1981) propõe duas estruturas diferentes em Francês para prover a representação completa das sentenças infinitivas (\bar{S} e $PP \rightarrow P \bar{S}$), no quadro teórico de GB, com o objetivo de dar conta das diferenças existentes entre orações relativas em \bar{A} e frases em POUR, derivando, das mesmas, evidências para princípios universais da UG.

Para a postulação de duas estruturas na gramática do Francês, são apresentadas justificativas empíricas baseadas na simetria existente entre frases finitas e infinitivas que se apresentam tanto sob a forma de sintagmas preposicionais, quanto de categorias \bar{S} .

A argumentação da autora se centra em torno da postulação da presença do elemento PRO na posição sujeito que, por permitir

interpretar adequadamente toda S como possuindo sujeito , dentre outros fatos , dá conta da diferença de interpretação entre relativas infinitivas em À e sentenças em POUR .

Para explicitar esta diferença , são assumidas análises que dão a À e DE o estatuto complementizador , entre elas , a de Huot (1977) e Kayne (1981) .

Além disso , a autora preocupa-se em dar conta das outras preposições introdutoras de infinitivas , uma vez que algumas bloqueiam movimento para fora das infinitivas encaixadas , introduzindo ilhas , no sentido apontado por Erteschik (1973)⁽¹⁷⁾ e outras , denominadas "preposições-pontes" (à , de , pour , etc...) , permitem movimento livre . Segundo ela , considerar todas estas preposições como complementizadores , seria uma contradição flagrante com a própria noção de complementizador .⁽¹⁸⁾

Estes fatos levam-na a considerar que a admissão ou não de extração está ligada não à escolha da preposição , mas sim ao fato de esta ser ou não um argumento do verbo .(no sentido de Rouveret e Vergnaud (1980 : 160)⁽¹⁹⁾ , estendendo a noção de argumento , que nos autores acima mencionados refere-se ao SN , às preposições :

(13) PREP → PREP^(P) se PREP é subcategorizada por V^(P)

1.2.1.3. A PROPOSTA DE LONG

Long (1976) apresenta evidências para comprovar que partículas infinitivas são complementizadores e DE é o

complementizador básico para infinitivas em Francês . São discutidos os meios formais de inserir e/ou apagar complementizadores infinitivos , através do cotejamento de três versões da Gramática Gerativa : a Teoria Padrão , a Hipótese Interpretativo-Lexicalista e ainda propostas que permitem lexicalização de estruturas derivadas .

Por considerar que o critério da função sintática é problemático , uma vez que não é possível associar "de" ao nóduo COMP em posição inicial de oração , pelo fato de não se ter no Francês moderno padrão infinitivas com sujeito na superfície⁽²⁰⁾ , o autor assume que "o critério que tem maior peso é o de marcador de subordinação sintática "⁽²¹⁾ , adotando-o para aplicar o termo complementizador às partículas infinitivas DE e À .

São apresentados então contextos em que estas partículas não podem ser consideradas como meros elementos transicionais entre o verbo e o complemento , assim como instâncias de DE opcional , em construções com deslocamento à esquerda e após adjetivos da classe "tough" .

A prioridade de DE seria expressa diretamente em uma descrição gerativa , onde COMP é transformacionalmente inserido diante de todos os infinitivos e subsequente apagamento (ou substituição de À por DE) em alguns ambientes .

1.2.1.4. A PROPOSTA DE HUOT

HUOT (1981) tem como objetivo central esclarecer o estatuto de À e DE precedendo um infinitivo , no quadro

teórico da Gramática Gerativa Transformacional - Teoria Padrão Estendida .

A autora chega à conclusão de que "de" exerce o papel de complementizador , nos contextos relevantes , encontrando evidências para tal , ao traçar o paralelismo de funcionamento sintático entre a completiva em "que" e "de + infinitivo" . Por outro lado , " à " será sempre uma preposição , considerando que à estrutura "de + infinitivo " correspondem tanto a estrutura \bar{S} , quanto a estrutura $PREP + \bar{S}$, e à estrutura " à + infinitivo " , corresponde apenas a estrutura $PREP + \bar{S}$ propondo a seguinte estrutura para COMP :

$$(14) \text{ COMP [-QU] } \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{QUE} / \text{---} (X) V_i) \\ \text{DE} \end{array} \right\}$$

Leia-se : COMP [-QU] é chamado "que" se é seguido de um verbo temporalmente marcado (V_i) , senão será "de" . (p.39)

1.2.2. NO ITALIANO

Similar à proposta de Vinet , encontramos a de Rizzi (1982) que aponta evidências para o fato de haver diferenças no estatuto dos elementos introdutórios de infinitivas .

Para os verbos que tomam complementos normais introduzidos por preposições em orações infinitivas , Rizzi propõe a estrutura (15) , ao passo que verbos da classe dizer e epistêmicos (que não são subcategorizados por preposições) e os que tomam infinitivos de controle , introduzidos por "di" e " a " (mas não tomam objetos preposicionais) , teriam a estrutura (16) :

considera que este NP é sujeito da infinitiva e não complemento de FOR .

1.2.4. NO HOLANDESES

Koster e May (1982) , ao discutirem e apresentarem argumentos a favor da análise \bar{S} para as infinitivas , em detrimento da análise VP , mostram que , assim como o Inglês possui a preposição FOR que às vezes se comporta como complementizador , o Holandês possui "om" que ocorre não somente como complementizador , mas também como preposição .

1.2.5. NO GALÊS

Borsley (1986) tem como interesse central estudar as preposições complementizadoras em Galês⁽²²⁾ , definindo-as como "items which look like prepositions and have some of the properties of prepositions but appear in positions in which complementizers appear ".(p.67)

A proposta básica do autor é mostrar que as assunções de GB impedem uma explicação adequada dos fatos do Galês (com base em certos aspectos relacionados à concordância e distribuição destes elementos) e apresentar evidências para se considerar infinitivas sem sujeito como "bare" VPs.

1.2.6. NO PORTUGUÊS

No caso específico do Português que , ao contrário das línguas até então estudadas , possui infinitivo flexionado , os estudos desenvolvidos divergem em relação ao PE e PB : de um lado , em relação ao PE , Rouveret (1980 : 82-90) considera que um COMP nulo é condição essencial para que uma oração infinitiva flexionada tenha sujeito lexical ⁽²³⁾ , sugerindo a possibilidade de uma preposição preencher COMP , ao afirmar que a sua hipótese é confirmada pela agramaticalidade de enunciados em que COMP é efetivamente preenchido , como ocorre em (17) :

(17) * Este exercício é fácil de nós resolvermos . ⁽²⁴⁾

Raposo (1987 : 95-98) considera que complementos infinitivos de predicados epistêmicos e de volição subcategorizam CPs , enquanto sentenças infinitivas sujeito (cf.20) e predicados factivos (cf.19) não pertencem à categoria CP e sim , à categoria IP . Assim , a preposição que ocorre em estruturas do tipo (18,19) seria uma preposição "dummy" que "salvaria" a sentença , regendo e atribuindo Caso ao elemento AGR .

(18) Eles estão ansiosos de/por votarem a proposta .

(19) Nós lamentamos [NP o facto de [IP eles terem recebido pouco dinheiro .]]

(20) Será difícil [IP aprovar a proposta]

Em relação ao PB , Moreira da Silva (1983 : 291-317) , estudando o papel desempenhado por preposições infinitivas , examina as sugestões de Rouveret , Kayne e Rizzi , com o objetivo de verificar a possibilidade de se estender estas análises ao PB .

O exame dos dados leva o autor a considerar plausível atribuir à preposição DE no PB o estatuto de um complementizador . Entretanto , algumas questões são levantadas em relação à postulação de um COMP vazio e/ou nulo para o PB :

(i) "Vale a pena integrar um complementizador abstrato [Ø] no lugar de [e] na gramática do PB ?

(ii) " [Ø] se alterna com outras preposições - complementizadores ?"

(iii) "Pode-se atribuir a estes complementizadores a força de reger e atribuir Caso aos SNs sujeitos que lhes seguem ?"

(iv) "São eles intermediários da regência do verbo superordenado ?"

(v) " Por que não há controle onde poderia ocorrer ?"

(vi) "Qual é o verdadeiro papel de COMP no PB , a não ser alojar um elemento-QU ou eventualmente um outro sintagma ?"

A resposta a estas questões é dada indiretamente , através da constatação da "auto-suficiência " das infinitivas flexionadas , cujos SNs sujeitos são regidos e recebem Caso em seus domínios .

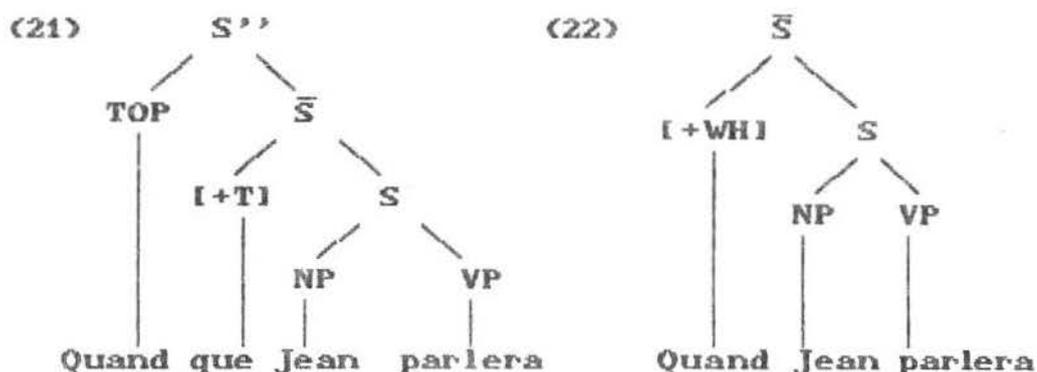
A adoção desta hipótese , no entender de Moreira da Silva , acarreta duas consequências , que ultrapassam o escopo das proposições infinitivas e estão profundamente imbricadas , a saber : a primeira é que qualquer estudo sobre o estatuto do COMP destas proposições deve ser desvinculado do estudo da posição sujeito das mesmas , isto é , as proposições infinitivas nada têm a dizer sobre o papel de seus COMPs ; e a segunda se refere ao fato de o verdadeiro papel de COMP no PB não ter sido ainda

suficientemente investigado .

2. ELEMENTOS INTERROGATIVOS WH

2.1. A PROPOSTA DE LEFEBVRE

Lefebvre (1981) discute , no quadro teórico da Teoria Padrão Estendida , aspectos de variação sintática , através da análise da estrutura da questão no Francês de Montréal , concluindo que há mais de uma posição para os elementos WH : uma posição de Tópico sob S'' e outra na posição WH em \bar{S} (25) , conforme as estruturas abaixo :



A postulação destas estruturas permite à autora dar conta das formas alternadas *quoi/que* como pronomes interrogativos e explicitar também porque a inversão estilística em alguns dialetos do Francês é possível e obrigatória e em outros , não é possível .

É sugerido ainda que se pode argumentar que variação sintática dentro de uma mesma língua é do mesmo tipo de variação sintática entre línguas e que , a partir destas observações , é possível parametrizar línguas no sentido de algumas possuírem TOP em \bar{S} como a única posição para [+WH] e outras o terem em \bar{S} ,

conforme ela mesma cita : o Haitiano tem apenas \bar{S} como posição para [+WH] , o Inglês parece ter apenas \bar{S} e o Francês , as duas posições , predominando , no Francês padrão , a posição sob \bar{S} .

O resultado obtido , a partir de dados empíricos , evidencia que alguns falantes parecem ter somente S", outros possuem as duas estruturas , embora condicionadas estilisticamente : o estilo formal favorece a seleção de \bar{S} como posição para a palavra-WH e o estilo informal favorece a seleção de S" como a posição para todas as palavras-WH , exceto "qui" .

2.2. A PROPOSTA DE AOUN

Aoun (1986) objetiva dar conta do comportamento das interrogativas WH na sintaxe e na Forma lógica , de um ponto de vista comparativo , em relação a três tipos de línguas : línguas como o Inglês , línguas como o Chinês ou Japonês e línguas como o Francês , que se comportam diferentemente quanto a permitir movimento na Sintaxe e/ou na Forma Lógica .

Através desse relato , podemos perceber que a controvérsia em torno do sistema complementizador fomentou o debate e forneceu propostas alternativas .

Os fatos esboçados evidenciam mais uma vez a relevância de um estudo a respeito de complementizadores e conseqüentemente , do sistema complementizador no PB , que contribua para minimizar a controvérsia existente , uma vez que nenhuma destas explicações se mostrou exaustiva o bastante para se chegar a conclusões mais definitivas .

NOTAS AO CAPÍTULO II

1. Rosenbaum faz referência a uma segunda classe de complementizadores : os complementizadores WH (When , Why , Where , What ...) e IF e Whether , observando que o seu estudo não se estenderá a esta classe . (p.32 , n.1)

2. Apud Long (1976 : 206)

3. As partículas Poss-ing e To são excluídas da classe dos complementizadores , em virtude de a ocorrência das mesmas ser inteiramente predizível , e pelo fato de a autora associar "reais" complementizadores ao nóculo inicial da oração , COMP . (Bresnan 1970 : 300 , n.3 e 313-314 , n.16)

4. As orações relativas já foram estudadas exaustivamente no trabalho mencionado . Assumiremos , portanto , o QUE das orações relativas como complementizadores , e , para maiores esclarecimentos , remetemos à leitura do texto em questão .

5. Apud Bresnan (1972 : 76)

6. A subdivisão entre "línguas crioulas" e as "chamadas línguas naturais" foi estabelecida a fim de atender a critérios puramente expositivos .

7. A hipótese localista parte do princípio de que "todo

conhecimento humano se desenvolve do simples e concreto para o complexo e abstrato ". (Piaget , 1970 : 62 , Vygotsky , 1962 : 52-81)

8. Apud Washabaugh (1975 : 113)

9. Apud Tarallo e Alkmin (1987 : 115)

10. O autor justifica a opção pela língua crioula , por considerar que os efeitos do princípio já mencionado "são mais perceptíveis em gramáticas que estão mudando rapidamente e expandindo suas estruturas " , e por considerar que "crioulização e aquisição da gramática são situações de rápida mudança estrutural onde se pode esperar encontrar este princípio claramente operativo ". (p.113)

11. Optamos por fornecer uma rápida localização das línguas crioulas mencionadas no texto de uma só vez , embora salientando que não nos foi possível encontrar referências a respeito de todas elas :

a) **Providence Island Creole (PIC)** ———> versão do Inglês do Caribe , similar ao da Jamaica . (apud Washabaugh (1975:115)) ;

b) **Tok Pisin** ———> mescla de contato de base inglesa , falada na Papua-Nova Guiné . (apud Tarallo e Alkmin (1987 : 85)) ;

c) **Gullah** ———> falado em Sea Island , nos Estados Unidos , em fase de extinção . (apud Tarallo e Alkmin (1987:106) ;

d) **Sranan** ———> crioulo inglês do litoral do Suriname , também falado ao longo da costa da Guiana . (apud Hancock (1971 :

514)) ;

e) **Suahili** —> resultado do contato árabe-banto , falado a leste da África , principalmente Quênia , Tanzânia e em Camores .(apud Hancock , 1971 : 518 e Tarallo e Alkmin , 1987 :90)

f) **Afrikans** —> variedade do Holandês , falada na África do Sul .(apud Tarallo e Alkmin , 1987 : 112)

12. O autor propõe que COMP "might well be considered to be a specific type of deep level preposition , namely , one which introduces an NP which is expanded into a sentence , and marks the relationship of that expanded NP to other constituents of the sentence . In short , I argue that COMP and specifically the FOR complementizer derives from a deep level preposition " ; e ainda observa que não perseguirá este argumento , em relação à sintaxe do Inglês , mas que há evidências para tal derivação do complementizador "f1" em PIC (p.122) .

13. Dentre os estudos apresentados pelo autor , mencionaremos apenas aqueles que consideramos relevantes para o nosso estudo , isto é , os que se referem e/ou se relacionam a preposições .

14. A diferença entre preposição-complementizador e preposição de infinitivo ou complementizador de infinitivo reside no fato de , no primeiro caso , o morfema ser simultaneamente preposição (porque toma o NP núcleo da oração complemento como seu objeto) e ser complementizador (porque relaciona a oração complemento à sentença matriz) e , no segundo , o NP núcleo da oração

complemento ser apagado ." (Cf. Washabaugh , 1975 : 123)

15. O autor traça um paralelo entre "pa" e o "para" do Português , refutando a sugestão de Muysken (s.d.) para quem o infinitivo pessoal português foi usado em pidginização como um modelo para a formação da construção paralela em pidgin , mantido no Crioulo Português e relexificado em outros crioulos .

Tal sugestão é , entretanto , considerada duvidosa pelo autor , com base na diferença de comportamento do pronome que antecede o infinitivo : no Português , o pronome está no caso nominativo e a preposição é utilizada como conjunção que introduz um verbo finito ; no Crioulo Português do Cabo Verde e Crioulo Inglês do Caribe , o pronome é objeto da preposição e o verbo não tem sujeito superficial .

Além disso , o autor acrescenta :

"The history of the PORTUGUESE construction substantiates my claim that the preposition in the "personal infinitive" really functions as a conjunction and that since the pronoun is in the nominative case , the infinitive should not really be called an infinitive at all . According to Williams (1962 :182) it is generally agreed that the "personal infinitive" with its inflections derives from the Latin imperfect subjunctive. "With complete usurpation by the pluperfect subjunctive , the latter continued to survive as an infinitive in such expressions as que fazer ... and as a personal infinitive through omission of subordinating conjunctions or through substitution of prepositions for subordinating conjunctions , such substitutions having begun in Medieval LATIN , e.g. plaguit nobis in (for ut) fazeremus". Such a substitution of prepositions for

conjunctions in a situation of radical language change is, of course, completely consistent with the hypothesis being argued in this paper."(p.132-133, n.13)

16. Langacker (1977) descreve Reanálise Sintática como um processo no qual a sentença é reanalisada por alguns aprendizes da linguagem como tendo uma estrutura subjacente diferente. Esta reanálise da estrutura subjacente não produz qualquer mudança imediata na sequência de superfície, razão pela qual a comunicação não é prejudicada. (apud Woolford, 1981: 126).

17. "Erteschik (1973) propose plus précisément que l'extraction est possible uniquement hors des compléments de certain verbes et adjectifs. Les catégories du typ (-V), i.e. N et PREP étaient exclus de la classe des ponts." (apud Vinet, 1981: 85, n.8).

18. A autora não deixa claro o que quer dizer com a "própria noção de complementizador".

19. A noção de argumento proposta por Rouveret e Vergnaud (1980) (conforme os próprios autores afirmam) é uma noção puramente estrutural e foi introduzida para precisar a noção de "complexo verbal" utilizada na análise proposta para orações causativas:

ARGUMENT INDEXING CONVENTION :

NP \longrightarrow if NP is governed by [-N]

NOÇÃO DE ARGUMENTO DE P :

"An NP is an argument of "P" in surface structure if and only if it bears the superscript "P"

A idéia é a de que cada complexo verbal em uma estrutura é identificado por algum inteiro "p" e cada elemento [-N] no complexo verbal "p" exibe o superescrito, porque este indica a relação de argumento que se mantém entre este NP e algum complexo verbal.

20. "The problem of determining whether de occurs in absolute clause-initial position is complicated by the absence, in modern Standard French, of infinitives with surface subjects. That is, it is virtually impossible to say whether French particles correspond more closely to English for or English to. There is, of course, the argument that French infinitives already have a distinctive ending, so that the quasi-inflectional role of English to does not fall to de. In old French, moreover, where infinitives could have surface subjects, the latter were sometimes preceded by "de": dist ...que ce astoit grief chose de riche home enter ou reigne dou ciel "He said that it was a difficult matter for a rich man to enter the kingdom of heaven"; (...) Finally, in modern French dialects where infinitives may have surface subjects after prepositions, there is no de preceding the VP: Je ne suis pas très partisan de les vieux changer leur arrangement de tête "I'm not much in favor of old people changing their ways of thinking".(p.217-218, n.3)

21. O autor não foge à visão costumeira de se considerar complementizadores como marcadores de subordinação sintática. Observe:

"The exact syntactic function of complementizers, here or elsewhere, remains an open question. Probably no more can be said in the present instance than that complementizers mark subordinate clauses as such and sometimes serve (...) to distinguish between semantically divergent complement types." (p.218, n.4).

22. O Galês possui duas preposições complementizadoras; "i"(=to) que ocorre em orações não finitas e infinitivas Equi e de Alçamento e "o" (=from) que ocorre apenas com infinitivas sem sujeito.

23. A hipótese desenvolvida pelo autor visa mostrar que a ocorrência de NPs lexicais adjacentes a COMP depende de uma

relação entre estes elementos e a posição COMP que o rege , através da combinação das noções de Categoria Mínima de regência e Marcação de traços categoriais . (p.86-90)

24. Esta sentença é gramatical no PE , embora de difícil ocorrência .

25. A autora assume a expansão de \bar{S} proposta por Riemsdijk (1978) e Den Besten (1978) para o Holandês e para o Inglês :

$\bar{S} \longrightarrow \text{TOP } \bar{S}$

$\bar{S} \longrightarrow \overset{+}{\text{WH}} \overset{+}{\text{T}} \text{ S}$

+T \longrightarrow que (complementizador)

-T \longrightarrow de

+WH \longrightarrow pronomes interrogativos

-WH \longrightarrow pronomes WH não interrogativos

.....

O UNIVERSO DA PESQUISA

Este capítulo buscará descrever o procedimento utilizado para coleta e seleção dos dados utilizados para constituição do *corpus*, assim como os critérios estabelecidos para estipular os elementos considerados como complementizadores.

O universo do presente estudo constituiu-se de *corpora* orais e escritos. O primeiro, composto de cinco horas de gravação retiradas do Projeto NURC⁽¹⁾ (Diálogo entre dois informantes e o documentador, Diálogo entre um informante e o documentador e Elocução em atitude formal) e o segundo, por editoriais do Jornal "Folha de São Paulo" e artigos da Revista "Veja".

Foram analisadas e quantificadas 1.980 orações com o objetivo de investigar os elementos que introduzem orações completivas, relativas de infinitivo, adjetivais e interrogativas diretas e indiretas; os fatores correlacionados à presença ou ausência destes elementos, e que papel os mesmos desempenham no PB, além do de introduzir orações completivas e interrogativas.

Dois fatores contribuíram para nortear a investigação, a saber: (i) a assunção de que o núcleo do nóculo COMP pode ser preenchido por complementizadores tradicionais do tipo QUE, por preposições que parecem ter um comportamento similar ao dos complementizadores como DE, PARA e A, e por elementos interrogativos-WH co-ocorrendo com "QUE"; (ii) o pressuposto de

que fatores sociais não exercem influência na escolha do complementizador , justificando assim a opção pelos fatores estruturais descritos a seguir :

GRUPO 1 : VARIÁVEL DEPENDENTE

0 = [- complementizador]

1 = [+ complementizador]

A variante < 0 > referiu-se à ausência de elemento introduzindo as orações já mencionadas anteriormente , e variante < 1 > , à presença de complementizador e/ou preposições , conforme os exemplos abaixo :

"O Banco Central não conseguirá [0] colocar seus títulos no mercado..." (EA.8.86)⁽²⁾

"Não existem sinais de QUE o enxugamento agora prometido irá mais longe ." (EA.8.86)

"É só coincidência o fato de [0] meus livros que fizeram sucesso tratarem de temas comunistas ."(V.6.87)

"...mas um transplante da medula é uma operação caríssima e tão difícil DE fazer..." (V.6.86)

"...é difícil [0] a gente achar ..." (A.21.74)

"...COMO É QUE ele se desempenha ." (EF.33.76)

"...a arte surge em função da necessidade de [0] eu assegurar a caça ." (EF.52.77)

É necessário salientar que as orações com preposições que

nos pareceram ter sido inseridas com a função de permitir complementos nominais ou seja , aquelas exigidas pela regra de "of-insertion" ⁽³⁾ (cf. Chomsky , 1981) , foram consideradas como pertencendo ao primeiro subfator [Ø] . Observe :

"Ela é mais simples no sentido de [Ø] o indivíduo realizar tarefa mais simples , né ?" (EF.27.76)

"Incapazes de [Ø] chegar a um entendimento a respeito de um restaurante ..." (V.26.87)

"São as tentativas dos congressistas de [Ø] aprovarem aumentos excessivos..." (EA.4.86)

"Não tinha paciência de [Ø] fazer suco de tomate."
(B.71.72)

Desse modo , apenas as orações com preposições introdutoras de orações relativas e adjetivais (de , para e a) ⁽⁴⁾ foram classificadas como (1) .

GRUPO 2 : TIPOS DE COMPLEMENTIZADORES

Uma vez que o nosso propósito neste trabalho é também investigar que elementos podem preencher o núcleo de COMP , optamos por fazer o elencamento dos mesmos a fim de verificar a sua distribuição .

O critério organizador deste grupo teve como pressuposto a estreita relação existente entre COMP e INFL , sugerida em trabalhos gerativistas mais recentes , como os de Chomsky

(1981) , Stowell (1981) e Borer (1986) .

Dentro desta perspectiva , os complementizadores foram caracterizados da seguinte maneira : I +WHI para os introdutores de orações interrogativas diretas e indiretas ; I-WHI para os de orações completivas , factivas (finitas e infinitivas) , orações clivadas ou tematicamente predicativas (cf. Franchi , 1976:402) , adjetivais , causativas finitas e relativas infinitivas⁽⁵⁾ ; [\emptyset] para estruturas de controle (inclusive causativas infinitivas) e com verbos de alçamento⁽⁶⁾ , conforme o demonstram os exemplos abaixo :

1. I+WHI COMO (como que , como é que)

"Como ficam os outros países afetados pela nuvem radioativa ?" (V.6.86)

"Eu não sei nem como que é a sala de parto ." (B.13.71)

2. I+WHI POR QUE (por que que , por que é que)

"Até entendo por que Cuba tem um partido único ." (V.8.87)

"Com uma proposta dessa , por que você não fecha o negócio ? " (V.5.87)

3. I+WHI QUANTO (quanto que , quanto é que)

(não houve ocorrência deste tipo .)

4. I+WHI QUANDO (quando que , quando é que)

"... você percebe quando vai nevar ." (B.20.74)

5. I+WHI (A)ONDE ((a)onde que , (a)onde é que)

"...perguntar onde que mandava..." (B.2.71)

"...vai se verificar em que ponto , aonde estaria o

erro , certo ?" (EF.26.76)

6. [+WH] QUE (que que , que é que)

"Não sei o que que a gente fica esperando ." (B.33.71)

"O que que era uma boa peça ? " (A.19.74)

7. [+WH] QUEM (quem que , quem é que)

"O fiscalizado escolhe quem irá fiscalizá-lo ." (EA.7.86)

"Quem que foi comigo ?" (B.48.74)

8. [+WH] QUAL (qual que)

"Qual a relação entre as confrarias religiosas e os artistas..." (EF.85.73)

"Não dava para saber qual era o canto ." (B.8.71)

B. [+WH] SE

"...nós temos testes de velocidade para ver se o indivíduo realiza tarefas ." (EF.24.76)

"Não sei se passam na televisão filme de primeira mão ." (A.29.74)

C. [-WH] DE

"...morreram de repente , no mesmo momento , sem que se saiba por que , coisa rara de acontecer à espécie dos mamíferos ." (V.32.87)

"...discutir o drama das aposentarias do INAMPS , difíceis de conseguir e magras demais..." (V.38.87)

D. [-WH] PARA

"...ela é bonita só para você ver..." (B.20.74)

"Tem uma dieta para fazer nessas épocas."(B.57.71)

E. [-WH] QUE

"O sucesso literário fez com que F.M. recebesse uma

proposta estonteante ." (V.5.87)

"O importante a ressaltar é que as dúvidas e incertezas (...) não têm encontrado..." (EA.10.86)

"Um governo que começou em janeiro com a sensação de que o gatilho não ia funcionar..." (V.21.87)

F. [–WHI A

"...um problema a ser encarado não só pelo PT é o de saber..." (EA.19.86)

"...é um objetivo a ser perseguido por todas as pessoas." (EA.4.86)

G. [Ø]

"...se deixou [Ø] levar por um catastrofismo dos economistas..." (V.23.87)

"...a aproximação entre Brasil e Argentina parece [Ø] ter alcançado pleno êxito ." (EA.9.86)

"...o Governo decidiu [Ø] suspender o pagamento." (V.19.86)

H. [–WHI [e]

"...o fato de [e] os constituintes apelarem para a lei , ao se julgar injustiçados ,(...)." (V.38.87)

"...as condições para um pacto social se mostram ainda exíguas , fundamentadas no difícil objetivo de [e] chegar a uma conciliação ." (V.33.87)

GRUPO 3 : TIPOS DE ORAÇÕES

As orações que possibilitaram o exame da presença /

ausência de complementizadores foram as seguintes :

A. Interrogativas Indiretas : Orações completivas introduzidas por elementos interrogativos : (7)

"...nunca soube como é que é .(B.63.71)

"...não vejo por que eu deva concordar ." (V.5.87)

"...os próximos meses mostrarão se a moratória foi ou não o passo mais acertado ." (V.19.87)

"...eu quero verificar a realização do momento daquele indivíduo , como que ele se sai naquela situação ." (EF.25.76)

"...verificar aonde estava esse erro?" (EF.26.76)

B. Não-Interrogativas : Equivalem às subordinadas substantivas subjetivas , objetivas , completivas nominais e predicativas (assim denominadas pela NGB) . As orações "apositivas" foram abandonadas , uma vez que a ausência de um elemento introdutor é inerente a este tipo de construção :

"...os ajustes do Plano Cruzado fazem descortinar todo o gigantesco esforço de readaptação ." (EA.3.86)

"...cada vez mais incrédulo diante das chances de se chegar a um acordo ." (V.30.87)

"...ele tem absoluta noção de que possui nas mãos um poder popular ." (V.23.87)

"Eu tenho a impressão que só serve para (...) ." (A.5.74)

"...não tem sentido eu matar uma criança ." (EF.53.77)

D. Relativas Infinitivas : Sob este rótulo foram consideradas as orações com a seguinte estrutura ; ⁽⁸⁾

(verbo + nome + a/para + V.inf.) ⁽⁹⁾

As relativas com verbo finito foram desconsideradas , em virtude de este assunto já ter sido examinado exaustivamente por Tarallo (1983) :

"...Transmitir o essencial que está num texto da língua a ser transmitida ." (A.21.74)

"...eu tinha uma notícia para dar para você ." (B.2.71)

"...havia reformas a serem feitas ... " (V.19.87)

"...foi G . o primeiro a falar ." (V.6.87)

"Um problema a ser encarado não só pelo PT ,(...) é o de saber ..." (EA.19.86)

D. Interrogativas Diretas : foram aqui consideradas as sentenças introduzidas por elementos interrogativos , tanto simples quanto duplos , objetivando verificar a possibilidade de se postular duplo preenchimento de COMP e onde/como estes elementos são gerados :

"Sem mandato , o que você vai fazer ?" (V.6.86)

"Como você responde a isso ?" (V.5.86)

"...aonde estava essa dificuldade ?"(EF.26.76)

"Não sei se é inglesa , ou o que que é ." (A.29.74)

"...e a indústria , o que que precisa ? " (EF.26.76)

E. **Adjetivais** : Construções com adjetivos da classe **Fácil/Difícil** que admitem presença/ausência das preposições **de/para** , introduzindo a segunda oração .

"...o limite das condições do indivíduo que são difíceis de se controlar " (EF.24.76)

"...vai ficar muito mais fácil da gente perceber estas categorias . " (EF.57.77)

"...um caso que é bastante raro de acontecer ." (B.11.71)

"...aquilo é útil para divulgar o seu produto ." (A.5.74)

"...é difícil discernir a quem ela aproveita ." (EA.7.86)

"...mas um transplante da medula é uma operação caríssima e tão difícil de fazer..." (V.6.86)

GRUPO 4 : TIPOS DE SUJEITO

Tendo em vista a estreita relação entre **COMP** e **INFL** , já mencionada anteriormente , à página 18 deste trabalho , acreditamos ser este o grupo que mais fortemente se correlaciona à presença/ausência de complementizador .

O preenchimento ou não preenchimento do sujeito foi considerado apenas a nível da sentença , uma vez que o que parece estar correlacionado à presença/ausência de complementizador é a possibilidade de ocorrência de sujeito . Caracterizamos , portanto , aqueles presentes no discurso , mas ausentes na sentença , como não-preenchidos .

a. NÃO-PREENCHIDO :

a.1. Igual ao anterior :

"...os funcionários da C.P.F.L. decidiram voltar ao trabalho ." (V.31.87)

a.2. Diferente do anterior :

"...não há problema nenhum em trazer um rapaz em casa e..." (B.24.71)

a.3. Diferente do anterior e igual ao objeto :

"Falei a ela que telefonasse para C. " (B.2.71)

a.4. Outros :

"...quem diz alguma coisa sobre percepção ?" (EF.63.72)

B. PREENCHIDO :

b.1. Igual ao anterior :

"...ele percebeu que ele era capaz ..." (EF.52.77)

b.2. Diferente do anterior :

Em relação a este tipo , optamos por estabelecer distinção entre clítico , indeterminado e SN pleno , objetivando verificar se as orações adjetivais admitem qualquer tipo de sujeito ou apenas clítico (SE) e indeterminado do tipo "a gente" .

"...há uma dificuldade para se locomover..."
(Indeterminado) (A.21.74)

"...é difícil a gente achar um circo armado ." (Indeterminado) (A.21.74)

"...falou espontaneamente sobre o fato de que Olga foi sua primeira mulher . (SN pleno) (V.6.87)

b.3. Outros :

"...em todo caso , Gestalt , vocês sabem o que é ?"
(EF.63.72)

GRUPO 5 : MODO VERBAL

a. Indicativo :

"...Várias razões , entre elas a diminuição da poupança ,
(...) e a expectativa de que a inflação retornaria em
futuro próximo..." (EA.18.86)

b. Infinitivo não-flexionado :

"...eles começaram a namorar muito mais cedo ." (B.26.71)

c. Infinitivo flexionado :

"...no que toca ao vocabulário , o fato de existirem
trinta e seis ou trinta e sete palavras na língua
esquimó..." (EF.68.72)

d. Subjuntivo :

"...isto vai garantir que ele traga..." (EF.5.77)

Em virtude de o infinitivo flexionado e não-flexionado se confundirem na primeira e terceira pessoa do singular , diferenciamos-los pela ocorrência ou não de sujeito .

GRUPO 6 : MODALIDADES DE REGISTRO

No intuito de investigar se fatores de natureza estilística/registo estão correlacionados ao emprego dos elementos em COMP , foi estabelecida a seguinte hierarquia estilística : Formal (código escrito) X Informal (código oral) .

É necessário ainda esclarecer que estruturas do tipo TER QUE/TER DE e DAR PARA foram abandonadas por já estarem cristalizadas na língua .

Para verificar como se dá a co-ocorrência de elementos interrogativos com o complementizador QUE , foi necessário , o cruzamento de uma segunda variável dependente , com alguns fatores já apontados anteriormente , e acrescentar outros :

2^a VARIÁVEL DEPENDENTE

0 = I - duplo preenchimento

1 = I + duplo preenchimento

A variante <0 > referiu-se à ocorrência apenas do elemento interrogativo e a variante <1 > , à presença de elemento interrogativo + QUE .

Foram considerados 07 grupos de fatores , dos quais , o Grupo 1 (Tipos de Elementos Interrogativos) , o Grupo 2 (Tipos de Orações) , o Grupo 3 (Modos Verbais) e o Grupo 4 (Modalidades de Registro) já foram apresentados com a devida exemplificação .

Além destes , acrescentamos os seguintes grupos : Grupo 5 , para Função Sintática , o Grupo 6 , para Posição do Sujeito e o Grupo 7 , para conteúdo em COMP .

GRUPO 5 : FUNÇÃO SINTÁTICA

a. Sujeito :

"QUEM diz alguma coisa sobre percepção ?" (EF.63.72)

b. Complemento do Verbo :

"...não sei o que que a gente fica esperando ." (B.33.71)

c. Complemento circunstancial :

"...como é que a criança desenha ? " (EF.56.77)

d. Nenhum dos anteriores :

"Não sei se era 75 anos ." (B.51.71)

GRUPO 6 : POSIÇÃO DO SUJEITO

a. Antes do Verbo :

"...como que nós chegamos a ela ?" (EF.53.77)

b. Depois do Verbo :

"...eu não sei nem como é que é a sala de parto." (B.13.71)

c. Antes do verbo precedido de elemento interrogativo seguido de preposição :

"...vamos verificar em que medida o indivíduo consegue realizar..." (EF.26.76)

d. Sujeito não explícito :

"...perguntei o que que passava pra petico." (B.4.71)

GRUPO 7 : CONTEÚDO EM COMP

a. [+cabeça lexical]

"Que impacto o acidente de G. poderá ter sobre o meio ambiente ?" (V.6.86)

b. I-cabeça lexicall

Qual que é o seu carro ?" (B,49,74)

O nosso objetivo ao introduzir estes dois últimos grupos de fatores foi o de verificar até que ponto presença/ausência do sujeito antes do verbo depende da presença/ausência do elemento interrogativo co-ocorrendo com QUE , ou da presença de um elemento lexical ao lado do elemento interrogativo .

.....

NOTAS AO CAPÍTULO III

1. O "Projeto de Estudos da Norma Lingüística Urbana Culta do Brasil (Projeto NURC) recebeu apoio financeiro da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo e "tem por finalidade documentar a norma *objetiva* do Português falado no Brasil " , (cf. Castilho e Preti (orgs.) (1986 , 1987)).

2. Todos os exemplos obedecem à seguinte convenção :

EF - Elocução Formal

A/B - Entrevistas

V - Revista "Veja"

EA/EB - Editoriais

Os números subsequentes indicam , respectivamente , a página onde se encontra a sentença e a data , ou de publicação ou da entrevista .

3. Chomsky (1981:50) afirma que "one device typical of English-like languages that use prepositions instead of inflectional Case systems , is to insert an empty preposition devoid of semantic content as a kind of Case-marker to permit nominal complements , (...) . Thus , we have the rule :

NP → [p of] NP in env.: [+ NP]

4. Oportunamente , deixaremos clara a distinção entre a regra de "of-insertion" ou "preposition-dummy " , cf. Stowell (1981) , e preposições que introduzem orações adjetivais e relativas .

5. Observe que estamos também postulando um complementizador [-WH] sem conteúdo lexical : Iel .

6. Convém salientar ainda que o parâmetro utilizado para diferenciar [0] de Iel foi o da presença e/ou possibilidade de ocorrência de sujeito na oração completiva .

7. O critério utilizado para classificar as orações interrogativas indiretas foi baseado em Alvarenga (1981:121) :

"Para mim , uma sentença (...) se caracteriza como sendo interrogativa indireta porque :

a - tem objeto direto oracional ;

b - esse objeto é introduzido por um pronome interrogativo ."

8. As orações adjetivais são consideradas por Jo Napoli (1976) como Relativas infinitivas , para o Italiano . Em relação ao Francês , Vinet (1981:84-85) considera que as únicas relativas infinitivas com movimento-WH no Francês são as frases em À , estabelecendo a partir daí , a distinção entre o complementizador À e a preposição POUR . A autora ainda sugere que o verbo que introduz as relativas infinitivas aciona mais o emprego do complementizador A do que o do complementizador DE , para explicar a ausência de relativização com o complementizador DE . Considerando que os papéis lexicais das duas preposições-complementizadores não estão ainda muito claros , a autora apresenta a seguinte nota :

"On sait qu'à la suite d'un mouvement transformationnel , les relatives infinitives et les constructions à Escalade prennent un à alors que la forme interrogative garde le DE original :

- (i) Ces livres sont faciles à lire .
Quels livres est-il facile DE lire ?
J'ai trouvé des livres à lire .

Quanto ao PB , optamos por estabelecer distinção entre ambas , em virtude de as orações adjetivais admitirem sujeito lexical .

9. Moreira da Silva (1983:243) mostra que há orações relativas com infinitivo flexionado introduzidas tanto pela preposição A , quanto pela preposição DE e considera que parece que se pode tomá-las como subordinantes à maneira de QUE , apresentando os seguintes exemplos :

- (i) As moças A abraçarem cadelinhas não me agradam .
(ii) Os homens DE resolverem o problema ainda não chegaram .

Além disso , o autor acrescenta que "o emprego de A (problemas a resolver) ou PARA (roupa para lavar) , neste gênero de estrutura , é atribuído pelos gramáticos (ver Bechara (1978 ,p.157) à imitação da sintaxe francesa .

DESCRICÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo tem por objetivo descrever a distribuição dos complementizadores e , ao mesmo tempo , traçar um paralelo entre a mesma e as hipóteses levantadas no capítulo I.

No que se refere à distribuição por formas , foram levantados os elementos apresentados abaixo :

QUE—————> 686	DE—————> 16
IØ l—————> 620	POR QUE————> 14
lel—————> 406	QUEM—————> 13
COMO—————> 61	PARA—————> 10
QUEI+WHI————> 47	(A)ONDE————> 07
SE—————> 41	QUANDO————> 01
A—————> 30	QUANTO————> 0
QUAL—————> 29	

Em um total de 1980 sentenças analisadas , ocorreram 955 preenchimentos , conforme tabela 1 , o que evidencia um certo equilíbrio entre preenchimento (48%) e não preenchimento (52%) . Convém ainda salientar que o não preenchimento se refere à ocorrência de IØ l e lel e que , em relação aos complementizadores com conteúdo lexical , com exceção de DE , o preenchimento foi de 100% , o que nos possibilita afirmar que não há variação entre , por exemplo , QUE , IØ l e lel , entre COMO , IØ l e lel e assim por diante .

Conforme verificaremos mais adiante , podemos postular a

existência de variação entre complementizadores com conteúdo lexical e [e] que se dará em relação ao complementizador de infinitivo DE , e também a ocorrência de distribuição complementar entre certas completivas finitas e certas completivas de infinitivo , no que se refere principalmente a QUE (para as primeiras) e [e] para as segundas .

Em relação à distribuição dos complementizadores quanto aos tipos de orações (tabela 1) , os 955 preenchimentos do nóculo COMP , estão assim distribuídos : nas orações interrogativas houve um total de 213 ocorrências e preenchimentos , dos quais 110 nas interrogativas indiretas com os seguintes elementos introdutórios : como (23) , por que (2) , quando (1) , (a)onde (6) , que [+WH] (22) , quem (4) , qual (11) e se (41) .

Nas interrogativas diretas , 103 ocorrências e preenchimentos : como (38) , por que (12) , (a)onde (1) , que (25) , quem (9) e qual (18) .

Quanto às não-interrogativas , houve 686 ocorrências e preenchimentos com o elemento que e foi constatada ainda a ocorrência de 620 complementizadores [e] e 366 [Ø] .

Ao compararmos a ocorrência de complementizadores nas orações interrogativas diretas e indiretas e nas não interrogativas , percebemos que estes elementos ocorrem em distribuição complementar , uma vez que as primeiras são introduzidas por elementos interrogativos WH , ao passo que as segundas não o são , o que sugere que , no que se refere à posição no nóculo COMP , os elementos interrogativos devem ocupar uma posição diferente dos outros .

**TABELA 1. DISTRIBUIÇÃO DE COMPLEMENTIZADORES EM RELAÇÃO
AOS TIPOS DE ORAÇÕES .**

	INT. IND.	NÃO-INT.	REL. INF.	INT. DIR.	ADJ.	TOTAL
COMO [+WH]	23 23 100%	0	0	38 38 100%	0	61 61 100%
POR QUE [+WH]	02 02 100%	0	0	12 12 100%	0	14 14 100%
QUANTO [+WH]	0	0	0	0	0	0
QUANDO [+WH]	01 01 100%	0	0	0	0	01 01 100%
(A) ONDE [+WH]	06 06 100%	0	0	01 01 100%	0	07 07 100%
QUE [+WH]	22 22 100%	0	0	25 25 100%	0	47 47 100%
QUEM [+WH]	04 04 100%	0	0	09 09 100%	0	13 13 100%
QUAL [+WH]	11 11 100%	0	0	18 18 100%	0	29 29 100%
SE [+WH]	41 41 100%	0	0	0	0	41 41 100%
DE [-WH]	0	0	0	0	16 16 100%	16 16 100%
PARA [-WH]	0	0	04 04 100%	0	06 06 100%	10 10 100%
QUE [-WH]	0	686 686 100%	0	0	0	686 686 100%
A [-WH]	0	0	30 30 100%	0	0	30 30 100%
[Ø] [-WH]	0	0 620	0	0	0	0 620
[e] [-WH]	0	0 366	0	0	0 39	0 405
TOTAL	110 110 100%	686 1672 41%	34 34 100%	103 103 100%	22 61 36%	985 1980 48%

Em 61 ocorrências de orações adjetivais houve 22 preenchimentos : de (16) , para (6) e ainda , 39 ocorrências de **lel** .

Deve-se destacar ainda a diferença de comportamento destes elementos introdutores , tanto em relação às orações não interrogativas , quanto às orações adjetivais : nas primeiras, é nítida a ocorrência de distribuição complementar entre **QUE** , **IO** e **lel** ; enquanto que para as segundas , pode-se postular variação entre **DE** , **PARA** e **lel** .

Nas relativas infinitivas , as 34 ocorrências e preenchimentos distribuem-se da seguinte maneira : **para** (4) e **a** (30) . Esta distribuição sugere que **a** , em função de sua grande ocorrência , é o introdutor básico das relativas infinitivas , podendo às vezes ser substituído por **PARA** , nos registros informais , conforme diagrama 1 (1) .

Relativas Infinitivas	
PARA	04
A	30

Diagrama 1 : DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS INTRODUTORES DE ORAÇÕES RELATIVAS

Observando a distribuição dos elementos **A** , **PARA** e **DE** , percebemos que **DE** e **PARA** comportam-se diferentemente de **A** , uma vez que **PARA** ocorre em variação com **A** nas orações relativas infinitivas e em variação com **DE** nas orações adjetivais infinitivas , conforme diagrama 2 , à página seguinte :

	Rel. Inf.	Adjetival	Total
A	30	—	30
PARA	04	06	10
DE	—	16	16
Total	34	32	56

Diagrama 2

DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS INTRODUTORES DE ORAÇÕES RELATIVAS E ADJETIVAS .

Em relação ao não preenchimento do sujeito , conforme tabela 2 , os complementizadores distribuíram-se da seguinte maneira :

a. Sujeito igual ao anterior :

Em 625 ocorrências , houve 55 preenchimentos , distribuídos entre : (a)onde (1) , que [+WH] (1) , se (2) , de (2) , para (3) , que [-WH] (35) e a (11) . Em relação a [Ø] foram computadas 459 ocorrências e quanto a [el] , 111 .

b. Sujeito diferente do anterior :

Em 563 ocorrências , foram computados 269 preenchimentos dos quais : como (17) , quando (1) , (a)onde (5) , que [+WH] (9) , quem (1) , qual (8) , se (8) , de (9) , para (3) , que [-WH] (204) e a (4) . Além destas , houve 199 ocorrências de [el] e 95 de [Ø] .

c. Sujeito diferente do anterior e igual ao objeto :

Houve 114 ocorrências e 22 preenchimentos , dos quais : que [+WH] (1) , de (1) , para (1) , que [-WH] (4) , e a (15) . Acrescentam-se a estas , 66 ocorrências de [Ø] e 26 de [el] .

d. Outros tipos de sujeito :

Foram computadas 53 ocorrências e preenchimentos , a saber : como (17) , por que (7) , (a)onde (1) , que [+WH] (9) , quem (9) e qual (10) .

TABELA 2. DISTRIBUIÇÃO DE COMPLEMENTIZADORES EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE SUJEITOS .

	N. PREENCHIDO				PREENCHIDO					TOTAL
	=ANT.	≠ANT.	≠ANT. =OBJ.	OUT.	=ANT	≠ANT.			OUT.	
						CLIT.	IND.	SN.		
COMO [+WH]	0	17 17 100%	0	17 17 100%	0	02 02 100%	0	04 04 100%	21 21 100%	61 61 100%
POR QUE [+WH]	0	0		07 07 100%	0	0	0	02 02 100%	05 05 100%	14 14 100%
QUANTO [+WH]	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
QUANDO [+WH]	0	01 01 100%	0	0	0	0	0	0	0	01 01 100%
<A>ONDE [+WH]	01 01 100%	05 05 100%	0	01 01 100%	0	0	0	0	0	07 07 100%
QUE [+WH]	01 01 100%	09 09 100%	01 01 100%	09 09 100%	0	0	01 01 100%	10 10 100%	16 16 100%	47 47 100%
QUEM [+WH]	0	01 01 100%	0	09 09 100%	0	0	03 03 100%	0	0	13 13 100%
QUAL [+WH]	0	08 08 100%	0	10 10 100%	0	0	0	03 03 100%	08 08 100%	29 29 100%
SE [+WH]	02 02 100%	08 08 100%	0	0	02 02 100%	0	02 02 100%	27 27 100%	0	41 41 100%
DE [-WH]	02 02 100%	09 09 100%	01 01 100%	0	0	02 02 100%	02 02 100%	0	0	16 16 100%
PARA [-WH]	03 03 100%	03 03 100%	01 01 100%	0	0	01 01 100%	02 02 100%	0	0	10 10 100%
QUE [-WH]	35 35 100%	204 204 100%	04 04 100%	0	11 11 100%	21 21 100%	35 35 100%	376 376 100%	0	686 686 100%
A [-WH]	11 11 100%	04 04 100%	15 15 100%	0	0	0	0	0	0	30 30 100%
[Ø] [-WH]	0 459 0	0 95 0	0 66 0	0	0	0	0	0	0	0 620 0
[e] [-WH]	0 111 0	0 199 0	0 26 0	0	0	23 23 0	19 19 0	27 27 0	0	0 405 0
TOTAL	55 625 9%	269 563 48%	22 114 19%	53 53 100%	13 13 100%	26 49 53%	45 64 70%	422 449 94%	50 50 100%	985 1980 48%

(15) ...V [P [[NP infinitivo VP]]]
 PP S S

(16) ...V [COMP P] [NP infinitivo VP]
 S S

A principal diferença entre a proposta de Vinet e a de Rizzi repousa no fato de o segundo relacionar as propriedades das preposições complementizadoras às propriedades do clítico, no que se refere ao fato de ambos não admitirem material não-clítico separando-os do verbo. Esta operação de cliticização é reanalisada como VP adjunto.

1.2.3. NO OTTAWA VALLEY ENGLISH

Carrol (1983) tem como proposta básica fornecer uma análise satisfatória dos infinitivos complementos no Ottawa Valley English, uma vez que, para ela, as assunções de GB dão conta elegantemente das estruturas infinitivas com FOR em Inglês padrão, mas não explicam a ocorrência de sentenças como: "Mary wants for to leave".

A argumentação central para dar conta de sentenças como esta se fundamenta na assunção de que FOR precedendo "bare" infinitivas é uma preposição e FOR precedendo sujeitos lexicais é um complementizador, e ambos regem e atribuem Caso.

FOR preposição se caracteriza por possuir significado de "purposive" e pelo fato de o seu núcleo poder ser seguido de FOR + NP, FOR + GERÚNDIO, e/ou FOR-TO INFINITIVAS ao passo que FOR complementizador se caracteriza apenas pelo fato de a ele se seguir um sujeito lexical, sendo que a autora deixa claro que

Quanto ao preenchimento do sujeito , temos a seguinte distribuição :

e. Sujeito igual ao anterior :

13 ocorrências e preenchimentos distribuídos entre *se* (2) e *que* [-WH] (11) .

f. Sujeito diferente do anterior :

f.2. Clítico :

Em 49 ocorrências houve 26 preenchimentos : *como* (2) , *de* (2) , *para* (1) , *que* [-WH] (21) , além de 23 ocorrências de *lel* .

f.2. Indeterminado :

Houve 45 preenchimentos em 64 ocorrências , conforme a seguinte distribuição : *que* [+WH] (1) , *quem* (3) , *se* (2) , *de* (2) , *para* (2) , *que* [-WH] (35) e 19 ocorrências de *lel* .

f.3. SN Pleno :

Os 422 preenchimentos em 449 ocorrências foram distribuídos do seguinte modo : *como* (4) , *por que* (2) , *que* [+WH] (10) , *qual* (3) , *se* (27) , *que* [-WH] (376) e 27 ocorrências de *lel* .

g. Outros tipos de sujeito :

O número de ocorrências e preenchimentos foi de 50 : *como* (21) , *por que* (5) , *que* [+WH] (16) e *qual* (8) .

Uma primeira observação a ser feita em relação a estes dados refere-se ao fato de os mesmos confirmarem a nossa hipótese de que as preposições *DE* e *PARA* ⁽²⁾ não regem nem atribuem Caso ao SN lexical , tendo apenas o papel de autorizar INFL/AGR . Isto porque se as mesmas fossem responsáveis por atribuição de Caso e Regência , as orações adjetivais , principalmente , deveriam ser

consideradas agramaticais , quando ocorressem com sujeito lexical e sem preposição .

Observe-se que os sujeitos preenchidos em relação a **DE** e **PARA** caracterizaram-se por ocorrerem apenas sob a forma de clíticos e indeterminados e não houve ocorrência dos mesmos com SN pleno , não confirmando assim a nossa projeção , apresentada à página 65 , de que é possível ocorrerem outros tipos de sujeito , tais como pronomes pessoais do caso reto ou mesmo substantivos ; entretanto , conforme mencionamos anteriormente , a nossa proposta de trabalho pautar-se-á pela preocupação em não limitar a análise apenas aos dados obtidos , mas , sim , estendê-la a estruturas que a nossa intuição nos autoriza a considerar como recorrentes na língua , ou pelo menos em certos dialetos , como é o caso de : " É difícil do João fazer isso " .

Em relação às estruturas do tipo **DE + SN + V_{inf.}** , Galves (1986:31 , nota 8) afirma que "parece haver uma tendência no PB em inserir preposições - em particular **DE** - na frente das orações infinitivas , contendo sujeito lexical " .

Entretanto , os dados evidenciaram que a ocorrência tanto de **DE** quanto de **PARA** com orações com sujeito preenchido é menor do que com sujeito não preenchido , conforme diagrama 3 :

	Suj. preenchido	Suj. não preenchido
DE	04	12
PARA	03	07

Diagrama 3 : PREENCHIMENTO DE SUJEITO APÓS AS PREPOSIÇÕES **DE** E **PARA** .

Este resultado nos possibilita uma leitura diferente da sugestão de Galves , no sentido de que nos leva a afirmar que a tendência no PB é a de inserir sujeito antes das orações infinitivas , e o artifício utilizado para viabilizar esta estrutura é justamente inserir o complementizador DE . Em suma : DE autoriza o preenchimento do sujeito nas infinitivas .

Não foi constatada a presença de pronome oblíquo após a preposição PARA , o que é bastante natural , uma vez que o nosso corpus foi extraído do padrão culto e , conforme mencionamos anteriormente , tal estrutura é considerada marginal no PB .

É necessário ainda deixar claro que , apesar de marginal , a estrutura acima mencionada é muito frequente no PB , na fala não monitorada e , segundo Galves (1986 :31 , nota 8) , "um dos fenômenos relacionados à perda do infinitivo flexionado é a frequência de " é para mim fazer" em que o pronome é abertamente regido pela preposição versus " é para eu fazer " .

Ainda em relação a tais estruturas , apesar de as mesmas não terem ocorrido em nosso corpus , pretendemos , mesmo assim , desenvolver a nossa análise , conforme hipótese anteriormente esboçada , no sentido de se postular ECM para o PB . Isto significa que a nossa proposta de trabalho encaminhar-se-á no sentido de inserir tal fenômeno em um contexto mais amplo , a saber : o da perda generalizada de flexão no PB e não apenas em relação à perda do infinitivo flexionado . (3)

Um outro aspecto a relevar , em relação à tabela 2 (à página 78) e com base na comparação entre a ocorrência de sujeito preenchido e sujeito não preenchido , refere-se

aos elementos **DE** e **PARA** : percebe-se que , tanto nos primeiros quanto nos segundos , os sujeitos apresentam não apenas referentes iguais como também referentes diferentes da oração matriz , o que nos possibilita considerar tal fato como uma evidência para a "auto-suficiência" das infinitivas , uma vez que o domínio de vinculação do NP pode ser a oração infinitiva .

Observando a distribuição de sujeitos em relação a **A** , **DE** e **PARA** , percebemos que há distribuição complementar entre estes elementos : de um lado **A** que admite apenas sujeitos não preenchidos (estruturas de controle obrigatório e referência arbitrária) , de outro , **DE** e **PARA** que admitem tanto sujeitos preenchidos quanto sujeitos não preenchidos , o que confirma mais uma vez a diferença de **A** em relação a **DE** e **PARA** . Além disso , **A** se comporta diferentemente de todos os outros complementizadores lexicais ao não permitir sujeito preenchido , conforme diagrama 4:

	Suj. preenchido	Suj. não preenchido
A	30	—
DE	12	04
PARA	07	03

Diagrama 4 : COMPORTAMENTO DA PREPOSIÇÃO **A** EM RELAÇÃO AO PREENCHIMENTO DO SUJEITO .

É um comportamento atípico , diferente de todos os outros complementizadores em análise , uma vez que , em maior ou menor grau todos eles parecem admitir a ocorrência de sujeito lexical . Por este comportamento , as orações relativas infinitivas introduzidas por preposições aproximam-se das estruturas

interrogativas infinitivas , conforme exemplificação em (1) , que também não admitem sujeito lexical :

(1) Eu não vou saber o que fazer .(B.54.74)

A este respeito , Raposo (1987 : 88) , ao apresentar a distribuição das orações infinitivas flexionadas no PE , mostra que :

"inflected infinitival complements cannot occur as embedded interrogative clauses , as embedded relative clauses or in constructions in which there is arguably a null operator in COMP . In this context only noninflected infinitivals are possible ."

Tal constatação nos possibilita comprovar dois fatos :

(i) é possível postular que **PRO** e **pro** se distribuem complementarmente , sendo que **pro** ocorre em estruturas introduzidas por **DE** , **PARA** e **[e]** e **PRO** , em estruturas introduzidas por **A** e **[Ø]** ; (ii) o comportamento sintático de **A** já apresenta evidências que podem direcionar nossa análise no sentido de considerar que , nos contextos relevantes (em relativas infinitivas) , este elemento parece funcionar mais como um operador do tipo **WH** , do que como uma preposição propriamente dita . Sintetizando , diríamos que a distribuição complementar dar-se-á então entre , de um lado **DE/PARA** com SN lexical ou **pro** e de outro , entre **A** e **[Ø]** com **PRO** .

O cruzamento da variável dependente **I± complementizador I** com os fatores 1 e 2 , respectivamente tipo de orações e tipos de sujeitos , conforme tabela 3, à página seguinte , apresentou-nos os seguintes resultados quanto a :

(i) sujeito não preenchido :

a. Igual ao anterior : 625 ocorrências e 55 preenchimentos , dos quais , (4) nas orações interrogativas indiretas , (35) nas não interrogativas , (13) nas relativas infinitivas e (3) nas adjetivais .

TABELA 3. DISTRIBUIÇÃO DOS COMPLEMENTIZADORES EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE SUJEITOS E TIPOS DE ORAÇÕES .

	NÃO-PREENCHIDO				PREENCHIDO					TOTAL
	=ANT.	≠ANT.	≠ANT. =OBJ.	OUT.	=ANT.	≠ ANT.			OUT.	
						CLIT.	IND.	SN.		
INT. IND.	04 04 100%	49 49 100%	01 01 100%	0	02 02 100%	02 02 100%	06 06 100%	46 46 100%	0	110 110 100%
NÃO INT.	35 604 6%	204 477 43%	04 93 5%	0	11 11 100%	21 41 49%	35 43 81%	376 403 93%	0	686 1672 41%
REL. INF.	13 13 100%	05 05 100%	16 16 100%	0	0	0	0	0	0	34 34 100%
INT. DIR.	0	0	0	53 53 100%	0	0	0	0	50 50 100%	103 103 100%
ADJ.	03 04 75%	11 32 34%	01 04 25%	0	0	03 06 50%	04 15 27%	0	0	22 61 36%
TOTAL	55 625 9%	269 563 48%	22 114 19%	53 53 100%	13 13 100%	26 49 53%	45 64 70%	422 449 94%	50 50 100%	955 1980 48%

b. Diferente do anterior : 563 ocorrências e 269 preenchimentos assim distribuídos : (49) nas interrogativas indiretas , (204) nas não interrogativas , (5) nas relativas infinitivas e (11) nas adjetivais .

c. Diferente do anterior e igual ao objeto : 114 ocorrências e 22 preenchimentos sendo que (1) nas interrogativas

indiretas , (4) nas não interrogativas , (16) nas relativas infinitivas e (1) nas adjetivais .

d. Outros : 53 ocorrências e preenchimentos nas orações interrogativas diretas .

(ii) Sujeito preenchido :

a. Igual ao anterior : 13 ocorrências e preenchimentos distribuídos entre as interrogativas indiretas (2) e as não interrogativas (11) .

b. Diferente do anterior :

b.1. Clítico : 53 % de preenchimentos de complementizadores em um total de 49 , distribuídos da seguinte maneira : (2) nas interrogativas indiretas , (21) nas não interrogativas e (3) nas adjetivais .

b.2. Indeterminado : 64 ocorrências e 45 preenchimentos : (6) nas orações interrogativas indiretas , (35) nas não interrogativas e (4) nas adjetivais .

b.3. SN pleno : Em 449 ocorrências houve 422 preenchimentos distribuídos entre as interrogativas indiretas (46) e as não interrogativas (376) .

c. Outros : Houve 50 ocorrências e preenchimentos nas orações interrogativas diretas .

Antes de mais nada , é necessário esclarecer que o fato de , nas orações interrogativas diretas , ter ocorrido apenas sujeitos preenchidos e não preenchidos (outros) aconteceu em função de tais estruturas ocorrerem sob a forma de sentenças simples , não havendo , portanto , sujeito anterior para se

comparar .

A respeito da tabela 3, à página 84 , pode-se afirmar que os dados confirmam as observações feitas a partir das tabelas 1 e 2 e nesta , o comportamento das orações relativas torna-se mais evidente , diferenciando-se de todas as outras estruturas no que se refere à proibição de preenchimento do sujeito , o que , repetimos , direcionará a análise no sentido de se considerar esta preposição não como um elemento preenchendo o núcleo de COMP ou pertencendo à oração anterior , mas sim , preenchendo a posição de Especificador de COMP , funcionando como um operador .

Fica também evidente o fato de que a ocorrência de preposições antes de SN lexical (33 %) é realmente menor do que a ocorrência das mesmas em contextos em que o SN lexical se encontra ausente (38%) , conforme diagrama 5 :

	Suj. preenchido	Suj. não preenchido
Or. Adjetival	07/21	15/40

Diagrama 5 : DISTRIBUIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES NAS ORAÇÕES ADJETIVAS EM RELAÇÃO AO PREENCHIMENTO DE SUJEITO LEXICAL .

Um outro fato que deve ser destacado refere-se à não ocorrência de sujeito igual ao anterior nas orações adjetivais , o que deixa claro que é necessário dar conta do SN sujeito da infinitiva neste domínio e não vinculando-o à oração matriz .

A distribuição dos complementizadores em relação aos modos verbais , conforme tabela 4 a seguir , deu-se da seguinte forma :

TABELA 4 . DISTRIBUIÇÃO DOS COMPLEMENTIZADORES EM RELAÇÃO AO MODO VERBAL .

	IND.	INF. FLEX.	INF. N. FLEX.	SUBJ.	TOTAL
COMO	55		06		61
	55	0	06	0	61
	100%		100%		100%
QUANTO	0	0	0	0	0
POR QUE	13			01	14
	13	0	0	01	14
	100%			100%	100%
QUANDO	01				01
	01	0	0	0	01
	100%				100%
CA) ONDE	06		01		07
	06	0	01	0	07
	100%		100%		100%
QUE (+WH)	46		01		47
	46	0	01	0	47
	100%		100%		100%
QUEM	13				13
	13	0	0	0	13
	100%				100%
QUAL	29				29
	29	0	0	0	29
	100%				100%
SE	41				41
	41	0	0	0	41
	100%				100%
DE	0	02	14		16
		02	14	0	16
		100%	100%		100%
PARA	0	02	08		10
		02	08	0	10
		100%	100%		100%
QUE (-WH)	564			122	686
	564	0	0	122	686
	100%			100%	100%
A	0	08	22		30
		08	22	0	30
		100%	100%		100%
[Ø]	0	0	0		0
	0	17	603	0	620
[e]	0	0	0		0
		52	353	0	405
TOTAL	768	12	52	123	955
	768	81	1008	123	1980
	100%	15%	5%	100%	48%

Os resultados desta tabela podem ser assim descritos : em relação ao Modo Indicativo , houve 768 ocorrências e preenchimentos , assim distribuídos : como (55) , por que (13) , quando (1) , (a)onde (6) , que [+WH] (46) , quem (13) , qual (29) , se (41) e que [-WH] (564) .

Quanto ao infinitivo flexionado , as 81 ocorrências tiveram 12 preenchimentos , dos quais : de (2) , para (2) , a (8) , além de 17 ocorrências de [Ø] e 52 de [e] .

No infinitivo não flexionado , em 1008 ocorrências , houve apenas 52 preenchimentos : como (6) , (a)onde (1) , que [+WH] (1) , de (14) , para (8) , a (22) , 603 ocorrências de [Ø] e 353 de [e] .

Finalmente , no Modo Subjuntivo , as 123 ocorrências e preenchimentos , deram-se com por que (1) e que [-WH] (122) . Esta ocorrência única no Modo Subjuntivo com elemento interrogativo deu-se da seguinte forma :

(2) Não vejo por que eu deva concordar . (V.5.87)

Ao olharmos para os dados apresentados nesta tabela , percebemos de imediato a nítida diferença de comportamento entre os elementos interrogativos [+WH] e os elementos [-WH] : os primeiros ocorrem tanto em sentenças finitas quanto infinitivas não flexionadas e os segundos podem ser subdivididos em duas classes , a dos introdutores das sentenças finitas (que) e a dos introdutores das sentenças infinitivas (de , para , a e [e])

Observe que , dentro desta nossa proposta , [e] é a contraparte sem conteúdo fonológico dos complementizadores de infinitivo , enquanto que [Ø] significa a ausência de

complementizador e/ou ausência do nódulo CP .

Os dados apresentados vão de encontro à proposta de Raposo , transcrita à página 83 , mostrando que os elementos interrogativos ocorrem apenas no infinitivo não flexionado ou no Modo Indicativo , conforme diagrama 6 :

		Ind.	Inf.Flex.	Inf.N.Flex.	Subj.
[+ WH]		204	---	08	01
[- WH]	QUE	564	---	---	122
	PARA	---	02	08	---
	DE	---	02	14	---
	A	---	02	08	---

Diagrama 6 : DISTRIBUIÇÃO DOS COMPLEMENTIZADORES EM
RELAÇÃO AO MODO VERBAL .

Por este diagrama , podemos constatar que se de um lado , o fato de a preposição A não admitir sujeito lexical nos possibilita o alinhamento das orações relativas infinitivas às interrogativas indiretas infinitivas , por outro , os dados impossibilitam o alinhamento da mesma à classe dos complementizadores por não admitir o infinitivo flexionado .

A partir das considerações acima , ao nos posicionarmos a favor da relação entre COMP e INFL , automaticamente excluiremos tanto os elementos interrogativos (palavras WH) quanto a preposição A da classe dos complementizadores.⁽⁴⁾

Apesar de a distinção entre DE , PARA , A ter sido

obliterada na tabela 4 (à página 87) , é necessário , tomando como base a tabela 3 (à página 84) , levar em conta dois fatores pertinentes para o estabelecimento desta distinção : (i) A só ocorre em estruturas de controle obrigatório ou de referência arbitrária (cf. mencionado à página 82) , daí a razão de esta preposição introduzir sentenças tanto com infinitivo flexionado , quanto com infinitivo não flexionado , e não admitir preenchimento do sujeito , ao contrário das outras preposições ; (ii) um dos argumentos utilizados na literatura ⁽⁵⁾ para comprovar o estatuto do complementizador é o fato de o mesmo poder ser apagado , e a distribuição apresentada acima fornece-nos evidências para perseguir a idéia de que DE , nos contextos já mencionados , é um complementizador , podendo ser apagado , ao contrário de A ⁽⁶⁾ que não o pode , conforme exemplos abaixo e diagrama 5 , apresentado à página 86 :

(3) a. Tentava reter o instante que é impossível da gente
retar . (EF.5.80)

b. Tentava reter o instante que é impossível **tel** a
gente reter .

(4) a. Outro aspecto a comentar no caso é a
circunstância ... (EA.6.86)

b.* Outro aspecto **tel** comentar no caso é a
circunstância ...

A partir destes dados , podemos então postular a existência da regra de apagamento do complementizador no PB , restrita aos complementizadores de sentenças infinitivas ,

conforme se pode perceber pelos exemplos abaixo , em que se pode substituir **lel** por **DE** ou vice-versa . (6)

(5) "O filme é mais fácil $\left\{ \begin{array}{l} \text{de} \\ \text{(lel)} \\ \text{(para)} \end{array} \right\}$ definir." (V.8.87)

(6) "Eu acho difícil $\left\{ \begin{array}{l} \text{(de)} \\ \text{(lel)} \\ \text{(para)} \end{array} \right\}$ a gente saber." (A.27.74)

Deve-se salientar ainda que , ao nos referirmos aos complementizadores de sentenças infinitivas , estamos nos referindo a **DE** e **PARA** , nos casos em que **PARA** ocorre nas orações adjetivais , substituindo o **DE** .

Deve ficar claro ainda que o apagamento de **DE/PARA** nos exemplos acima é diferente do apagamento de **QUE** em estruturas como (6) e similar a estruturas do tipo (7) :

(6) Eu tenho a impressão ____ que o rádio e a televisão estão unificando a língua . (A.5.74)

(7) Vai chover , afirmou o João .

De acordo com nossa hipótese , o apagamento do **QUE** em (7) é possível porque , ao invés de um elemento lexical , ocorre **AGR** no núcleo de **COMP** , que possibilita atribuição de Caso e Regência a **pro** . Em relação a (6) , o apagamento da preposição , comum no PB nestas estruturas , parece ocorrer em virtude de os falantes estarem reanalisando os nomes que exigem orações completivas nominais como "nomes transitivos diretos" , por analogia a verbos transitivos diretos , ao invés de "transitivos

indiretos ".

Assim , o apagamento da preposição nas orações adjetivais difere do apagamento nas completivas , em virtude de , no primeiro caso , a regra de "of-insertion" estar se tornando desnecessária para atribuição de Caso : o nome está deixando de subcategorizar uma preposição , ao passo que , no segundo caso , o nome não subcategoriza uma preposição .

Ao cruzarmos a variável dependente com os fatores 3 e 4 , respectivamente , modos verbais e tipos de orações , obtivemos os dados a seguir , descritos abaixo da tabela :

TABELA 5. DISTRIBUIÇÃO DOS COMPLEMENTIZADORES EM RELAÇÃO AOS MODOŚ VERBAIS E MODALIDADES DE REGISTRÓ						
	INT. IND.	N. INT.	REL. INF.	INT. DIR.	ADJ.	TOTAL
IND.	106	564		98		768
	106	564	0	98	0	768
	100%	100%		100%		100%
INF. FLEX.		0	08		04	12
	0	57	08	0	16	81
		0	100%		25%	15%
INF. N. FLEX.	03	0	26	05	18	52
	03	929	26	05	45	1008
	100%	0	100%	100%	40%	5%
SUBJ.	01	122				123
	01	122	0	0	0	123
	100%	100%				100%
TOTAL	110	686	34	103	22	955
	110	1672	34	103	61	1980
	100%	41%	100%	100%	36%	48%

a. **Modo Indicativo** : Houve 768 ocorrências e preenchimentos , dos quais 106 nas interrogativas indiretas , 564 nas não interrogativas e 98 nas interrogativas diretas .

b. **Infinitivo Flexionado** : Em 81 ocorrências foram computados 12 preenchimentos assim distribuídos : relativas (8) e

adjetivais (4) .

c. **Infinitivo não Flexionado** : O total de ocorrências foi de 1008 com 52 preenchimentos : **interrogativas indiretas** (3) , **relativas infinitivas** (26) , **interrogativas diretas** (5) e **adjetivais** (18) .

d. **Subjuntivo** : 123 ocorrências e preenchimentos com a seguinte distribuição : **interrogativas indiretas** (1) e **não interrogativas** (122) .

Novamente , as afirmações feitas anteriormente são confirmadas em relação ao fato de se poder postular dois tipos de complementizadores no PB : os que introduzem orações finitas e os que introduzem orações infinitivas relativas e adjetivais .

Quanto às **interrogativas** , não houve ocorrências no infinitivo flexionado , o que já foi explicado anteriormente , e apenas 5 no infinitivo não flexionado , o que pode ser explicado pela grande tendência de tais elementos co-ocorrerem com **QUE** nos registros orais , conforme veremos mais adiante .

Quanto às modalidades de registro , os complementizadores distribuíram-se do seguinte modo , conforme tabela 6 , à página 94:

Nas **Entrevistas** houve 58% de preenchimentos de complementizadores : 309 preenchimentos em 533 ocorrências , assim distribuídos : **como** (24) , **por que** (1) , **quando** (1) , **(a)onde** (3) , **que [+WH]** (20) , **quem** (3) , **qual** (6) , **se** (25) , **de** (2) , **para** (10) , **que [-WH]** (214) , 120 ocorrências de **lô l** e 104 de **lel** .

Nas **Elocuções formais** , em 409 ocorrências houve 223 preenchimentos , ou seja 55% de preenchimentos , dos quais : **como** (24) , **por que** (7) , **(a)onde** (4) , **que [+WH]** (22) , **quem** (9) ,

TABELA 6 . DISTRIBUIÇÃO DOS COMPLEMENTIZADORES EM RELAÇÃO A MODALIDADES DE REGISTRO					
	ENT.	EDITORIAIS	EL. FORMAIS	VEJA.	TOTAL
COMO	24	05	24	08	61
	24	05	24	08	61
	100%	100%	100%	100%	100%
QUANTO	0	0	0	0	0
POR QUE	01		07	06	14
	01	0	07	06	14
	100%		100%	100%	100%
QUANDO	01				01
	01	0	0	0	01
	100%				100%
(A) ONDE	03		04		07
	03	0	04	0	07
			100%		100%
QUE (+VH)	20		22	05	47
	20	0	22	05	47
	100%		100%	100%	100%
QUEM	03	01	09		13
	03	01	09	0	13
	100%	100%	100%		100%
QUAL	06		12	11	29
	06	0	12	11	29
	100%		100%	100%	100%
SE	25		13	03	41
	25	0	13	03	41
	100%		100%	100%	100%
DE	02		03	11	16
	02	0	03	11	16
	100%		100%	100%	100%
PARA	10				10
	10	0	0	0	10
	100%				100%
QUE (-VH)	214	158	128	186	686
	214	158	128	186	686
	100%	100%	100%	100%	100%
A	0	25	01	04	30
		25	01	04	30
		100%	100%	100%	100%
[O]	0	0	0	0	0
	120	199	121	180	620
[e]	0	0	0	0	0
	104	146	65	90	405
TOTAL	309	189	223	234	955
	309	534	409	504	1980
	100%	35%	55%	46%	48%

qual (12) , se (13) , de (3) , que [-WH] (128) , a (1) , além de 121 ocorrências de [Ø] e 65 de [e] .

Nos textos da Revista "Veja" houve 46% de preenchimento (234) em 504 ocorrências , que se distribuíram do seguinte modo : como (8) , por que (6) , que [+WH] (5) , qual (11) , se (3) , de (11) , que [-WH] (186) , a (4) , além de 180 ocorrências de [Ø] e 90 de [e] .

Finalmente , nos Editoriais , as 534 ocorrências com 189 preenchimentos (35%) assim se distribuíram : como (5) , quem (1) , que [-WH] (158) , a (25) , [Ø] (199) e [e] (146) .

Pode-se constatar por estes dados que o preenchimento de complementizadores , no que se refere a modalidades de registro, aumenta à medida que se diminui o grau de formalidade , conforme diagrama 7 :

Entrevistas	58 %
El. Formais	55 %
Veja	46 %
Editoriais	35 %

Diagrama 7 : PREENCHIMENTO DE COMPLEMENTIZADORES EM RELAÇÃO A MODALIDADES DE REGISTRO .

Conseqüentemente , a maior quantidade de ocorrência de [Ø] e [e] , [Ø] , principalmente , acontece na coluna dos Editoriais , seguida pela coluna de Veja , o que é revelador , uma vez que a perda de flexão é iniciada pelo registro oral , e o registro formal escrito ainda não tem necessidade de compensar a

perda de flexão , seja através da utilização de complementizadores , seja através de outros artifícios . Observe o diagrama 8 :

	Ø	[e]
Editoriais	199	146
Veja	180	90
El. Formais	121	65
Entrevistas	120	104

Diagrama 8 :

DISTRIBUIÇÃO DE [Ø] E [e] EM RELAÇÃO
ÀS MODALIDADES DE REGISTRO .

Do ponto de vista da organização textual , temos evidências , extraídas a partir do resultado sociolinguístico , de que é possível distinguir os elementos introdutórios que são característicos do registro formal , dos que não o são ; enquanto PARA ocorre apenas no estilo menos formal (entrevistas) , A ocorre nas outras modalidades de registro , com a sua frequência bastante concentrada nos editoriais , e pode-se dizer que este elemento é característico do texto escrito .

Estes dados nos possibilitam afirmar que A e PARA , em relação às orações relativas infinitivas , estão em distribuição complementar quanto às modalidades de registro , prova disto é a substituição de PARA por A em frases como as abaixo :

(8) "...não tinha outra coisa melhor PARA fazer ." (A.9.74)

(9) "Eu tinha uma notícia PARA dar para você ." (B.2.71)

Por outro lado , em relação às orações adjetivais , PARA⁽⁷⁾ ocorre em variação com DE na modalidade menos formal . Evidência disto é o fato de PARA ocorrer apenas na entrevistas ,

ao contrário de DE .

Um outro aspecto a ser considerado refere-se à não ocorrência de DE nas Elocuções Formais . É interessante observar que tal fato ocorreu em virtude de a estrutura mais comum neste tipo de registro ser $lel + Vinf.$, o que nos dá margem a novamente retomar a nossa hipótese : a estrutura $de + SN + Vinf.$ não ocorre no registro mais formal , porque o mesmo não necessita ainda , no caso das orações adjetivais , de um elemento que lexicalize / autorize INFL/AGR , ao contrário de registros menos formais .

Apesar disso , a estrutura acima mencionada gradativamente tende a ser utilizada no estilo mais formal , prova disto é o fato de a estrutura $de + Vinf.$ já ocorrer nos textos da Revista Veja :

(10) "...a Cehab (...) emergia no centro de uma operação fácil de entender ." (V.42.87)

Além disso , é necessário estabelecer a distinção entre a não ocorrência de DE e a não ocorrência de outros complementizadores nos Editoriais : a ausência de *por que* , *com que* , *quando* , *(a)onde* , *qual* e *se* pode ser explicada por motivos circunstanciais , isto é , o tipo de texto não dá margem ao emprego de muitos elementos interrogativos , enquanto que a ausência de DE ocorre pelos motivos já apresentados .

Em relação às modalidades de registro e tipos de orações , a variável dependente distribuiu-se , conforme tabela 7 , do seguinte modo :

a. Entrevistas : Houve 533 ocorrências e 309

preenchimentos , dos quais 61 nas interrogativas indiretas , 214 nas não interrogativas , 04 nas relativas infinitivas , 22 nas interrogativas diretas e 8 nas adjetivais .

TABELA 7 . DISTRIBUIÇÃO DOS COMPLEMENTIZADORES EM RELAÇÃO A MODALIDADES DE REGISTRO E TIPOS DE ORAÇÕES .						
	INT. IND.	N. INT.	REL. INF.	INT. IND.	ADJ.	TOTAL
ENTREVISTAS	61	214	04	22	08	309
	61	430	04	22	16	533
	100%	50%	100%	100%	50%	58%
EDITORIAIS	03	158	25	03	0	189
	03	494	25	03	09	534
	100%	32%	100%	100%	0	35%
EL. FORMAIS	32	128	01	59	03	223
	32	302	01	59	15	409
	100%	4%	100%	100%	20%	55%
VEJA	14	186	04	19	11	234
	14	446	04	19	21	504
	100%	42%	100%	100%	52%	46%
TOTAL	110	686	34	103	22	955
	110	1672	34	103	61	1980
	100%	41%	100%	100%	36%	48%

b. Editoriais : Ocorreram 534 complementizadores e 189 preenchimentos assim distribuídos : 3 nas interrogativas indiretas , 158 nas não interrogativas , 25 nas relativas infinitivas e 3 nas interrogativas diretas .

c. Elocuções Formais : Os 223 preenchimentos em 409 ocorrências se deram nas orações interrogativas indiretas (32) , nas não interrogativas (128) , nas relativas infinitivas (1) , nas interrogativas diretas (59) e nas adjetivais (3) .

d. Revista "Veja" : Nas 504 ocorrências , houve 234 preenchimentos , dos quais , 14 nas interrogativas indiretas , 186 nas não interrogativas , 04 nas relativas , 19 nas interrogativas diretas e 11 nas adjetivais .

Em um primeiro momento , cumpre relembrar que o não preenchimento das orações não interrogativas e nas adjetivais ocorre por razões diferentes : nos dois casos , o elemento que ocupa o núcleo do nóculo COMP é *le* I , mas apenas em relação às adjetivais pode-se postular que este *le* I seja resultado do apagamento do complementizador .

A ocorrência de interrogativas diretas é maior nos textos orais do que nos textos escritos em função do aspecto estrutural dos dois tipos de registro : o texto oral dá margem à maior ocorrência de questões do que o texto escrito .

Os dados desta tabela confirmam o que já foi mencionado em relação a *DE* : estando a ocorrência do complementizador estreitamente ligada à presença de *INFL* , a ausência de *DE* nos editoriais é explicada em virtude de este registro caracterizar-se por ser escrito e mais formal , tendendo assim a manter a flexão , conforme diagrama 9 , montado a partir da tabela 6 , à página 94 :

	A	PARA	DE
Entrevistas	—	10	02
Editoriais	25	—	—
E. Formais	01	—	03
Veja	04	—	11

Diagrama 9 : DISTRIBUIÇÃO DOS COMPLEMENTIZADORES DE INFINITIVO EM RELAÇÃO AS MODALIDADES DE REGISTRO .

Além disso , este diagrama parece sugerir que *PARA* ocorre em distribuição complementar no que se refere a registros menos formais tanto com *A* quanto com *DE* .

A distribuição complementar entre A e PARA poderia direcionar nossa análise no sentido de considerar as mesmas sinônimas, uma vez que há uma tendência muito grande na fala coloquial em se substituir A por PARA. Entretanto, a leitura possibilitada pelos dados é a de que do ponto de vista sociolinguístico PARA e DE estão em distribuição complementar no que se refere à organização textual, enquanto que, do ponto de vista sintático, A e PARA, apesar de estarem em distribuição complementar, são categorias sintaticamente diferentes, o que já foi evidenciado em termos de a primeira apenas admitir sujeito não preenchido e a segunda admitir sujeito lexical.

A distribuição dos complementizadores em relação aos modos verbais e tipos de sujeito, conforme tabela 8, ocorreu da seguinte forma:

a. Indicativo: Em 768 ocorrências e preenchimentos, assim distribuídos:

(1) **Sujeito não preenchido:** igual ao anterior (35), diferente do anterior (221), diferente do anterior e igual ao objeto (4), outros tipos de sujeito (49).

(11) **Sujeito preenchido:** igual ao anterior (13), diferente do anterior -clítico (11), diferente do anterior-indeterminado (39), diferente do anterior - SN pleno (347), outros tipos (49).

b. Infinitivo Flexionado: 81 ocorrências e 12 preenchimentos:

(1) **Sujeito não preenchido:** igual ao anterior (1) diferente do anterior e igual ao objeto (7).

TABELA 8. DISTRIBUIÇÃO DOS COMPLEMENTIZADORES EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE SUJEITOS E MODOS VERBAIS .

	NÃO-PREENCHIDO				PREENCHIDO					TOTAL
	=ANT.	≠ANT.	≠ANT. =OBJ.	OUT.	=ANT.	≠ ANT.			OUT.	
						CLIT.	IND.	SN.		
IND.	35 35 100%	221 221 100%	04 04 100%	49 49 100%	13 13 100%	11 11 100%	39 39 100%	347 347 100%	49 49 100%	768 768 100%
INF. FLEX	01 03 33%	0 03 0	07 25 28%	0 0 0	0 0 0	0 0 0	04 23 18%	0 27 0	0 0 0	12 81 15%
INF. N. FLEX.	17 585 3%	18 309 6%	09 83 11%	04 04 100%	0 0 0	03 26 11%	0 0 0	0 0 0	01 01 100%	52 1008 5%
SUBJ.	02 02 100%	30 30 100%	02 02 100%	0 0 0	0 0 0	12 12 100%	02 02 100%	75 75 100%	0 0 0	123 123 100%
TOTAL	55 625 9%	269 563 48%	22 114 20%	53 53 100%	13 13 100%	26 49 51%	45 64 70%	422 449 94%	50 50 100%	955 1980 48%

(11) Sujeito preenchido diferente do anterior :

Indeterminado (4) .

c. Infinitivo não Flexionado : Em 1008 ocorrências , os

52 preenchimentos estão assim distribuídos :

(1) Sujeito não preenchido : igual ao anterior (17) , diferente do anterior (18) , diferente do anterior e igual ao objeto (9) , outros tipos (4) .

(11) Sujeito preenchido : diferente do anterior-clítico (3) , outros tipos (1) .

d. Subjuntivo : 123 ocorrências e preenchimentos distribuídos do seguinte modo :

(1) Sujeito não preenchido : igual ao anterior (2) , diferente do anterior (30) , diferente do anterior e igual ao objeto (2) .

(ii) Sujeito preenchido diferente do anterior : clítico (12) , indeterminado (2) , SN pleno (75) .

Em relação ao infinitivo flexionado , é interessante observar que , com sujeito não preenchido , a ocorrência de complementizadores é maior do que com sujeito preenchido . As 8 ocorrências de infinitivo flexionado com sujeito não preenchido e as 4 com sujeito preenchido correspondem respectivamente a 26% e 8% , o que evidencia novamente a existência da correlação COMP e INFL , reforçando a possibilidade de direcionamento de nossa análise neste sentido .

	Suj. não preenchido	Suj. preenchido
Inf. Flex .	08/31 = 26%	04/50 = 8%
Inf.N.Flex.	48/977 = 5%	04/27 = 15%

Diagrama 10 : DISTRIBUIÇÃO DE COMPLEMENTIZADORES DE INFINITIVO QUANTO AO PREENCHIMENTO/NÃO PREENCHIMENTO DE SUJEITO .

Por outro lado , os dados a respeito do infinitivo não flexionado evidenciam , aparentemente , o contrário : 5% de preenchimento de complementizadores com sujeito não preenchido e 15% com sujeito preenchido . Tal fato se explica em virtude de , conforme já mencionado anteriormente , o complementizador ter como função autorizar AGR/INFL e , conseqüentemente , o SN lexical .

A distribuição dos complementizadores em relação às modalidades de registro e tipos de sujeito , conforme tabela 9 , deu-se da seguinte forma :

a. **Entrevistas** : Houve 533 ocorrências com 309 preenchimentos assim distribuídos :

(1) **Sujeito não preenchido** : igual ao anterior (14) , diferente do anterior (156) , diferente do anterior e igual ao objeto (2) , outros tipos (9) .

(11) **Sujeito preenchido** : igual ao anterior (10) , diferente do anterior-clítico (3) , diferente do anterior - indeterminado (18) , diferente do anterior SN pleno (84) , outros tipos (13) .

TABELA 9. DISTRIBUIÇÃO DOS COMPLEMENTIZADORES EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE SUJEITOS E MODALIDADES DE REGISTRO .

	NÃO-PREENCHIDO				PREENCHIDO					TOTAL
	=ANT.	≠ANT.	≠ANT. =OBJ.	OUT.	=ANT.	≠ ANT.			OUT.	
						CLIT.	IND.	SN.		
ENTRE- VISTAS	14 135 10%	156 228 68%	02 14 14%	09 09 100%	10 10 100%	03 05 60%	18 32 56%	84 87 100%	13 13 100%	309 533 58%
EDITO- RIAIS	12 161 7%	26 164 16%	15 59 25%	03 03 100%	0	14 19 74%	04 04 100%	115 124 93%	0	189 534 35%
EL. FORMAIS	08 130 6%	35 65 54%	01 10 10%	31 31 100%	01 01 100%	04 15 27%	11 16 69%	104 113 92%	28 28 100%	223 409 55%
VEJA	21 199 11%	52 106 49%	04 31 13%	10 10 100%	02 02 100%	05 10 50%	12 12 100%	119 125 95%	09 09 100%	234 504 46%
TOTAL	55 625 9%	269 563 48%	22 114 20%	53 53 100%	13 13 100%	26 49 51%	45 64 70%	422 449 94%	50 50 100%	955 1980 48%

b. **Elocuções Formais** :

Em 409 ocorrências foram computados 223 preenchimentos , dos quais :

(1) **Sujeito não preenchido** : igual ao anterior (8) ,

diferente do anterior (35) , diferente do anterior e igual ao objeto (1) e outros (31) .

(11) **Sujeito preenchido** : igual ao anterior (1) , diferente do anterior-clítico (4) , diferente do anterior - indeterminado (11) , diferente do anterior-SN pleno (104) , outros tipos (28) .

c. Editoriais :

534 ocorrências e 189 preenchimentos distribuídos da seguinte forma :

(1) **Sujeito não preenchido** : igual ao anterior (12) , diferente do anterior (26) , diferente do anterior e igual ao objeto (15) , outros (3) .

(11) **Sujeito preenchido** : diferente do anterior-clítico (14) , diferente do anterior-indeterminado (4) , diferente do anterior-SN pleno (115) .

d. Revista "Veja" :

Foram computadas 504 ocorrências e 224 preenchimentos assim distribuídos :

(1) **Sujeito não preenchido** : igual ao anterior (21) , diferente do anterior (52) , diferente do anterior e igual ao objeto (4) , outros tipos (10) .

(11) **Sujeito preenchido** : igual ao anterior (2) , diferente do anterior-clítico (5) , diferente do anterior - indeterminado (12) , diferente do anterior-SN pleno (119) , outros tipos (9) .

Os dados desta tabela apenas ratificam as observações já mencionadas anteriormente , quanto ao fato de o maior

preenchimento de complementizadores ocorrer no estilo mais informal, e também quanto ao fato de este preenchimento ser inversamente proporcional à ocorrência de sujeito preenchido. Observe abaixo o diagrama 11:

	Suj. N. preenchido	Suj. preenchido
Editoriais	15 %	91 %
Veja	30 %	88 %
Entrevistas	47 %	87 %
El. Formais	33 %	86 %

Diagrama 11 : OCORRÊNCIA DE COMPLEMENTIZADORES EM
RELAÇÃO AO PREENCHIMENTO DE SUJEITO .

O cruzamento da variável dependente com as modalidades de registro e modo verbal, conforme tabela 10, forneceu-nos os seguintes resultados:

a. Modo Indicativo :

O total de 768 ocorrências e preenchimentos distribuiu-se do seguinte modo : 277 nas Entrevistas, 105 nos Editoriais, 203 nas Elocuções Formais e 183 nos textos da Revista Veja.

b. Infinitivo Flexionado :

Em 81 ocorrências houve 12 preenchimentos dos quais : 2 nas Entrevistas, 7 nos Editoriais, 2 nas Elocuções Formais e 1 em Veja.

c. Infinitivo não Flexionado :

Em 1008 ocorrências houve 52 preenchimentos : 12 nas

Entrevistas , 22 nos Editoriais , 3 nas Elocuções Formais e 15 em
Veja .

TABELA 10 . DISTRIBUIÇÃO DE COMPLEMENTIZADORES EM RELAÇÃO A MODALIDADES DE REGISTRO E MODOS VERBAIS .					
	IND.	INF. FLEX.	INF.N.FLEX.	SUBJ.	TOTAL
Entrevistas	277	02	12	18	309
	277	28	210	18	533
	100%	7%	6%	100%	58%
Editoriais	105	07	22	55	189
	105	22	352	55	534
	100%	32%	6%	100%	55%
E. Formais	203	02	03	15	223
	203	17	174	15	409
	100%	12%	2%	100%	35%
Veja	183	01	15	35	234
	183	14	272	35	505
	100%	7%	5%	100%	46%
Total	768	12	52	123	955
	768	81	1008	123	1980
	100%	15%	6%	100%	48%

d. Subjuntivo :

As 123 ocorrências e preenchimentos assim se distribuíram : 18 nas Entrevistas , 55 nos Editoriais , 15 nas Elocuções Formais e 35 na revista Veja .

Os dados apresentados refletem o que já foi mencionado a respeito da tabela 9 . Além disso , é necessário atentar para o fato de que a maior ocorrência de infinitivo não flexionado dá-se nos Editoriais , assim como é também maior a incidência de preenchimento de complementizadores no infinitivo flexionado . À primeira vista , tal fato parece ir contra a nossa hipótese , mas

é explicável em função justamente de o registro escrito manter ,
conforme já foi salientado , a flexão .Observe o diagrama 12 :

	Inf. Flex.	Inf. N. Flex.
Editoriais	7/22 - 32 %	22/352 - 6 %
Veja	1/14 - 7 %	15/272 - 5 %
El. Formais	2/17 - 12 %	3/174 - 2 %
Entrevistas	2/28 - 7 %	12/210 - 6 %

Diagrama 12 : DISTRIBUIÇÃO DE COMPLEMENTIZADORES
QUANTO A MODALIDADES DE REGISTRO E
FORMA INFINITIVA .

Em relação aos elementos WH que co-ocorrem com QUE ,
conforme mencionado no capítulo III , foi necessário fazer uma
análise em separado , em função do comportamento que os mesmos
apresentam , a partir de uma segunda variável dependente :
[± duplo preenchimento]

Em um total de 213 ocorrências , os elementos
interrogativos assim se distribuíram :

COMO—————>	61	QUEM—————>	13
SE—————>	41	(A)ONDE—————>	07
QUAL—————>	29	QUANDO—————>	01
O QUE—————>	20	QUANTO—————>	0
POR QUE————>	14		

O cruzamento da segunda variável dependente com os tipos
de elementos interrogativos e tipos de orações , conforme tabela

11 , abaixo , apontou-nos os seguintes resultados :

A. Orações interrogativas Indiretas :

Houve 17 co-ocorrências com QUE em 110 casos de elementos interrogativos distribuídos do seguinte modo : como (6) , o que (8) , (a)onde (1) , que (1) e qual (1) .

TABELA 11. DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS INTERROGATIVOS QUANTO AOS TIPOS DE ORAÇÕES			
	INT. IND.	INT. DIR.	TOTAL
SE	0 41	0	0 41
COMO	6 23 26%	16 38 42%	22 61 36%
POR QUE	0 2 0	1 12 8%	1 14 7%
O QUE	8 12 66%	6 15 40%	14 27 52%
QUANDO	0 1	0	0 1
(A)ONDE	1 6 17%	0 1 0	1 7 14%
QUE	1 10 10%	3 10 30%	4 20 20%
QUEM	0 4 0	2 9 22%	2 13 15%
QUAL	1 11 9%	3 18 17%	4 29 14%
TOTAL	17 110 15%	31 103 30%	48 213 23%

B. Interrogativas Diretas :

Em 103 ocorrências de elementos interrogativos , houve 30% de co-ocorrências com QUE assim distribuídos : como (16) , por

que (1) , o que (6) , que (3) , quem (2) e qual (3) .

Um primeiro dado interessante fornecido por esta tabela é o fato de o elemento SE não ter ocorrido com orações interrogativas diretas ; um segundo refere-se à não ocorrência de SE e QUANDO com o complementizador QUE . Entretanto , ao observarmos as sentenças abaixo , verificamos que a não ocorrência de QUE com QUANDO se deu por motivos aleatórios , uma vez que a mesma é possível , enquanto que a não ocorrência com SE revela que este elemento tem um comportamento diferente dos elementos interrogativos : sua ocorrência com QUE não é permitida :

(11) a. "...não sei se é indigestão..." (A.29.74)

b.* "...não sei se que é indigestão..."

(12) a. "você percebe quando vai nevar ." (B.20.74)

b. "você percebe quando que vai nevar ."

Estes fatos nos possibilitam aventar a hipótese de que SE é um real complementizador , similar a QUE .

A tabela 12 , cruzamento da variável dependente com os tipos de elementos interrogativos e modos verbais , revela-nos que a co-ocorrência de elementos interrogativos com QUE só é possível no **Modo Indicativo** , cujos 48 preenchimentos em 205 ocorrências estão assim distribuídos : como (22) , por que (1) , o que (14) , (a)onde (1) , que (4) , quem (2) e qual (4) .

	IND.	INF. FLEX.	INF. N. FLEX.	SUBJ.
ELS. INT.	48/205	0	0/7	0/1

Diagrama 13 : OCORRÊNCIA DE VH+QUE EM RELAÇÃO AOS MODOS VERBAIS .

Observe que esta estrutura dupla , ocorrendo apenas com verbos no modo indicativo , conforme pode ser constatado pelo diagrama à página anterior , atua para corroborar a nossa hipótese de que o complementizador autoriza flexão , uma vez que , se colocado ao lado de um elemento interrogativo , concorre para impedir a ocorrência do infinitivo e subjuntivo .

TABELA 12. DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS INTERROGATIVOS EM RELAÇÃO AOS MODOS VERBAIS

	IND.	INF. FLEX.	INF. N. FLEX.	SUBJ.	TOTAL
SE	0 41	0	0	0	0 41
COMO	22 55 40%	0	0 6 0	0	22 61 36%
POR QUE	1 13 8%	0	0	0 1 0	1 14 7%
O QUE	14 27 52%	0	0	0	14 27 52%
QUANDO	0 1	0	0	0	0 1
(A)ONDE	1 7 14%	0	0	0	1 7 14%
QUE	4 19 21%	0	0 1 0	0	4 20 20%
QUEM	2 13 14%	0	0	0	2 13 15%
QUAL	4 29 14%	0	0	0	4 29 15%
TOTAL	48 205 23%	0	0 7 0	0 1 0	48 213 23%

É interessante observar o que Bresnan (1972:29) diz a respeito do papel que os elementos WH+QUE desempenharam na

história do sistema complementizador em Inglês :

"For a long time English lacked FOR as complementizer . At one stage the predicate complementizers appeared to form a binary system of "marked" (WH) and "unmarked" (THAT) : THAT occurred both with and without WH , and appeared to function primarily as a syntactic marker of subordination . As the preposition FOR evolved into a complementizer and was finally admitted into the system (Jespersen , 1927:308) , there came into existence a three-way distinction between WH , FOR , and THAT . It may be conjectured that it was a result of the entrance of FOR that THAT came to be a complementizer in its own right and ceased to cooccur with WH ."

Observe que a nossa proposta difere um pouco das conjecturas de Bresnan : acreditamos que tanto o fato de DE passar a fazer parte do sistema complementizador no PB quanto a co-ocorrência de elementos WH com QUE , fazem parte de um mesmo fenômeno : o rearranjo do sistema para compensar a perda de flexão .

A tabela 13 , apresentada à página seguinte , resultado do cruzamento da variável dependente com os tipos de elementos interrogativos e modalidades de registro , evidenciou a seguinte distribuição :

A. Entrevistas :

Os 29 preenchimentos em 87 ocorrências estão distribuídos do seguinte modo : como (10) , o que (11) , (a)onde (1) , que (3) , quem (2) , qual (2) .

B. Elocuções Formais :

87 ocorrências de elementos interrogativos com 20% de

co-ocorrências com QUE : como (12) , por que (1) , o que (3) , que (1) e qual (1) .

C. Veja : Houve apenas uma ocorrência de elemento interrogativo , qual , com que .

D. Editoriais : Não houve ocorrência .

TABELA 13. DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS INTERROGATIVOS EM RELAÇÃO ÀS MODALIDADES DE REGISTRO					
	ENT.	E. FORMAIS	VEJA	EDITORIAIS	TOTAL
SE	0	0	0	0	0
	28	10	3		41
COMO	10	12	0	0	22
	22	27	7	5	61
	45%	44%	0	0	36%
POR QUE	0	1	0	0	1
	2	7	5		14
	0	14%	0		7%
O QUE	11	3	0	0	14
	16	10	1		27
	69%	30%	0		52%
QUANDO	0	0	0	0	0
	1				1
(A) ONDE	1	0	0	0	1
	3	4			7
	33%	0			14%
QUE	3	1	0	0	4
	4	12	4		20
	75%	8%	0		20%
QUEM	2	0	0	0	2
	3	9		1	13
	40%	0		0	15%
QUAL	2	1	1	0	4
	8	10	14		29
	25%	10%	9%		14%
TOTAL	29	18	1	0	48
	87	89	31	6	213
	33%	20%	3%	0	23%

Estes dados evidenciam que este fenômeno é bastante frequente no registro oral e , podemos mesmo afirmar , extrapolando os dados obtidos por esta tabela , que o mesmo está

espalhado em quase todos os níveis sociolinguísticos : não separa classes sociais ou níveis , não estigmatiza o usuário e é muito comum na fala coloquial , apesar de , praticamente , não ocorrer no registro escrito .

As línguas , de uma maneira geral , utilizam-se de vários "artifícios" para compensar a perda de flexão , sendo que um deles é o preenchimento do sujeito .

Hochberg (1986) oferece-nos uma descrição funcional dos padrões de uso do pronome sujeito no Espanhol de Porto Rico , evidenciando que a queda de /s/ nas formas verbais de segunda pessoa , ao criar ambigüidade com a primeira e/ou terceira pessoa do singular , leva ao maior emprego de pronomes sujeito .

A correlação estabelecida entre elementos WH+QUE e a perda de flexão é assumida por Suñer (1986 : 195-197) para o Espanhol do Caribe . Para sustentar a hipótese de que há enfraquecimento de INFL em AGR no Espanhol do Caribe , a autora apresenta fatos que coincidem com os já arrolados na literatura para explicar a perda de flexão no PB :

(1) enfraquecimento de consoantes finais ao ponto de dificilmente serem percebidas na fala não monitorada - enfraquecimento/perda de -s na segunda pessoa do singular e enfraquecimento de -n :

(13) "yo como	yo comía
tú come(s)	tú comía(s)
el come	él comía

(14) "ellos come(m) ellos comía(m) (p.196)

(ii) maior uso de sujeitos pronominais como consequência do enfraquecimento da flexão ;

(iii) não observação da regra obrigatória de inversão verbo-sujeito em questões :

(15)a." ¿ Con qué instrumentos nosotros vamos a luchar?"

b." ¿ Qué tú piensas de eso ?" (p.196)

(iv) utilização da forma "QU-word - ser - lo - que" paralela ao Francês "qu'est-ce-que" e similar à forma "que é que" do Português do Brasil .

Para a autora , os itens (iii) e (iv) indicam que a ordem básica do Espanhol sujeito-verbo-X está se tornando gramaticalizada no Espanhol do Caribe .

Face a estas colocações , a tabela 14 (apresentada à página seguinte) , resultado do cruzamento da segunda variável dependente com os fatores posição do sujeito e tipos de elementos interrogativos , é esclarecedora .

Antes de analisá-la , passemos à sua descrição :

A. Sujeito antes do verbo : Houve 86 ocorrências com 22 preenchimentos assim distribuídos : como (12) , por que (1) , o que (4) , (a)onde (1) , que (3) e qual (1).

B. Sujeito depois do verbo : 11 preenchimentos em 59 ocorrências : como (7) , o que (1) e qual (3) .

C. Sujeito antes do verbo com preposição : Apenas um preenchimento com o interrogativo que , em 8 ocorrências .

D. Sujeito não explícito : Em 60 casos , aconteceram 14 ocorrências : como (3) , o que (9) e quem (2) .

TABELA 14. DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS INTERROGATIVOS EM RELAÇÃO À POSIÇÃO DO SUJEITO .					
	SV	VS	SV+PREP	N. EXPLÍCITO	TOTAL
SE	0	0	0	0	0
	30			11	41
COMO	12	7	0	3	22
	26	16		19	61
	46%	44%		16%	36%
POR QUE	1	0	0	0	1
	9	4		1	14
	11%	0		0	7%
O QUE	4	1	0	9	14
	6	7		14	27
	67%	14%		64%	52%
QUANDO	0	0	0	0	0
	1			1	
(A) ONDE	1	0	0	0	1
	2	4		1	7
	50%	0		0	14%
QUE	3	0	1	0	4
	11		8	1	20
	27%		13%	0	20%
QUEM	0	0	0	2	2
				13	13
				15%	15%
QUAL	1	3	0	0	4
	1	28			29
	100%	10%			14%
TOTAL	22	11	1	14	48
	86	59	8	60	213
	26%	18%	13%	23%	23%

Estes dados evidenciam que a situação no PB parece ser similar à do Espanhol do Caribe , isto é , a estrutura WH+QU possibilita maior preenchimento do sujeito , conforme diagrama 14:

POSIÇÃO DO SUJEITO EM RELAÇÃO AO VERBO				
	ANTES	DEPOIS	ANTES C/ PREP.	N. EXPLÍCITO
ELS. INT.	26%	18%	13%	23%

Diagrama 14 : POSIÇÃO DO SUJEITO EM RELAÇÃO À OCORRÊNCIA DE WH+QUE .

É surpreendente constatar que , se de um lado os dados possibilitam parametrizar o PB e o Espanhol do Caribe no que se refere ao comportamento dos elementos interrogativos , por outro , Rouveret (1987:407-410) apresenta dados que nos possibilitam traçar paralelos que distanciam o PB do PE .

Rouveret apresenta as seguintes propriedades para as construções interrogativas QU no PE : (i) a presença de um complemento temático do verbo na posição COMP aciona obrigatoriamente o alçamento do verbo flexionado , entretanto , se o conteúdo argumental em COMP for composto de um elemento interrogativo e de uma cabeça nominal lexical , o alçamento do verbo é opcional ; (ii) as orações interrogativas indiretas introduzidas por "reais" quantificadores (o que , a quem , que) seguidos de uma cabeça lexical não exigem V-preposing ; (iii) os interrogativos **onde** , **quando** , **como** acionam obrigatoriamente o alçamento do verbo nas interrogativas diretas , mas não nas indiretas ; (iv) quando o termo interrogativo se reduz ao interrogativo neutro indefinido **QUE** ou quando se tem uma expressão composta de **preposição + que** (para que , em que) , V-preposing não é necessário .

A tabela 15 , cruzamento da segunda variável dependente com os fatores posição do sujeito e conteúdo lexical em COMP , reflete o distanciamento do PB em relação ao PE :

A. Sujeito antes do verbo : Em 22 preenchimentos de elementos interrogativos com cabeça lexical em 86 ocorrências , 03 o foram com cabeça lexical e 19 sem cabeça lexical .

B. Sujeito após o verbo : Houve 59 ocorrências e 11

preenchimentos , dos quais , 2 com cabeça lexical e 9 sem cabeça lexical .

C. Sujeito antes do verbo com preposição : Em 9 ocorrências , apenas um preenchimento sem cabeça lexical .

D. Sujeito não explícito : em 60 ocorrências houve 14 preenchimentos , sem conteúdo lexical em COMP .

TABELA 15. DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS INTERROGATIVOS EM RELAÇÃO AO CONTEÚDO LEXICAL EM COMP E POSIÇÃO DO SUJEITO .			
	+ CABEÇA LEXICAL	-CABEÇA LEXICAL	TOTAL
SV	3	19	22
	9	77	86
	33%	25%	26%
VS	2	9	11
	5	54	59
	40%	17%	18%
SV+PREP	0	1	1
	7	1	8
	0	100%	13%
NÃO EXPLÍCITO	0	14	14
	0	60	60
	0	23%	23%
TOTAL	5	43	48
	21	192	213
	24%	22%	23%

Conforme se pode verificar , as propriedades apontadas por Rouveret para o PE não se aplicam no PB : o alçamento do verbo é sempre opcional , seja o elemento interrogativo acompanhado de cabeça lexical ou não .

A diferença entre os fatos do PB e os do PE encontra explicação em Kato (1987) que , analisando a construção V-FRONT no PB , em relação à proposta de Âmbar (1985) , questiona se esta é uma regra estilística ou sintática , mostra que V-FRONT é uma

regra variável no Português do Brasil , em que a variante européia possui contextos mais categóricos que a brasileira e que os mesmos fatores que atuam em Espanhol e no PE parecem ser os que atuam no PB , quando a inversão ocorre . (8)

No que se refere ao questionamento de ser esta uma regra estilística ou sintática , assumiremos sem maiores discussões a análise de Lobato (1988) que apresenta argumentos que comprovam que esta é uma regra sintática , independente de ser facultativa .

Os resultados obtidos podem ser sintetizados nos seguintes itens :

(i) As preposições se comportam de maneira diferente no PB das preposições das línguas crioulas . No PB , temos uma preposição que se comporta como complementizador , caracterizando-se , portanto , como um "real" complementizador de infinitivo e uma preposição-complementizador (PARA) nos casos de ECM .

(ii) Quanto às orações adjetivas : há variação entre os complementizadores de , para , [e] .

(iii) Quanto às orações relativas infinitivas :

a. A é o introdutor básico das orações relativas e , em função de ocorrer apenas em estruturas de controle obrigatório , não admitindo o preenchimento do sujeito , A parece comportar-se mais como um operador do tipo WH , ocupando a posição de Spec. no nóculo CP .

b. A é característico do registro formal : nos registros menos formais , ocorre em distribuição complementar com PARA ,

embora sejam categorias sintaticamente diferentes .

(iv) Quanto às orações não interrogativas :

Há distribuição complementar entre *que* , [Ø] e [e] .

(v) Quanto às características de DE e PARA :

Para e *De* introduzem orações cujos sujeitos podem apresentar referentes iguais ou diferentes dos da oração matriz , o que comprova que estes elementos não regem a posição de sujeito adjacente e isto constitui evidência para a "auto-suficiência" das infinitivas .

(vi) Quanto aos elementos interrogativos :

a. A ocorrência de **WH+QUE** , correlacionada à tendência no PB de preencher o sujeito e motivada pela perda de flexão , possibilita alinhar o PB ao Espanhol do Caribe e evidencia um certo distanciamento do PB em relação ao PE .

b. O elemento interrogativo **SE** comporta-se mais como um "real" complementizador do que como um elemento interrogativo .

.....

NOTAS AO CAPÍTULO IV

1. Além de apresentar as tabelas , optamos por apresentar também recortes das mesmas sob a forma de diagramas .
2. Lembramos que estamos trabalhando também com a hipótese de para reger em ECM .
3. Vários autores têm trabalhado com o fenômeno da perda de flexão no Português do Brasil , dentre outros , Naro (1981) , Braga (1977) e Scherre (1981 , 1988)
4. Stowell (1981:422) , ao apresentar argumentos que inviabilizam a possibilidade de se tentar capturar a relação complementizador e INFL em termos de subcategorização , afirma que :

"When a verb selects a [+WH] COMP , the relationship between the COMP and INFL breaks down , since the [+WH] complementizer and the WH-phrases that may appear in COMP are equally compatible with either tensed or infinitival S . (...) This means that if a verb subcategorizes for a [+WH] COMP , it should be impossible for the verb to specify whether the complement is tensed (i.e.[± Past] or infinitival ."

5. Woolford (1981:127) considera que preposições não são apagáveis , mas complementizadores sim . Observe que no PB ocorre o apagamento de preposições , conforme exemplo à página 91 .

Chomsky (1977 : 86) considera que "THAT" pode ser apagado

sob certas circunstâncias em não relativas , **FOR** é apagado quando a **ele** se seguir verbos da categoria **WANT** e , sob certas circunstâncias,antes de **TO** etc ."

6. Moreira da Silva (1983:361 e 367 , n.37) considera que "o subordinante de (...) não tem recebido atenção especial porque ele parece facultativo" . Entretanto , mostra que "há pares mínimos do tipo (1) que parecem apontar que o subordinante de não é sempre opcional :

(1) Esta cachaça é boa de beber .

*Esta cachaça é boa beber ."

Acreditamos que a não opcionalidade de de nestas estruturas justifica-se pelo fato de esta preposição , neste contexto , ser similar à conjunção final **PARA** .

7. A ocorrência de **PARA** só foi computada nos contextos em que introduzia orações adjetivais ou relativas infinitivas .

8. Esta regra , atualmente , parece não ser tão categórica no PE , uma vez que em Bacelar do Nascimento *et alii* (1987) , encontramos vários exemplos do elemento interrogativo co-ocorrendo com **QUE** , com sujeito empregado antes do verbo .

.....

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A nossa tarefa neste capítulo é dar conta do papel desempenhado pelo complementizador no PB, e a partir daí buscar explicações para as hipóteses periféricas já levantadas no primeiro capítulo.

1. A NATUREZA CATEGORIAL DAS ORAÇÕES INFINITIVAS

Para dar conta do objetivo a que nos propusemos, em um primeiro momento, duas questões adquirem particular relevância: A primeira, a discussão e análise a respeito da estrutura da sentença no PB (principalmente da estrutura das orações infinitivas) e, por extensão, a discussão a respeito do elemento DE nas orações adjetivais, em termos de se considerar este elemento como uma preposição "dummy"; e a segunda, a caracterização do nóculo CP no Português do Brasil.

Assumiremos, sem maiores discussões, que a proposta de Chomsky (1986), já apresentada à página 29, caracteriza a estrutura da sentença finita no PB:

(1) IP → [NP [I' [VP V...]]]
 CP → [... [C' C I'']]

Quanto às sentenças infinitivas, existem várias análises argumentando a favor de se considerar algumas delas como pertencendo à categoria IP e não CP, às quais passaremos a

examinar .

Stowell (1981:415-417) considera que algumas orações infinitivas não exigem uma posição COMP , a partir , principalmente , de dois argumentos :

(i) As orações infinitivas nem sempre contêm um operador TEMPO .

Para ele , a posição COMP em \bar{S} deriva do fato de as orações conterem um operador TEMPO em algum nível da representação que poderá ocorrer em COMP na Estrutura-D (cf. Den Besten 1978) , ou ser apenas exigido em COMP na FL , de modo a comandar a oração operada por este elemento .

Assim , a posição COMP em \bar{S} deriva do fato de a mesma caracterizar-se por ser a posição ocupada por um operador TEMPO que possibilita a configuração sujeito-predicado nas estruturas de complementação , caracterizando-se como um operador proposicional semelhante à negação e oposto a operadores do tipo WH .

O operador TEMPO se diferencia de [+ tempo] em S , em virtude de o último ser um traço realizado morfológicamente em orações finitas , isto significando que as orações infinitivas são [+TEMPO] , apesar de não possuírem o traço morfológico [+passado] .

Stowell ainda observa que a ausência deste traço morfológico não significa a ausência do operador TEMPO , porque nas infinitivas , o "time-frame" não é realizado com relação ao tempo da oração matriz , mas corresponde a um "possível futuro".

Em síntese , \bar{S} decorre da existência de um operador

TEMPO e , conforme o autor mesmo afirma , "a presença de um serve como diagnóstico para a presença de outro " (p. 416)

(1) A exigência de biunivocidade , mencionada acima , mantendo-se entre a presença de uma posição COMP e a ocorrência de um operador TEMPO em uma oração , é confirmada pelas relativas infinitivas que exigem uma posição COMP em função de movimento WH e sempre têm tempo não-realizado . Prova disto é a sua interpretação "purposive" .

A partir destas constatações , o autor mostra que as orações infinitivas sujeito têm uma posição COMP vazia na FL , são sem TEMPO , por não sofrerem os efeitos de ECP :

(2) a. I PRO to kill animals I is wrong .

b. Itⁱ was wonderful I to be released from jail Iⁱ

Nestas estruturas , se houvesse uma posição COMP , as mesmas deveriam ter um complementizador lexical , caso contrário , Iel regeria PRO .

Além disso , Stowell mostra que , quanto às orações infinitivas não-sujeito , se ocorrer um complementizador , o tempo não-realizado reaparece :

(3) a. IFor John to kill his goldfish I would be wrong .

b. Itⁱ would surprise me I for the prisoners to be released from jail Iⁱ

Entretanto , conforme será demonstrado , esta análise não é suficiente para explicar as orações infinitivas similares no PB , em virtude de o mesmo dispor do infinitivo flexionado .

Antes de passarmos à análise propriamente dita , optamos por apresentar a distribuição das orações infinitivas flexionadas , a partir de duas propostas : a de Raposo (1987) para o Português Europeu e a de Vitral (1987) para o Português Brasileiro .

1.1. A PROPOSTA DE RAPOSO

Raposo (1987) , no quadro teórico de GB e a partir da interação entre Teoria da Regência e Teoria dos Casos , deriva a distribuição das orações infinitivas flexionadas para o PE da seguinte forma :

(i) Ocorrem como sentenças sujeito em orações extrapostas , como em (4) :

(4) Será difícil eles aprovarem a proposta .

(ii) Ocorrem como complementos subcategorizados por predicados epistêmicos , declarativos e factivos (em que para os dois primeiros , o verbo deve preceder o sujeito) e não podem ocorrer com complementos subcategorizados por verbos volitivos :

(5) a. *Eu penso/afirmo [os deputados terem trabalhado pouco]

b. Eu penso/afirmo[terem os deputados trabalhado...]

(6) a.*Eu lamento [os deputados terem trabalhado pouco]

b. Eu lamento [terem os deputados trabalhado pouco]

(7) a.*Eu desejava [os deputados terem trabalhado muito]

b.*Eu desejava [terem os deputados trabalhado muito]

(iii) ocorrem como orações adjuntas introduzidas por

preposições , cuja função é atribuir Caso ao núcleo do complemento subcategorizado , a INFL encaixada :

(8) Eu entrei em casa [sem [os meninos verem]]

(iv) não podem ocorrer com orações interrogativas encaixadas , relativas encaixadas ou em construções em que há um discutível operador nulo em COMP :

(9) a. *Nós não sabemos [quem convidarmos para o jantar]

b. Nós não sabemos [quem convidar para o jantar]

Para o autor , é possível explicar a ocorrência de infinitivo flexionado no PE através da combinação de dois parâmetros : o parâmetro INFL (morfológico) e o parâmetro de SUJEITO NULO (sintático).

O parâmetro INFL , derivado da expansão padrão de INFL em (10) , dá conta da variação entre as línguas a partir da combinação dos traços de INFL . Na maioria das línguas , INFL finita [+ Tempo] é especificada por [AGR] , possibilitando que a posição de sujeito da oração encaixada seja ocupada por um NP aberto , que recebe Caso de INFL . No caso de INFL infinitiva [-Tempo] , esta é especificada por uma categoria vazia , PRO ou traço-NP que não exigem um atribuidor de Caso.

No PE , tal correlação não se mantém necessariamente , e a existência de infinitivo flexionado decorre da possibilidade de se ter INFL infinitiva [-Tempo] especificada por [AGR] , conforme (11) :

(10) INFL ———>[+TENSE] , (AGR)

(11) INFL ———>[- TENSE] , AGR]

oração matriz ou então uma preposição "dummy" .

Desse modo , em (13) , IP pode ser uma filha imediata da S matriz , não havendo , portanto , CP dominando IP :

(13) ICP I IP IN^{MAX} = IP eles I \bar{I} I I AGR₁ aprovar a proposta II \bar{I} INFL₂ será difícil III

(14) pro_t \bar{I} INFL₂ será difícil I N^{MAX} = IP eles I \bar{I} I I AGR₁ aprovar a proposta III

Em (13) , INFL₁ rege⁽²⁾ e atribui Caso à oração sujeito . Já que o núcleo do sujeito sentencial INFL₁ é também regido por INFL₂ , o Caso atribuído à oração sujeito pode percolá-lo ; em (14) , o Caso nominativo é atribuído ao pronome expletivo por INFL e transmitido (via formação de cadeia)⁽³⁾ à oração extraposta coindexada . Este caso percola INFL₁ , visto que INFL₁ é o núcleo da oração .

Quanto aos complementos infinitivos flexionados que funcionam como adjuntos (conforme (8)) , a assunção é de que orações adjuntas são PPs e a categoria P subcategoriza projeções máximas N . Nesta perspectiva , a preposição rege e atribui Caso ao núcleo do complemento subcategorizado , a INFL encaixada :

(15) Eu entrei em casa IPP sem I IP os meninos verem I

Além disso , ao argumentar contra a existência de operador nulo no Especificador de CP , o autor mostra que , nas construções adjetivais complexas , INFL é sucessivamente alçada a C e que AGR é adequadamente regida e recebe Caso da preposição DE através de CP , em construções com morfologia passiva e impessoal

SE , conforme é demonstrado em (16) e (17) , com as respectivas Estruturas-S :

(16) a. Esses relógios são difíceis de serem arranjados.

b...difíceis de Icp I \bar{c} Ic Ir AGR I_v IIP pro_j I \bar{I} t_v
 Ivp ser arranjados t_v IIIII

(17) a. Esses relógios são difíceis de se arranjar .

b...difíceis de Icp I \bar{c} Ic Ir AGR I_v IIP pro_j I \bar{I} t_v
 Ivp se arranjar IIIII

Quanto aos predicados complementos de verbos epistêmicos, declarativos e volitivos , a partir da constatação de que os mesmos não subcategorizam NPs proposicionais e claramente subcategorizam CPs , o autor assume que os mesmos pertencem à categoria GP :

Nos dois primeiros casos , a atribuição de Caso é explicada através do alçamento de INFL à posição núcleo C de CP (contexto de regência e marcação de Caso) , e o Caso atribuído a GP percola INFL em C :

(18) O Manuel pensa I CP I \bar{c} IC/T II AGR I_v IIP os
 amigos I \bar{I} t_v VP IIIII

Finalmente , predicados volitivos não tomam complementos nominais e nem CP com TEMPO , portanto INFL nunca receberá Caso .

1.2. A PROPOSTA DE VITRAL

Vitral (1987) tem como proposta básica dar conta do "mecanismo da gramática responsável pela presença de sujeito

lexical no infinitivo" (p.93) , através do exame da complementação no PB , em termos de subcategorização do verbo matriz . (4)

Quatro tipos de verbos são então propostos , a partir do complemento oracional que admitem , no que se refere ao elemento TEMPO . (5)

(1) V.SUB—> verbos que selecionam complementos oracionais no modo subjuntivo e na forma infinitiva , com TEMPO não-especificado , em que é estabelecida uma relação do tipo anáfora-antecedente entre o tempo da oração principal e o tempo da oração subordinada , caracterizando-se a completiva por ser (I+Tempo α I) .

α representa a não especificação do tempo da subordinada e seu valor é obtido do tempo da oração matriz . O autor deriva a sinonímia entre completivas infinitivas e subjuntivas a partir da presença de α , considerando que é esta presença que determina o aparecimento do subjuntivo como modo , e sempre que o valor de α for marcado morfologicamente , resultará uma completiva "desenvolvida" , caso contrário , uma completiva infinitiva com sujeito lexical .

Nesta perspectiva , as sentenças (19a,b) terão a mesma representação na Estrutura-S , conforme (20) :

- (19) a. João lamentou que Maria fosse à festa .
b. João lamentou Maria ir à festa .

(20) [...IFLEX + Tempo] ...IFLEX + Tempo]
[+PASS] [α]

(11) V.IND—> verbos que admitem complementos

postulando que apenas os verbos da classe V.INF. têm natureza categorial V ou P (9)

Raposo dá conta da distribuição interna e externa das orações infinitivas flexionadas, derivando as categorias CP / IP e presença / ausência do sujeito, via Regência e atribuição de Caso ao e pelo nóculo INFL, ao passo que Vitral, apesar de caracterizar as possibilidades de complementação em termos de subcategorização do verbo da oração matriz, detecta o mecanismo responsável pela presença / ausência de sujeito no interior destas infinitivas: regência e atribuição de Caso se dão através do nóculo INFL em COMP.

Para o primeiro, AGR em INFL não recebe Caso pelo fato de as infinitivas serem I - Tense I, sendo necessária a regência de um elemento externo a INFL que seja acessível a AGR, justificando assim o fato de orações infinitivas não ocorrerem como oração matriz, em virtude da ausência de um elemento externo para reger e atribuir Caso a AGR que por sua vez atribuiria Caso nominativo ao sujeito; para o segundo, é a presença do elemento [+ Tempo] caracterizado como I + pass I e / ou aspecto que possibilita a atribuição de Caso nominativo ao sujeito de AGR.

A análise de Raposo subjaz a assunção da dependência da oração infinitiva à oração matriz. E é esta dependência que lhe fornece condições para explicar a presença/ausência de sujeito nas infinitivas; já em Vitral, percebemos uma certa dualidade: se de um lado a ocorrência do operador Tempo em COMP é explicada via subcategorização verbal, o que implica dependência em relação à

oração matriz , de outro , o fato de o Caso nominativo ser atribuído ao SN lexical , por um elemento que ocorre no interior da completiva , evidencia uma certa auto-suficiência da oração infinitiva .

A diferença básica entre as duas propostas reside na conceituação do operador Tempo . Para Raposo , a presença / ausência do operador TEMPO correlaciona-se à dependência / independência do tempo da proposição encaixada em relação ao tempo da oração matriz .

Além disso , o autor considera que a presença deste operador ultrapassa a distinção entre orações completivas finitas e infinitivas , uma vez que uma completiva finita pode ser sem TEMPO e uma completiva infinitiva pode ter TEMPO em C , buscando , portanto , outra explicação para a ocorrência de sujeito nas infinitivas .

Já Vitral condiciona a presença da configuração sujeito-predicado à correlação entre operador TEMPO (na FL em COMP) e [+ Tempo] na Estrutura-S , uma vez que , sendo FLEX o núcleo da sentença , a projeção de FLEX , FLEX'' , está sob o escopo deste operador .

Passaremos agora a levantar alguns problemas em relação às análises apresentadas : quanto à proposta de Vitral , a mesma aproxima-se da de Stowell , no que se refere à exigência de biunivocidade entre o operador Tempo e a configuração sujeito-predicado .

Esta exigência faz com que a argumentação se desenvolva de maneira circular , em virtude de a caracterização do elemento

tempo se dar de modo bastante abstrato , prova disso é a necessidade de se incorporar ao lado de [+ pass] a noção de aspecto , e , em última instância , o mecanismo responsável pela ocorrência de sujeito lexical acaba sendo a flexão morfológica .

No início de seu trabalho , o autor considera que a distinção estabelecida pela Gramática Tradicional para infinitivo flexionado e não-flexionado , respectivamente pessoal/impessoal , "não pode ser tomada como base da descrição gramatical das flexões do infinitivo" , uma vez que "quase todas as ocorrências do infinitivo podem ser vistas de fato como pessoais , isto é , referem-se a uma pessoa do discurso da qual se pode tomar conhecimento através das desinências pessoais do verbo "(p.22)

Em virtude destas considerações , o autor assume que "a única distinção que a estrutura formal da língua nos permite fazer é a existência de infinitivo com flexão e infinitivo sem flexão"(p.22)

Parece-nos que é esta afirmativa que provoca a circularidade da argumentação no sentido de se dar conta de um SN lexical em infinitivas sem marca morfológica de flexão , além do fato já mencionado de o autor limitar-se apenas às completivas subcategorizadas pelo verbo da oração matriz .

Outro aspecto a relevar é o fato de o autor estabelecer , assim como Picallo (1984) , sinonímia entre infinitivo e subjuntivo com relação aos verbos da classe V.SUB. , ao considerar que há uma relação do tipo anafora " antecedente entre o operador Tempo da oração subordinada e o da oração matriz , estabelecendo a dependência temporal da oração subordinada ,

Este problema é levantado por Negrão (1986:18-19) ao analisar a proposta de Picallo (1984) , através dos seguintes exemplos :

- (25) a. Não importa eles estarem atrasados .
b. Não importa que eles estivessem atrasados .
c. Não importa que eles estejam atrasados.

Para a autora , em (25a) o tempo da oração encaixada é interpretado como sendo o mesmo da oração matriz , em (25b) o verbo da encaixada pode também assumir a forma presente e as sentenças (25b) e (25c) têm interpretações diferentes : a primeira pode ser parafraseada como " não importa agora que eles estivessem atrasados em alguma época do passado."

Os fatos expostos acima fornecem-nos evidências de que , para o PB , é necessário procurar um outro elemento que seja responsável pela ocorrência de SN lexical nas infinitivas , isto é , o elemento que lexicaliza AGR nas construções cujos verbos não apresentam marca morfológica de flexão . Assim , conforme já mencionado anteriormente , buscaremos explicação para este fato na presença do complementizador .

Retomando alguns itens da proposta de Raposo , observamos que , em relação aos predicados factivos , o autor defende a tese de que os mesmos subcategorizam construções proposicionais semanticamente nominais⁽¹⁰⁾ , dando a eles o mesmo tratamento dispensado às orações sujeito , por considerar que tomam um NP complexo com complemento sentencial , tendo por núcleo o nome FACTO , ou tomam um NP semanticamente proposicional :

- (26) a. Nós lamentamos INP o [eles terem recebido...]

b. Nós lamentamos [NP o facto de [IP eles terem...]]

c. Nós lamentamos [NP os pedidos dos jesuitas]

(27) Nós lamentamos IN^{MAX} = IP eles [Ī [AGR I ter ...]]

Em (27) , INFL é regida e recebe Caso do predicado matriz já que é o núcleo do IP subcategorizado e não há CP entre IP e o predicado matriz em (26a).

O autor correlaciona o fato de verbos factivos admitirem sujeitos lexicais antes e depois do verbo à possibilidade de factivas também subcategorizarem CP :

(28) Nós lamentamos ICP que eles recebam pouco dinheiro I

(29) Nós lamentamos ICP terem eles recebido pouco ...I

Em relação aos predicados epistêmicos que exigem a presença de um verbo auxiliar temporal como TER , ou modal como QUERER , DEVER , o autor presume que " a presença obrigatória do auxiliar tense ou modal está relacionada à presença do TENSE em C "(p.98,n.21) , porém em relação a (29) o autor assume que não há necessidade de postular um operador TENSE no núcleo de CP , em virtude de factivas permitirem apenas complementos nominais . No caso em questão , a correlação aspecto - tense não é capturada .

Além disso , ao examinarmos os dados do PB , encontramos predicados factivos finitos introduzidos por DE +QUE , como na sentença abaixo :

(30) Eu lamento o fato de que o João foi embora .

Embora seja uma estrutura considerada marginal no registro escrito , é muito comum no registro oral , como forma de substituição da forma infinitiva .

De qualquer modo , temos , no predicado factivo , a

ocorrência do elemento **QUE** ao lado da preposição **DE** , o que constitui uma primeira evidência de que a preposição não rege o NP sujeito da oração encaixada .

A estrutura (30) nos possibilita questionar ainda estruturas do tipo (26b) , em que Raposo considera **IP** o complemento do nome núcleo **FACTO** , em virtude de nomes não atribuírem Caso no PE . Para ele , a preposição **dummy** é inserida para reger e atribuir Caso ao **INFL** encaixado .

Ora , se a estrutura em questão tivesse como sujeito o pronome da primeira pessoa , de acordo com a análise de Raposo , deveria ocorrer da seguinte forma :

(31) * O Joao lamenta o fato de mim ter recebido...

Rouveret (1980:78-79) considera que infinitivas flexionadas são expansão do nóculo \bar{S} , em virtude de as mesmas poderem ser modificadas por um advérbio , definirem um domínio para operações sobre **S** (em particular a passiva) e por poderem ser extrapostas , diferentemente dos NPs .

O autor ainda admite que , em casos em que as infinitivas flexionadas ocorrem em construções com preposições , um **COMP** nulo rege o sujeito no nominativo . Se o sujeito é pronome , não é marcado por Caso oblíquo . Para ele , nestas construções , a preposição rege em \bar{S} e \bar{S} é uma fronteira absoluta para marcação de Caso .

Para Rouveret , o que diferencia verbos **EPISTÉMICOS** e de **DIZER** de verbos **FACTIVOS** é a possibilidade ou impossibilidade de extração=**QU** do sujeito : os primeiros admitem extração da posição sujeito , através do "apagamento do pronome-sujeito ou

pela adjunção a S do auxiliar ", enquanto que os segundos aceitam elementos lexicais na posição sujeito de suas completivas e não admitem o traço-QUE , em virtude do caráter nominal das completivas factivas . (11)

Os dados apresentados por Rouveret são retomados por Moreira da Silva (1983) que , através do teste da Subjacência , mostra que as sentenças (b) e (c) (respectivamente Língua Literária e Língua Oral) em (32) ,(33) e (34) são gramaticais no PB , ao contrário do PE que as rejeita :

(32)a.O João lamenta eles terem gastado esse dinheiro...

b.Que meninos lamentas terem gastado esse dinheiro?

c.Que meninos que você lamenta eles ter(em) ...

(33)a.Ela censurou o João ter-se portado dessa maneira.

b.Que amigos ela censurou terem-se portado...?

c.Que amigos que ela censurou eles ter(em)...?

(34)a.Eu adorei ele ter respondido dessa maneira .

b.Quem adoraste ter respondido daquela maneira ?

c.Quem que você adorou ele ter respondido desta...?

De acordo com Moreira da Silva , a oposição apontada por Rouveret para as três classes de verbos não se manifesta no PB , dificultando então a "verificação da hipótese de factividade de Kiparsky e Kiparsky"(p.228).

Em função dos fatos apresentados , assumiremos sem maiores discussões que as orações factivas têm natureza categorial CP .

2. O ESTATUTO DA PREPOSIÇÃO DE

É necessário, agora, verificar o estatuto da preposição DE que introduz as orações infinitivas flexionadas.

Para Raposo, tais preposições são marcadores *dummy* que funcionam como artifício para "salvar" as sentenças cujos verbos / adjetivos estão impedidos de atribuir Caso ao sujeito (AGR) da infinitiva encaixada.

Stowell (1981:239-251) postula a seguinte regra de of-insertion :

(48) Na configuração $[_{\alpha} \dots \beta \dots]$, adjunja of a β , onde

- (i) α é alguma projeção de $[+ N]$, e
- (ii) β é um constituinte imediato de α , e
- (iii) para algum γ , γ o núcleo de α , γ precede β .

O autor considera que, quando tal regra se aplica satisfatoriamente, o NP é complemento do nome núcleo e é, portanto, diretamente dominado pela projeção de $[N]$, sugerindo que o fator crucial para acionamento desta regra é dominação direta por uma projeção de $[+ N]$:

(35) $[_{N}$, Sarah 's $[_{N}$, consideration -of- [the problem]]

(36) John is $[_{A}$, $[_{A}$, fearful -of- [heights]]

No PB, pode-se constatar que a ocorrência de DE nas construções "FÁCIL/DIFÍCIL" não tem função de ligar o adjetivo ao seu complemento, uma vez que estes adjetivos não pedem complementos. Observe as frases abaixo em que a preposição DE, ao contrário da preposição PARA, não subcategoriza um SN,

impossibilitando assim a extração :

(37) a. * Isto é difícil de a gente / nós / mim .

b. * Da gente / nós / mim , isto é difícil .

(38) a. Isto é difícil para a gente / nós / mim .

b. Para a gente / nós / mim , isto é difícil .

A agramaticalidade de (37) nos possibilita afirmar que DE nestes contextos sempre vai autorizar a configuração SN SV .

Além disso , no PB , ocorre a alternância DE x Iel que só é permitida pelo fato de DE não se comportar como uma preposição dummy . Se esta assim se comportasse , o seu emprego seria obrigatório para não violar o Filtro de Caso .

Aplicando a regra de Stowell a estruturas do tipo "difícil da gente fazer " , verificaremos que α não é uma projeção de β e β não é um constituinte imediato de α , não satisfazendo então às condições (i) e (ii) de sua proposta :

(39) O exercício é \bar{A} difícil ${}_{CP}^I C$ de ${}_{IP}^a$ gente fazer \bar{III}
 α β

Considerando ainda que a posição \bar{S} deriva do fato de a oração conter um operador TENSE em algum nível da representação , e que a presença deste operador está relacionada à configuração sujeito - predicado , assumiremos a posição \bar{S} para as orações adjetivais .

Voltando às orações adjunto , Raposo se prende à convenção metagramatical \bar{X} para dar conta das mesmas , considerando que pertencem à categoria IP , em virtude de serem PPs e P subcategorizar projeções máximas de N .

Entretanto , se considerarmos que tais estruturas têm natureza categorial IP em função da teoria \bar{X} , é necessário explicar porque estes NPs são defectivos no sentido de não admitirem a expansão $\bar{N} \rightarrow [\text{Spec } \bar{N}]$, ao contrário de todos os outros NPs do Português , e também dar conta das estruturas finitas adjunto :

(40) Maria entrou em casa [PP sem [IP os meninos verem]]

(41) Maria entrou em casa sem que os meninos vissem .

Uma investigação detalhada de orações adjunto foge ao escopo do nosso trabalho . Acreditamos que é necessário um estudo abrangente que capture e/ou correlacione o comportamento de ADVÉRBIOS em termos de serem considerados como Especificadores e as ORAÇÕES ADVERBIAIS , no interior da teoria \bar{X} , no sentido de verificar inclusive a possibilidade de determinadas preposições (com conteúdo significativo) ocuparem a posição de Especificador de \bar{X} em COMP , em algum nível da representação (talvez FL) , atuando como operadores .

Em decorrência dos fatos apresentados acima , assumiremos a estrutura \bar{S} também para as orações adjunto .

3. A ESTRUTURA DO NÓDULO CP

Rizzi (1987) apresenta e discute o princípio de Minimalidade de Chomsky (1986) , com o objetivo de apresentar uma proposta alternativa : o princípio da Minimalidade Relativizada .

Segundo ele , Chomsky propõe o princípio da Minimalidade com o objetivo de eliminar a ambigüidade nas relações de regência , assegurando que um regente não pode reger dentro do domínio de outro regente :

(42) ...X.....Z....Y , onde X não pode reger Y se há um regente potencial mais próximo Z para Y .

Nesta perspectiva , a teoria prevê dois tipos de regência para assegurar que haja apenas um regente para cada regido : a REGÊNCIA POR NÚCLEO que é pertinente para Caso , Vinculação e ECP e REGÊNCIA POR ANTECEDÊNCIA , para ECP .

Deste modo , um núcleo potencial regente que intervenha bloqueará ambos os tipos de regência e um regente potencial por antecedência interveniente não terá capacidade bloqueadora :

(43) a. Sendo Z um núcleo potencial regente para Y , X não pode reger Y nem por regência por núcleo , nem por regência por antecedência .

b. Sendo Z um potencial regente por antecedência Y , os dois tipos de regência são possíveis para X .

A este princípio , é então contraposto o princípio da Minimalidade Relativizada que relativiza a capacidade bloqueadora de um regente interveniente e assegura que o bloqueio ocorra apenas em relações de regência do mesmo tipo , por exemplo , se Z for um potencial regente por antecedência para Y , somente este tipo de regência de X será bloqueada .

As noções de Minimalidade relativizada , Regência e regente potencial são definidas do seguinte modo :

(44) REGÊNCIA POR NÚCLEO

X rege Y por núcleo sse

(i) $X = (A, N, P, V, AGR)$

(ii) X M-comanda Y

(iii) Nenhuma barreira intervém

(iv) Minimalidade Relativizada é respeitada .

(45) REGÊNCIA POR ANTECEDÊNCIA

X rege Y por antecedência sse

(i) X e Y são coindexados

(ii) X C-comanda Y

(iii) Nenhuma barreira intervém

(iv) Minimalidade Relativizada é respeitada .

(46) MINIMALIDADE RELATIVIZADA

X α -rege Y se e somente se não há algum Z tal que :

(i) Z é um α -regente potencial para Y , e

(ii) Z C-comanda Y e não C-comanda X .

(47) REGENTE POTENCIAL

a. Z é um regente potencial por núcleo para $Y = Z$ e um núcleo M-comandando Y .

b. Z é um regente potencial por antecedência para Y em uma A-cadeia = Z é um Especificador A C-comandando Y .

c. Z é um regente potencial por núcleo para Y . Y em uma cadeia- \bar{A} = Z é um Especificador- \bar{A}

(48) M-COMANDO

X M-comanda Y (ou C-comanda Y à Aoun e Sportiche (1981)) sse nem X domina Y nem vice-versa e a primeira projeção máxima dominando X domina Y .

(49) C-COMANDO

X C-comanda Y (à Reinhart (1976)) sse nem X domina Y nem vice-versa , e o primeiro nóculo ramificante dominando X domina também Y .

De acordo com o autor , a principal motivação empírica para Minimalidade Relativizada tem a ver com o seu caráter mais restritivo , que permite um tratamento unificado , sob ECP , de três domínios empíricos intuitivamente muito próximos , a saber :

(12)

a) a observação de Huang (1983) de que adjuntos não podem ser extraídos de ilhas WH , conforme (50) :

(50)a. ?Which problem do you wonder [how [to solve t t]

b. *How do you wonder [which problem [PRO to solve t t]

b) os efeitos da pseudo-opacidade de Obenauer (1983) que mostram que em Francês um QP adverbial inicial de um VP seletivamente bloqueia extração de certos elementos internos do VP :

(51)a. Combien de livres a-t-il beaucoup consultes t ?

b. *Combien a-t-il beaucoup consulte [t de livres]

c) as ilhas internas de Ross (1983) que evidenciam que elementos adverbiais não podem ser extraídos do escopo de operadores

negativos :

(52) a. Bill is here , which they (don't) know t

b. Bill is here , as they (*don't) know t .

A partir do princípio da Minimalidade Relativizada , Rizzi dá conta dos efeitos THAT-TRACE para o Inglês , incorporando a proposta de Chomsky (1986) no sentido de encarar a relação entre um operador WH (ou traço) e o núcleo de COMP como um caso particular de padrão geral : "concordância entre um especificador e um núcleo " , implementando esta idéia a partir da constatação de que , no Inglês , complementizador com traço pode ser realizado como THAT ou AGR :

$$(53) \begin{array}{c} C \\ [+T] \end{array} \longrightarrow \left\{ \begin{array}{c} \text{THAT} \\ \text{AGR} \\ \emptyset \end{array} \right\}$$

As duas opções estão em distribuição complementar no Inglês padrão e a expansão em (53) é opcional , podendo C não ser expandido . THAT e um C não expandido são inertes para regência , enquanto que AGR pertence à classe dos regentes.

O autor ainda acrescenta que , geralmente , uma ocorrência de AGR deve ser autorizada por coindexação com seu especificador , talvez uma propriedade primitiva de "agreement". E isto significa que se AGR é seleccionada para núcleo de COMP deve estar coindexada ao seu especificador , devendo a posição de Especificador estar , portanto , preenchida por um operador WH ou traço .

A partir destas considerações , Rizzi explica porque o

efeito **THAT-TRACE** é proibido em Inglês , isto é , porque um complementizador aberto bloqueia regência por antecedência , ao contrário de um complementizador nulo , conforme se pode verificar nas sentenças abaixo :

(54) a. Who do you think I t INFL left II

b.* who do you think I t THAT It INFL left II

(55) a. Who AGR It INFL left I

b. *Who did It INFL leave I

Em (54a) e (55a) o traço do sujeito é regido por **AGR** através de regência por núcleo e regido por antecedência pelo especificador de **COMP** ; em (54b) o núcleo de **C** , **THAT** , é inerte para regência e em (55b) o movimento do auxiliar é proibido pelo fato de o núcleo de **C** não estar radicalmente vazio , ⁽¹³⁾

Além disso , o autor salienta que Slobin (1987) aponta que , em vários dialetos regionais do Inglês americano , violações **THAT-TRACE** são aceitáveis , devendo , portanto , as explicações do efeito serem flexíveis para adaptar esta variação.

De acordo com Rizzi , a sua proposta preenche este requisito : pode-se garantir que nos dialetos em questão a complementaridade expressa por (53) não é encontrada e **THAT** pode portar **AGR** .

Rizzi aponta vários casos ⁽¹⁴⁾ de concordância evidente entre **Spec.** e o núcleo em línguas como Irlandês , Francês , Flamengo ocidental e Kinande , língua banto falada no Zaire . Nesta última , as interrogativas envolvem concordância de classe entre o elemento **WH** na posição de **Especificador** e o núcleo de **COMP** , sendo obrigatória com o elemento **WH** e opcional com o

traço-WH :

(56) a.	Yondi (CL. 1)	yO (CL. 1)	Kambale	alangira
	Who	that	Kambale	saw
b.	aBahi (CL. 2)	Bo (CL. 2)	Kambale	alangira
	Who	that	Kambale	saw
c.	EkIhi (CL. 7)	KyO (CL. 7)	Kambale	alangira
	What	that	Kambale	saw

O autor considera que sua análise permite predizer que os efeitos THAT-TRACE são propriedade de línguas SVO , uma vez que em línguas VSO e SOV , INFL rege canonicamente o sujeito e , apenas em línguas SVO , INFL está do lado "errado" , e algo deve acontecer ao núcleo de COMP para tornar extração do sujeito possível : (15)

(57) S I V O
I V S O
S O V I

É nosso objetivo dar conta do fato de o efeito THAT-TRACE ser aceitável no PB , à luz da proposta de Rizzi.

Ao examinarmos estruturas do PB , similares a (54) e (55) , verificamos que as mesmas comportam-se diferentemente do Inglês :

- (58) a.* Quem você pensa [t AGR It INFL saiu]
b. Quem você pensa [t que [t INFL saiu]]
- (59) a. Quem AGR [t INFL saiu]
b. Quem que [t INFL saiu]

Em (58b) e (59b) o regente canônico (regente por núcleo) do traço do sujeito parece ser o elemento QUE que ocupa o lugar de AGR e QUEM rege o traço do sujeito por antecedência.

Este fato possibilita-nos levantar a seguinte hipótese para explicar por que o PB não sofre os efeitos THAT-TRACE: o Complementizador porta AGR, ou melhor, o Complementizador é lexicalização de AGR (complementizador = AGR).

Assim, a expansão de C no PB poderia se dar do seguinte modo:

$$(60) C \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{que, de, para} \in \text{Agr} \\ \text{AGR} = |\text{e}| \\ \emptyset \end{array} \right\} \quad (16)$$

Observe que, com esta assunção, estamos considerando que o Complementizador lexical, no PB, não possui a característica de ser inerte para regência, como ocorre em Inglês.

Esta abordagem vai de encontro à afirmação de Chomsky (1981: 52) de que em algumas línguas, como, por exemplo, o Português, AGR pode também aparecer com infinitivas, e o sujeito neste caso é de fato nominativo, o que descarta a possibilidade de se postular que, nestes contextos, AGR é fraca para dar conta de atribuição de Caso. (17)

Huang (1984:567, n.37), ao questionar a "vagueness" que tem caracterizado qualquer tentativa de relacionar pro-drop à presença de um rico sistema de concordância, uma vez que implica

determinar o que significa "ser rico o bastante" para permitir pro-drop , aponta Jelinek (1983) que sugere que o elemento crucial que determina que AGR é rica, é a marcação de pessoa .

Assumindo que as infinitivas aqui analisadas ocorrem em contextos de flexão, temos mais evidências para postular que INFL rege a posição de sujeito de infinitivo flexionado , seja sob a forma de um complementizador , seja sob a forma apenas de AGR , atribuindo então a este sujeito o Caso Nominativo .

A consequência imediata desta assunção é o fato de a contraparte do NP lexical , a categoria vazia , ser regida e receber Caso , caracterizando-se , portanto , como **pro** :

Um dos argumentos de Rizzi para comprovar que **HEAVY NP SHIFT** é proibido em Inglês é o fato de , em (61) ,nem INFL nem C regerem canonicamente o traço do sujeito ; entretanto , se houver um regente canônico para o sujeito , **HEAVY NP SHIFT** pode ocorrer :

(61) * It are intelligent I all the students who can solve this problem .

(62) I believe I t to be intelligent I all the students who can solve this problem

Em (62) , contexto de ECM , believe é o regente canônico do traço do sujeito.

A expansão do nóculo C proposta em (60) explica porque estruturas similares a (61) e (62) são gramaticais no PB :

(63) I t são inteligentes I todos os estudantes que podem resolver este problema .

(64) Eu acredito It serem inteligentes I todos os

alunos que podem resolver este problema .

Em ambas as estruturas o traço do sujeito é regido canonicamente por sua flexão e a regência por antecedência se dá através do NP "shifted" . O fato de regência por núcleo se dar em (64) através de AGR constitui evidência de que não ocorre ECM no PB em tais estruturas , assim como mais uma evidência de que este tipo de verbo exige o nóculo CP . Observe :

(65) Eu acredito I_{CP} AGR I_{IP} t INFL serem inteligentes I
todos os alunos que podem resolver este problema .

Rizzi deixa claro que se AGR é selecionada pelo núcleo de COMP , deve ser coindexada com seu especificador (operador WH ou traço) , o que implica que esta análise apenas dá conta de sentenças em que ocorre movimento WH . Entretanto , considerando que em estruturas sem movimento , o Especificador de C no nóculo CP é o local onde ocorrem os operadores (inclusive preposições funcionando como operadores) , estenderemos a nossa análise às orações infinitivas flexionadas , considerando que AGR é coindexada ao operador abstrato TENSE .

Lobato (1988:139-140) , a respeito da expansão de C no PB, diz o seguinte :

"...em português Conc ocupa livremente na sintaxe a posição de núcleo de SC (CP) , mesmo em adjunção a um complementizador manifesto . Isto é , em português o núcleo de SC poderia ser realizado já na base sob três formas possíveis : simplesmente com o complementador manifesto (como em "João disse que Maria virá") , simplesmente com Conc ("Lamento terem vocês saído") , e simultaneamente com o complementador manifesto e Conc ("Lamento que tenham vocês saído") ."

Para Lobato , C seria então expandido da seguinte forma :

$$(66) C \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{QUE} \\ \text{QUE + CONC} \\ \text{CONC} \end{array} \right\}$$

A autora considera que a estrutura complementizador+Conc daria conta dos casos de anteposição do verbo , conforme o exemplo apresentado no excerto acima "Lamento que tenham vocês saído" , uma vez que admite que "nos casos de se escolher não gerar Conc em C , não se gerará seqüência com anteposição de verbo ou auxiliar" (p.140) .

Entretanto , se considerarmos que as estruturas **WH+QUE** estão sendo utilizadas na língua para evitar a anteposição do sujeito , embora possam ocorrer também com anteposição , parece-nos que propor que o complementizador lexical contém **AGR** é mais abrangente .

Observe que , quando postulamos que o complementizador contém **AGR** , queremos significar que a simples presença deste elemento evidencia **AGR** , ao passo que , para Lobato , uma das expansões de C seria :

$$(67) \begin{array}{c} C \\ \swarrow \quad \searrow \\ \text{QUE} \quad \text{CONC} \end{array}$$

Desse modo , a estrutura postulada em (59b) , dentro da proposta de Lobato , deveria ser assim construída :

$$(68) \text{Quem que AGR [t INFL saiu]}$$

Ora , se já constatamos que o regente canônico do traço do sujeito é o elemento **QUE** , (em 59b) , a postulação da estrutura (67) é perfeitamente dispensável .

4. AS ORAÇÕES RELATIVAS INFINITIVAS NO PB .

Uma das hipóteses de nosso trabalho é a de que as estruturas destacadas abaixo poderiam ser consideradas como orações relativas infinitivas introduzidas pelos complementizadores A / PARA :

(69) " Outro aspecto a comentar no caso é a circunstância..."(EA.6.86)

(70) "Os pais também têm obrigações a cumprir "(EA.10.86)

(71) "Eu tinha uma notícia para dar para você."(B.1.74)

(72) "Tem uma dieta para fazer nestas épocas." (B.57.74)

Observando a distribuição das mesmas no diagrama 15 , abaixo e diagrama 6 , apresentado à página (89) , verificamos que são as únicas que não admitem sujeito preenchido , apesar de admitirem construções com infinitivo flexionado e não-flexionado , diferentemente das construções com elementos interrogativos e similarmente às adjetivais introduzidas por DE .

	NÃO-PREENCHIDO	PREENCHIDO
int. indiretas	54/54	56/56
ñ.inter.	244/1173	443/501
relativas	34/34	0
adjetivais	15/40	7/21

Diagrama 15 : DISTRIBUIÇÃO DAS ORAÇÕES EM RELAÇÃO
À OCORRÊNCIA/NÃO-OCORRÊNCIA DE SUJEITO.

Observe que , de acordo com a análise desenvolvida para dar conta da estrutura do nóculo CP no PB , a ocorrência de

DE/PARA (nos contextos relevantes) explica a possibilidade de ocorrência de SN lexical em orações infinitivas , uma vez que complementizadores contêm AGR e, dentro da nossa proposta , **DE/PARA** foram caracterizados como complementizadores .

Entretanto , parece que no caso das construções em estudo , o elemento A não contém AGR , pois tais estruturas não admitem sujeito lexical e ocorrem apenas em contextos de controle obrigatório , explicando-se , assim , a ocorrência de infinitivas flexionadas :

(73) "persistem (...) muitos problemas a serem enfrentados" (EA.8.86)

(74) "...vai alargando o espectro de temas a serem discutidos a partir de agora . (EA.8.86)

Lemle (1984 : 197) mostra que as estruturas abaixo são formadas através da Regra de Formação de Relativas de Infinitivo , cuja diferença com as relativas finitas reside no fato de as primeiras serem introduzidas pelo complementizador INF :

(75) Temos três assuntos a [_S COMP (INFL) [_S discutir_i]]

A autora mostra ainda que tais estruturas obedecem aos critérios propostos por Chomsky (1977) para diagnosticar se uma regra pertence à família de regras de movimento de constituinte do tipo QU- .

Além disso , um outro fato levantado pela autora , e que já foi mencionado anteriormente à página (83) , é o de que tanto as "orações infinitivas relativas" quanto as interrogativas diretas infinitivas não admitem em, posição sujeito, um SN lexical :

Mateus et alii (1983 : 446-447) mostra que as orações

relativas restritivas não finitas podem ou não ter antecedente e, no caso de ocorrerem com antecedente, podem ser aproximadas de construções com para : (18)

- (76) a. Eles não têm nada que comer .
b. Eles não têm que comer .
c. Eles não têm nada para comer .
- (77) a. Procuro alguém a quem deixar as plantas .
b. Procuro a quem deixar as plantas .
c. Procuro alguém para deixar as plantas .
- (78) a. Eles têm uma faca com que cortar o queijo . (19)
b. Eles têm com que cortar o queijo .
c. Eles têm uma faca para cortar o queijo .
- (79) a. As minhas amigas têm um quarto onde ficar .
b. As minhas amigas têm onde ficar .
c. As minhas amigas têm um quarto para ficar .

Em função destas características, o nosso objetivo é dar conta de tais estruturas à luz da teoria- \bar{X} , argumentando a favor de se considerar o elemento introdutor como um especificador, similar aos elementos interrogativos WH.

Em um primeiro momento, é necessário explicar por que tais estruturas podem ser consideradas como pertencendo à família das relativas, e em um segundo momento, dar conta do elemento A na posição de Especificador.

Fiengo (1980 :84-86) mostra que a diferença, no Inglês, entre "adverbiais reduzidas finais" e relativas infinitivas" repousa no fato de, no primeiro caso, não ocorrer um

constituente ausente , ao passo que no segundo , há uma lacuna:

(80) She was looking for a pen to write with ____ .

(81) She was looking for a pen (in order) to write with it

Além disso , o autor aponta que todo NP com seu adjunto pode ocorrer na posição sujeito e este ambiente proíbe uma análise na qual os complementos são analisados como orações adverbiais reduzidas:

(82) A pen (* in order) (for John) to write with was...

No caso do PB , o critério da lacuna não serve para diferenciar estes dois tipos de orações , uma vez que o objeto vazio ocorre com bastante frequência . Entretanto , se houver lacuna na oração adverbial , o seu antecedente não será um elemento modificado por uma outra oração , apesar de a ambigüidade apontada por Fiengo para o Inglês ocorrer pouco no

PB (20)

Podemos diferenciá-las mais adequadamente pelo fato de as orações relativas infinitivas possuírem uma posição fixa em relação ao NP que modificam , não podendo ser extrapostas , diferentemente das adverbiais finais reduzidas , e nem serem separadas do NP em caso de formação de passiva , além de não poderem ser introduzidas por elementos adverbiais do tipo "a fim de " :

(83) * A cumprir os pais têm obrigações . (21)

(84) * os pais têm obrigações a fim de cumprir .

(85) a. A constituinte perdoou as contas a pagar .

b. As contas a pagar foram perdoadas pelos ...

c.* As contas foram perdoadas pelos (...) a pagar.

Quanto à posição ocupada pelo elemento introdutor, é necessário tentar explicitar o que entendemos por **Especificador**.

A literatura gerativista tem dispensado pouca atenção ao estudo dos **Especificadores** e/ou elementos que ocupam esta posição e, no caso em questão, aos elementos que podem ocupar a posição de **Especificador** do nóculo **CP**.

De um modo geral, pode-se dizer que tais elementos são aqueles que, de um modo ou de outro, determinam, caracterizam, restringem as categorias **C**, **N**, **P**, **V** e **A**; são opcionais, e, conforme Franchi (1976 : 91), são "especificadores do nome, do verbo, do adjetivo, respectivamente, os determinantes (artigos e outros), os auxiliares (morfemas flexionais do verbo e outros) e certos advérbios de intensidade (que se utilizam na estrutura de grau com o superlativo e o comparativo)."

A posição de **Especificador** do nóculo **CP** pode ser ocupada, segundo Chomsky (1986 : 6) por "WH-phrases" ou por "um operador vazio".

A "partícula" **A** nas orações relativas infinitas funciona como um operador do tipo **WH**, no sentido de que possibilita/autoriza extração de um elemento e atua para caracterizar a categoria vazia que é co-referencial à cabeça da relativa infinitiva, embora não possua o caráter anafórico dos pronomes relativos que introduzem as relativas finitas :

(86) ...contas_i I_{CP} a I_C t_i I_{IP} PRO pagar t_i I

Deste modo, o que difere as relativas infinitivas das

adverbiais finais é o escopo sob o qual cada oração atua . As primeiras , conforme acima mencionado , atuam para modificar um nome na oração anterior e , as segundas , atuam para modificar toda a oração anterior .

5. A PREPOSIÇÃO PARA : CONTEXTO DE ECM ?

A análise apresentada na seção anterior caracterizou a preposição DE como complementizador nas orações adjetivas . , mostrando que DE , similarmente ao complementizador QUE , contém AGR , autorizando assim a ocorrência de SN lexical na posição sujeito das adjetivas infinitivas .

Um dos argumentos utilizados para comprovar que DE não rege o SN sujeito é o fato de o mesmo , quando sob a forma de pronome , ocorrer como pronome pessoal do caso reto , conforme exemplos (37) e (38) apresentados à página (141) , similares a (87) :

(87) Isto é difícil de mim fazer .

Em relação a PARA , as construções que temos em mente são do seguinte tipo :

(88) a. O exercício é para $\left\{ \begin{array}{l} \text{eu /mim} \\ \text{nós /[e]} \end{array} \right\}$ fazer (mos)

A hipótese que pretendemos corroborar é a de que nestas estruturas ocorre o fenômeno de ECM , em que a preposição rege o sujeito da infinitiva , do mesmo modo que ocorre em Inglês , em sentenças como (89) :

(89) We prefer for them to go .

A primeira vista , parece que considerar "para mim fazer" como uma sentença é incorrer no reducionismo já mencionado anteriormente , ou seja , ignorar uma das grandes diferenças entre o Inglês e o PB : a flexão .

Além disso , considerando que a motivação para a postulação de ECM para o Inglês advém do princípio Universal que exige que toda oração tenha sujeito ; que as propriedades gerais das Categorias Vazias exigem que o SN lexical sujeito receba Caso nominativo e seja regido por INFL — no caso de sentenças com Tempo — ou seja PRO , no caso das orações infinitivas , é-se levado a afirmar que o PB não necessita utilizar de tal artifício , por ser uma língua que possui infinitivo flexionado , com ou sem sujeito lexical .

A não assunção destas estruturas como casos de ECM não é novidade na literatura , tendo em vista a existência de análises que parecem se encaminhar para esta mesma direção , a saber , a de Perini (1977) e a de Moreira da Silva (1983) .

Moreira da Silva (1983:366 , n.2) mostra que "...le Cas assigné par para n'est pas directement assigné au sujet de la complétive , mais à un SN datif . Et qu'un processus de reduction quelconque prendrait place ensuite . J'ai remarqué d'autres exemples (peut-être plus marginaux) qui auraient pu avoir la même origine :

(90) a. "? Ele não estava pensando ni mim fazer isso ."

b. "Ele não estava pensando em mim em fazer isso ."

(91) a. "? Ele falou sobre mim ter feito isso."

b. "Ele falou sobre mim sobre eu ter feito isso."

(92) a. "? Ele abusa de mim trabalhar ."

b. Ele abusa de mim de eu trabalhar ."

O autor ainda salienta que qualquer explicação que pretenda dar conta destas estruturas necessariamente deverá levar em conta a "auto-suficiência" das infinitivas e ainda considerar que se forem analisadas como ECM , será ECM apenas para a primeira pessoa .

Perini (1977) , no quadro da Gramática Gerativo - Transformacional , explica a ocorrência de estruturas como (93) e (94) através da admissão de que a cadeia V SN V é estruturalmente ambígua , podendo ser interpretada por uma transformação ou como V I_S SN V I ou então como V SN I_S V I :

(93) Ele trouxe o livro para eu ler .

(94) Ele trouxe o livro para mim ler .

A hipótese de que haveria em (93) a perda de sensibilidade a limites oracionais é rejeitada pelo autor , além de considerar que a sentença é "nitidamente vulgar e raramente se encontra na fala mesmo coloquial de pessoas cultas" (p.90) . Divergimos do autor em relação a considerar tal estrutura como "nitidamente vulgar" , pois parece-nos que , atualmente , esta construção ocorre com bastante frequência na fala coloquial de pessoas cultas , tornando-se até mais saliente , em virtude de , após o seu emprego , as pessoas se auto-corrigirem .

Retomando a análise da preposição **PARA** , esta sempre subcategoriza um NP ao qual rege e atribui Caso . Em determinados casos , este SN comporta-se como sujeito da oração seguinte , e em outros casos não . Observe :

- (95) a. O exercício é difícil para mim fazer .
 b. O exercício é , para mim , difícil de fazer .
 c. Para mim , o exercício é difícil de fazer .
 d. O exercício é difícil para mim fazer . .
- (96) a. É difícil para mim_j , o João_i aceitar isso .
 b. É ruim para nós_t , os alunos_i aceitarem isto .
 c. O João_i , é difícil para mim_t , ele_t ..."

Em (96) a evidência de que o SN grifado não é sujeito do verbo é bastante forte e este SN comporta-se como um "complemento" do adjetivo , sendo facultativa a sua ocorrência .

Já em (95d) , o SN grifado comporta-se como sujeito do verbo adjacente , caracterizando-se esta estrutura como contexto de ECM . Afirmar o contrário seria assumir a seguinte estrutura :

- (97) O exercício_i I_{VP} é I_{PP} para mim_j I_{CP} I_C
 [[e]_j fazer [e]_i]]]].

A adoção desta estrutura gera um problema teórico , uma vez que considerar "mim" o antecedente da categoria vazia , que no caso , seria pro , parece ir contra a noção de vinculação de antecedentes (que relaciona pronominais a seus antecedentes) ,

NOTAS AO CAPÍTULO V

1. Para Raposo , a condição relevante para movimento por substituição no caso em estudo é :

"Somente X^0 pode se mover para a posição de núcleo ."

2. A noção de Regência proposta por Raposo é a seguinte :

" α rege β em uma configuração como $[\dots \beta \dots \alpha \dots]$ onde :

(a) $\alpha = X^0$

(b) onde γ é uma projeção máxima , se γ domina β , então
ou γ domina α , ou α é uma projeção máxima de β .

(c) α c-comanda β .

C-COMANDO :

α c-comanda β sse α não domina β e cada projeção máxima que domina α domina β . (p.90)

3. A teoria trabalha com as noções de cadeia e CADEIA .Cadeia é a representação abstrata da expressão referencial . Na sentença "Juan parece [estar enfermo]" , a cadeia formada por (Juan ,t) recebe Caso na posição ocupada por seu núcleo , JUAN , e recebe seu papel temático na posição ocupada pelo traço t .

CADEIA : " Um par $\langle \beta , \alpha \rangle$ é uma CADEIA se β é o elemento terminal de uma cadeia (Ex... β) encabeçado pelo expletivo EX , que é unido na Estrutura-D a α no par expletivo-argumento (EX , α).

(apud Chomsky ,1986a:132-133)

4. Vitral analisa apenas as objetivas reduzidas de infinitivo

(assim denominadas pela GT) , justamente por serem estas as que são subcategorizadas pelo verbo matriz .

5. O autor baseia-se em Stowell e Pesetsky para caracterizar proposição com TEMPO :

" Uma proposição com TEMPO - e aqui sigo Stowell (1981:39) - dá origem , em FL , a um operador de TEMPO em COMP. Pesetsky (1982 ,seção 3.3.) acrescenta que , com um operador de TEMPO em COMP , uma relação operador/variável se estabelece entre COMP e FLEX . Suponho agora , ainda segundo Stowell , que todo operador de TEMPO exige uma configuração sujeito-predicado . Dado que FLEX é o núcleo sentença (...) dir-se-á que a projeção de FLEX , isto é , \overline{FLEX} (= \overline{S}) está sob o escopo do operador de TEMPO ."

(p.102)

6. São apresentadas evidências que comprovam que o traço [+tempo] de FLEX deve ser caracterizado como [\pm pass] e/ou Aspecto . E , em relação a Aspecto , o autor tece a seguinte consideração :

"Talvez se possa dizer que as noções aspectuais trazidas por aqueles elementos podem , por assim dizer , cobrir o caráter simplesmente abstrato de [+ TEMPO] , de modo que oração em que este se encontra possa ser tomada como exprimindo um evento ." (p.109)

7. A "Escalada de Clíticos" ocorre quando "um pronome clítico , argumento de um verbo subordinado aparece preso ao verbo mais alto".(apud Vitral (1987:114)

8. Não entraremos em maiores detalhes a respeito da argumentação

desenvolvida pelo autor . Se houver necessidade , a mesma será retomada no momento oportuno.

9. Observe-se que a distribuição de complementizadores estabelecida a priori , a partir de critérios intuitivos e também através de transposição de análises de outras línguas , quando da classificação dos dados , aproxima-se mais da proposta de Vitral que da de Raposo .

10. De acordo com Raposo , esta é uma posição geralmente assumida desde Kiparsky e Kiparsky (1971) . Quanto ao Português , Zubizarreta (1980 , 1982) aceita esta posição e Rouveret (1980 , 1987) rejeita-a .

11. Moreira da Silva assinala que o essencial da proposição dos Kiparskys é o carácter nominal dos complementos factivos - de onde o seu presumido carácter insular seria derivado - e nesse sentido , eles deveriam se opor aos não-factivos ." (p.224)

12. Pelo fato de o texto de Rizzi ter chegado às nossas mãos ainda incompleto , ficamos impossibilitados de apresentar a referência bibliográfica dos autores citados por ele .

13. O autor mostra que , no Inglês , o movimento do auxiliar flexionado é incompatível com um núcleo de C preenchido , a partir de estruturas onde IF e inversão sujeito-auxiliar estão em distribuição complementar :

- (a) If John had done that , ...
- (b) Had John done that , ...
- (c) *If had John done that , ... (p.35,n.19)

14. Entre as várias línguas apontadas pelo autor , optamos por destacar o Francês , em que aparece um processo similar de Spsc-head Agreement , mais restrito do que em Kinande : a regra que converte **QUE** em **QUI** em construções **WH** do Francês é, para Rizzi, um reflexo da aplicação de Spec-head Agreement entre um traço e o núcleo de **COMP** . Mais precisamente , **QUI** = **QUE** + **AGR** . Esta regra é mais restrita em Francês porque somente ocorre quando o sujeito adjacente a **C** é extraído .

É possível tratar um paralelo entre **QUE/QUI** do Francês e **QUE/QUE** no PB : No segundo caso , há uma ocorrência generalizada de elementos interrogativos seguidos de **QUE** ou **É QUE** :

- (a) **QUEM** saiu ?
- (b) **QUEM** que saiu ?
- (c) **Quem é que** saiu ?

Parece que (b) é reanálise fonológica de (c) , uma vez que **É QUE** nestes contextos não tem função de realce , o que nos possibilita considerar tal fato como mais uma evidência de que o complementizador porta **AGR** .

15. Um problema para a nossa análise é o fato de o autor considerar que apenas línguas **SVO** sofrem os efeitos **THAT-TRACE** , o que implicaria assumir que o PB não é uma língua deste tipo . Entretanto , conforme mencionamos na introdução de nosso

trabalho , uma das hipóteses é a de que o PB caminha para SVO e , uma das evidências é a utilização da estrutura QUE (É) QUE , estratégia para evitar inversão do sujeito .

16. Esta proposta captura a sugestão de Aoun de que " a concordância entre Complementizador e INFL viria do fato de os dois primeiros realmente formarem uma só unidade em algum nível , de modo que a seleção de um implica na seleção de outro . " (apud Stowell (1981 : 421))

17. Negrão (1986) apresenta argumentos a favor de se considerar AGR fraca no PB . Não nos deteremos nesta análise por considerarmos a maioria de seus dados bastante discutíveis .

18. As autoras sugerem que "estas construções podem ser analisadas como relativas em que o constituinte Q foi suprimido (...) . De acordo com Chomsky 81 , há antes movimento de PRO para COMP " . (p.447 , n.57)

19. Observe que nestas estruturas não há um constituinte ausente na relativa .

20. Moreira da Silva (1983 : 284 , n.38) mostra que "a preposição PARA pode ser também empregada neste género de construção (i) , mas a ambigüidade pode existir em que a completiva é interpretada como relativa ou como final (ii) :

(i) "Ele_i comprou um cachorro para (cv)_i brincar com seus

filhos ."

(11)" ...um cachorro_v para (cv)_v brincar ."

21. Não nos utilizamos das construções encontradas em nosso *corpus* , em virtude de as mesmas terem ocorrido apenas com o verbo *ter* , impossibilitando a formação da passiva .

.....

CONCLUSÕES

Este trabalho girou em torno de duas grandes linhas : buscar resposta para a questão formulada por Bresnan (1972:6) , no sentido de se definir " o que são complementizadores" e "qual a sua função" , a partir de um exame dos mesmos em outras línguas e no PB ..

Nesta perspectiva , ao nível intra-linguístico , a partir do exame distribucional dos elementos introdutores de orações completivas , adjetivais e relativas ; da análise do comportamento dos elementos interrogativos que co-ocorrem com QUE e ainda , do exame das orações relativas adjetivais que admitem sujeito preenchido , constatamos que , no PB , são complementizadores lexicais os elementos QUE , SE , DE/PARA (que contém AGR) , e AGR , caracterizando-se por autorizarem a flexão .

Além disso , constatamos também a ocorrência de distribuição complementar , nas orações adjetivais , entre DE e PARA e entre DE e *lel* , podendo-se postular, então , a existência de apagamento do complementizador no PB .

As constatações acima possibilitaram-nos ainda responder a algumas das questões levantadas por Moreira da Silva , em relação às preposições-complementizadores (apresentadas à página 46 e aqui retomadas) :

(1) Vale a pena integrar um complementizador abstrato [Ø] no lugar de *lel* na gramática do PB ?

(11) [Ø] se alterna com outras preposições -

complementizadores ?

(iii) Pode-se atribuir a estes complementizadores a força de reger e atribuir Caso aos SNs que lhes seguem ?

(iv) Qual o verdadeiro papel de COMP no PB , a não ser alojar um elemento-QU ou eventualmente um outro sintagma ?

Em relação às duas primeiras questões , ficou evidenciado que , no PB , é desnecessário postular um complementizador abstrato [Ø] , no lugar de [el] , uma vez que , tendo o complementizador o papel de autorizar a flexão , [el] refere-se à ausência de complementizador lexical , mas presença de AGR . Conseqüentemente , [el] , mas não [Ø] , pode se alternar com preposições que funcionam como complementizadores , como é o caso de PARA e DE nas orações adjetivais .

Em relação à terceira questão , o verdadeiro papel de COMP no PB não é só o de alojar um elemento-QU , ou um outro sintagma , mas também o de alojar , em seu núcleo , elementos que portam/autorizam flexão .

Além disso , Moreira da Silva postula a "auto-suficiência" das infinitivas , considerando que o sujeito das mesmas nada têm a dizer sobre o papel de seus COMPs . Os nossos resultados evidenciaram justamente o contrário: o elemento que preenche o núcleo de COMP é que é o responsável pela posição sujeito destas infinitivas .

No que se refere às orações relativas infinitivas , o comportamento atípico da preposição A que as introduz (não admitem preenchimento do sujeito) , possibilitou-nos considerá-las como operadores , similares aos operadores WH ,

preenchendo a posição de **Especificador** do núcleo de **COMP** .

A preposição **A** caracterizou-se também como específica do registro formal escrito , sendo substituída por **PARA** no registro oral :

A expansão do núcleo de **COMP** , proposta em (60) à página 149 , e que aqui repetimos , explica por que tais estruturas não admitem sujeito preenchido : não há concordância entre o núcleo de **COMP** e o **Especificador** , pelo fato de **AGR** não ser autorizada pelo núcleo de **COMP** , que , no caso em questão , é expandido como [Ø].

$$C \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{que , de , para} \subset \text{Agr} \\ |e| = \text{Agr} \\ |Ø| \end{array} \right\}$$

Quanto à natureza categorial das orações infinitivas, a análise dos dados evidenciou que as mesmas possuem natureza categorial **CP** , com exceção das completivas de verbos modais , aspectuais e os de moção , enfim , completivas introduzidas por verbos da classe **V.INF.** (conforme proposta de Vitral (1987)) , que se caracterizam por terem natureza categorial **IP** .

Ao nível inter-lingüístico , os resultados obtidos podem assim ser descritos : em um primeiro momento , verificamos que o PB corrobora a hipótese universal metalingüística , apresentada por Washabaugh , no que se refere à preposição-complementizador **PARA** : a mesma é derivada de uma palavra de conteúdo - a preposição final **PARA** .

Em relação a esta preposição-complementizador , é necessário retomarmos a proposta de Kayne , no sentido de darmos conta do comportamento da mesma em termos de regência .

Considerando que a diferença entre Inglês e Francês no que se refere ao comportamento das preposições-complementizadores, respectivamente FOR e DE , é explicada por Kayne(1981) através da diferença de regência existente entre as duas línguas (em Inglês P e V regem estruturalmente e em Francês apenas V rege estruturalmente) — o que justifica a ocorrência de SN sujeito lexical em orações infinitivas no Inglês — é possível alinhar o PB ao Inglês no que se refere à regência : em PB V e P regem estruturalmente .

Assim , a evidência para este alinhamento repousa na postulação da preposição PARA como preposição-complementizador , em casos de ECM .

A análise dos elementos interrogativos que co-ocorrem com o complementizador QUE mostrou que este é um artifício utilizado pelo PB para evitar a inversão verbo-sujeito , nas orações interrogativas , concorrendo para a ordem SV . Neste aspecto , o PB se distancia do PE e é parametrizável ao Espanhol do Caribe .

Quanto ao Francês de Montréal que também se utiliza deste tipo de construção , conforme demonstramos à página 47 , com a proposta de Lefebvre (1981) , só podemos justificar o emprego desta estrutura , especulando que a mesma foi utilizada em algum estágio da língua , para possibilitar o preenchimento do sujeito ,

e, após ter cumprido este papel, permaneceu na língua.

Esta especulação tem por base a ocorrência, no Francês antigo, do infinitivo com sujeito lexical, conforme nota 20, apresentada à página 54. Considerando que o preenchimento do sujeito nas infinitivas também é um sintoma de perda de flexão da língua, acreditamos que o processo que ocorre no PB é similar ao que ocorreu no Francês: ambos se distanciam por estarem em estágios diferentes.

Os resultados descritos neste trabalho e aqui sintetizados apontam caminhos para futuras pesquisas, a saber:

(1) Acreditamos que o fato de o PB ser uma língua de infinitivo flexionado possibilitou-nos oferecer uma pequena contribuição para o entendimento do papel dos complementizadores, justamente através da análise das preposições que introduzem as orações infinitivas; entretanto, faz-se necessário um estudo mais amplo que abarque as línguas que possuem infinitivo flexionado, no sentido de corroborar a nossa proposta.

(2) Não nos foi possível desenvolver, nos limites de nosso trabalho, um estudo exaustivo, a partir do levantamento de dados "reais" do PB e PE, no que se refere à dupla interrogativa.

Conforme mencionamos, anteriormente, o *corpus* de Bacelar do Nascimento et al. (1987) nos faz questionar os dados de Rouveret (1987), uma vez que os contextos em que a mesma ocorre parecem-nos não serem tão categóricos como demonstrado por

Rouveret .

(iii) Considerando que o PB está se utilizando do preenchimento do Especificador do núcleo de COMP , como artifício para possibilitar o preenchimento do sujeito , seria interessante verificar em que outras posições os Especificadores estão sendo preenchidos e quais as implicações que este fato acarreta .

(iv) Finalmente , fica em aberto a questão das orações adverbiais , no sentido de se estabelecer a correlação $\text{adverbiais} = \text{especificadores} \times \text{orações adverbiais} = X (X = \text{especificadores})$. Nesta perspectiva , faz -se necessário uma análise que leve em conta a possibilidade de as preposições que introduzem estas orações ocuparem a posição do **especificador** do núcleo de COMP .

.....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADRADOS , F. R.(1986). Indoeuropean , Latin , Romance : Some Typological Remarks . In : O.Jaeggli & G.S. Corvalán (eds.) Studies in Romance Linguistics .Dordrecht:Foris publications .
- ALKMIM , T.A.(1975). A Classe Difícil de Predicados Adjetivais em Português . UNICAMP : Dissertação de Mestrado .
- ALVARENGA , D.(1981). Interrogativa indireta encoberta em Português . In : Ensaio de Linguística , 5 :119-147 .
- AMBAR , M.(1985). Sobre a estrutura dos constituintes interrogativos . Governo e inversão . In: Actas do 1^o Encontro da Associação Portuguesa de Linguística .Lisboa , 247-268 . (apud Kato , 1987)
- AOUN , J.(1986). Generalized Binding . The Syntax and Logical Form of WH-Interrogatives . Dordrecht : Foris Publications .
- BACELAR do NASCIMENTO et al. (1987). Português Fundamental: Métodos e Documentos. Lisboa : Instituto Nacional de Investigação Linguística - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa .
- BECHARA , E.(1978). Lições de Português pela Análise Sintática . RJ : Grifo .(apud Moreira da Silva , 1983)
- BESTEN , H.den (1978). On the interaction of Root Transformations and Lexical Deletive Rules,University of Amsterdam(unpubl.ms.). (apud Koopman e Lefebvre , 1981)
- _____ (1981). Marking WH-Movement in Afrikaans . In : P. Muysken (ed.) , Generative Studies in Creole Languages . Dordrecht : Foris Publications .

- BORER , H.(1984). Parametric Syntax Case studies in Semitic and Romance languages . Dordrecht : Foris Publications .
- _____ (1986). I-Subjects . In : Linguistic Inquiry , 17,3 : 375-416 .
- BORSLEY , R.D.(1986). Prepositional Complementizers in Welsh . In: Journal of Linguistics , 22 : 67-84 .
- BOUCHARD , D. (1984). On the Content of Empty Categories . Dordrecht : Foris Publications .
- BRAGA , M.L.(1977). A Concordância de Número no Sintagma Nominal do Triângulo Mineiro . PUC/RJ: Dissertação de Mestrado .
- BRESNAN , J.(1970). On complementizers : towards a syntactic theory of complement types . In : Foundations of Language , 6 : 297-321 .
- _____ (1972). Theory of Complementation in English Syntax . MIT : Tese de Doutorado .
- CARDEN , G. (1970). A Note on conflicting idiolects . In : Linguistic Inquiry , 1 : 282-290 .(apud Labov , 1969)
- CARROL , S.(1983). Remarks on FOR-TO infinitives . In : Linguistic Analysis , 12 , 4 : 415-451 .
- CASTILHO , A.T. & D. PRETI . (ORGS.) (1986). A Linguagem Falada Culta na cidade de São Paulo . Vol. I . SP.: T.A. Queiroz , Editor / FAPESP .
- _____ (1987). A Linguagem Falada Culta na cidade de São Paulo . Vol. II . SP.: T.A. Queiroz , Editor / FAPESP .

- CHESHIRE , J .(1987). Syntactic variation , the linguistic variable , and sociolinguistic theory . In : Linguistics ,25 , 2 : 297-282 .
- CLARK , R. (1973). Case markers and complementizers : a Maori example . WPLU , 12 : 145-147 . (apud Washabahugh , 1975).
- CHOMSKY , N .(1965). Aspectos da Teoria Sintática . Coimbra : Arménio Amado Sucessor (1978) .
- _____ (1977). On WH-Movement . In: P.W.Culicover , T.Wasow & A. Akmajian (eds.), Formal Syntax .New York : Academic Press .
- _____ (1978). On Binding . In : Linguistic Inquiry , 11 , 1 : 1-46 .
- _____ (1980). Regras e Representações . RJ : Zahar Editores .
- _____ (1981). Lectures on Government and Binding . Dordrecht : Foris Publications .
- _____ (1982). Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding . Linguistic Inquiry Monograph 6 . Cambridge , Mass : The MIT Press .
- _____ (1986). Barriers . Cambridge , Mass : The MIT Press .
- _____ (1986a). Knowledge of Language : Its Nature, Origin , and Use . New York : Praeger Publishers .
- CHOMSKY , N. & H. LASNIK (1977). Filters and Control . In : Linguistic Inquiry , 8 : 425-504 .
- CORVALÁN , C. S.(1982). Subject expression and placement in Mexican-American Spanish . In: J.Amastae & L. Elias-Olivares (eds.) , 1982 . Spanish in the United States , Sociolinguistic Aspects. Cambridge,Cambridge University Press .

- CULICOVER , P.W. & W.K.WILKINS .(1984). Locality in Linguistic Theory . New York : Academic Press .
- DITTMAR , N.(1983). Descriptive and explanatory power of rules in sociolinguistics . In : B. Bain (ed.) The Sociogenesis of Language and Human Conduct . 225-255 .New York : Plenum . (apud Cheshire , 1987) .
- DUBUISSON , C.(1981). L'Inversion du SN sujet et la post-position du SN lourd en français . In : D.Sankoff & H.Cedergren (eds.) , 1981 . Variation Omnibus. Edmonton , Linguistic Research .
- EMONDS , J.E.(1985). A Unified Theory of Syntactic Categories . Dordrecht : Foris Publications .
- ERTESCHIK , N.(1973). On the Nature of Island Constraints . MIT : thèse de doctorat .(apud Vinet , 1981)
- EVERETT , D.(1986). O Diálogo e a seleção de dados para uma gramática . In: Cadernos de Estudos Linguísticos , 11:21-38 .
- FIENGO , R. (1980). Surface Structure - The Interface of Autonomous Component . Harvard University Press .
- FRANCHI , G.(1976). Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem . UNICAMP : tese de Doutorado .
- FRANCK , D.(1986) Sentenças em termos conversacionais : um caso de "double-bind" sintático . In : Cadernos de Estudos Linguísticos , 11 : 9-20 .
- GALVES , C.(1986). Aluga-(se) Casas : um problema de sintaxe portuguesa na teoria de Regência e Vinculação . Campinas : Preedição - 2 .

- GEOGHEGAN , S.C.(1975). Relative clauses in Old , Middle and New English . In : Ohio State University Working Papers in Linguistics , 18 . (apud Lightfoot , 1979) .
- GORBET , L.(1973). Case markers and complementizers in Diegueño . WPLU , 11 : 219-222 .(apud Washabaugh , 1975)
- GOUDNER , A.() The Coming Crisis of Western Sociology .(apud Alves , R . (1985 :153) .
- HANCOCK , I.F.(1971). A survey of the pidgins and creoles of the world . In : D. Hymes (ed.) , Pidginization and Creolization of Languages . Cambridge : Cambridge University Press .
- HINDS , J.(1973). Case markers and complementizers : Korean and Japanese . WPLU ,13 : 93-96 .(apud Washabaugh , 1975)
- HOCHBERG , J .(1986). Functional compensation for /s/ deletion in Puerto Rican Spanish . In : Language , 62 , 3 : 609-621 .
- HUANG , C.-T. J.(1984). On the distribution and reference of empty pronouns . In : Linguistic Inquiry , 15 , 4 : 531-574 .
- HUOT , H.(1977). Recherche sur la Subordination en Français . Université de Paris VIII , thèse de Doctorat .(apud Vinet,1981)
- _____ (1981). Constructions Infinitives en Français . Le subordonnant DE . Geneve : Librairie Droz .
- JELINEK , E.(1983). Case ,Government , and Configurationality . ms.,University of Arizona , Tucson . (apud Huang , 1984) .
- JESPERSEN , O.(1927). A Modern English Grammar . London : George Allen and Unwin , 7 vols.. (apud. Bresnan , 1972) .
- JO NAPOLI , D.(1976). Infinitival relatives in Italian . In : M.Luján & F. Hensey (eds.) , Current Studies in Romance Linguistics . Washington , D.C.: Georgetown University Press .

- KATO , M. A. (1987). Inversão da ordem SV em interrogativas no Português : uma questão sintática ou estilística ? In : Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada , 3 , 2 : 243-252 .
- KATO , M. e F.TARALLO (1986). Anything YOU can do in Brazilian Portuguese . In : O.Jaeggli & C.S. Corvalan (orgs.) Studies in Romance Linguistics . Dordrecht : Foris Publications .
- _____ (1987). Harmonia Trans-Sistêmica : Variação Intra- e Inter-Linguística . In: Preedição , 5 (no prelo) .
- KAY , P. & G. SANKOFF (1974). A Language-universals approach to Pidgins and Creoles . In : D. Decamp & I.F. Hancock (eds.) Pidgins and Creoles : Current Trends and Prospects . Washington, D.C.: Georgetown University Press . (apud Tarallo e Alkmim , 1987) .
- KAYNE , R.S. (1981). On certain differences between French and English . In : Linguistic Inquiry , 12,3 : 349-371 .
- KIPARSKY , P.(1968). Linguistic universals and linguistic change . In : E.Bach & R. Harris (eds.) . Universals in Linguistic Theory . New York : Holt Rinehart and Winston .
- KYPARSKY , P. & G.KIPARSKY (1971). Fact . In : D.D. Steinberg & L.A. Jakobovits (eds.), Semantics . Cambridge : Cambridge University Press . (apud Raposo , 1987) .
- KOOPMAN , H. & G. LEFEBVRE , (1981) Haitian Creole Fu . In : P. Muysken (ed.) , Generative Studies on Creole Languages . Dordrecht : Foris Publications .
- KOSTER , J. & R. MAY (1982). On the constituency of infinitives. In : Language , 58 , 1 : 116-143 .

- LABOV , W.(1969). Internal evolution of linguistic rules . In: R.P. Stowell & R.K.S. Macaulay (eds.). Linguistic Change and Generative Theory . Indiana University Press .
- _____ (1971). Methodology . In : W.D. Dingwall(ed.) A Survey of Linguistic Science . Linguistic Program , University of Maryland .
- _____ (1978). Where does the linguistic variable stop ? A response to Beatriz Lavandera . In : Working Papers in Sociolinguistics , 44 . Austin : Southwest Educational Development Laboratory .
- _____ (1981). Resolving the neo-grammarians controversy . In : Language , 57,2 : 267-308 .
- LANGACKER , R.(1977). Syntactic Reanalysis . In : G. Li.(ed.) , Mechanisms of Syntactic Change . Austin : University of Texas (apud Woolford , 1981)
- LAVANDERA , B.R.(1978). Where does the sociolinguistic variable stop ? In : Language in Society ,7,2 : 171-182 .
- LEFEBVRE , C.(1981) The double structure of questions in French : A case of syntactic variation . In : D. Sankoff & H. Cedregren (eds.) , Variation Omnibus . Edmonton : Linguistic Research .
- LEMLE , M.(1984). Análise Sintática . São Paulo: Ed. Atica .
- LIGHTFOOT , D.W.(1979). Principles of Diachronic Syntax.Cambridge : Cambridge University Press .
- LIRA , S.(1982). Nominal , Pronominal and Zero Subjects in Brazilian Portuguese . University of Pennsylvania : Tese de Doutorado .

- _____ (1982). Subject postposition . In : Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada , 2 , 1 : 17-36).
- LOBATO , L.M.P.(1988). Sobre a regra de anteposição do verbo no Português do Brasil . In: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada , 4 , 1 : 121-147 .
- LONG , M.E.(1976). French infinitival complementizers and their place in a generative grammar . In : M.Luján & F.Hensey (eds.), Current Studies in Romance Linguistics . Washington , D.C.: Georgetown University Press .
- MATEUS et al.(1983). Gramática da Língua Portuguesa . Coimbra : Livraria Almedina .
- MEINTEL , D.(1973). The creole dialect of the island of Brava . mimeo . (apud Washabaugh , 1975) .
- MORAVCIK , E.(1972). On case markers and complementizers . WPLU , 8 : 151-152 .(apud Washabaugh , 1975)
- MOREIRA DA SILVA , S.(1983). Études sur la Symétrie et l'asymétrie SUJET/OBJET dans le Portugais du Brésil . Universidade de Paris VIII , Tese de Doutorado .
- NARO , A.J.(1981). Morphological constraints on subject deletion . In: D.Sankoff & H. Cedergren (eds.) , 1981. Variation Omnibus . Edmonton , Linguistic Research .
- NEGRÃO , E.V.(1986). Anaphora in Brazilian Portuguese Complement Structures . University of Wisconsin-Madison : Tese de Doutorado .
- OLIVEIRA , M.A.(1987). Variável Lingüística : conceituação , problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical . In : Documentação em

- Linguística Teórica e Aplicada , 3, 1 : 19-34 .
- PARISI , D. e C. CASTELFRANCHI (1973). As limitações de Chomsky .
In: M.Dascal (org.) ,1982 . Fundamentos Metodológicos da Linguística ,4 :227-236 . Campinas : Brasil .
- PESETSKY , D.(1982) Paths and Categories .MIT:Tese de Doutorado ,
(capud Vitral , 1987) .
- PERINI , M.A.(1977). Gramática do Infinitivo Português .
Petrópolis : Vozes .
- PIAGET , J.(1970). Structuralism. New York : Harper and Row .(capud Washabaugh , 1975)
- PICALLO , M.C. (1984). The Infl Node and the Null Subject Parameter . In: Linguistic Inquiry , 15,1 : 75-102 (capud Vitral (1987)).
- PARSONS , E.C.(1920). Tales told by Cape Verde Islanders in New England . In : Journal of American Folklore , 127 : 34-42 .
(capud Washabaugh , 1975) .
- QUIRK , R. e J. STARTVIK (1966). Investigating Linguistic Acceptability . The Hague : Mouton .(capud Labov , 1969) .
- RAPOSO , E.P. (1987). Case theory and Infl-to-Comp : the inflected infinitive in European Portuguese . In : Linguistic Inquiry , 18,1 : 85-109 .
- RIEMSDIJK , H. van (1978). A Case Study in Syntactic Markedness : the Binding Nature of Prepositional Phrases . Dordrecht : Foris Publications .(capud Koopman & Lefebvre , 1981)
- RIZZI , L.(1982). Issues in Italian Syntax . Dordrecht : Foris Publications .

- _____ (1987). Relativized Minimality . mimeo .
- ROSENBAUM , P.S.(1967). The Grammar of English Predicate Complement Constructions . Cambridge , Mass: The MIT Press .
- ROUVERET , A. (1980). Sur la notion de proposition finie . In : Langages , 60 : 75-107 .
- ROUVERET , A.(1987). Syntaxe des Dependances Lexicales - Identite et Identification dans la Theorie Syntaxique . Universidade de Paris VIII : These de Doctorat D'Etat .
- ROUVERET , A. & J-R. VERGNAUD (1980). Specifying reference to the subject : French causatives and conditions on representations . In : Linguistic Inquiry 11 , 1 :97-202 .
- SANKOFF , G.(1975). The origins of syntax in discourse : some evidence from Tok-Pisin . Paper presented at the International Conference on Pidgins and Creoles , January , 6-10 , Honolulu , Hawaii .(apud Washabaugh , 1975) .
- SANKOFF , D. & W. LABOV (1979) On the uses of variable rules . In : Language and Society , 8 : 189-222 .
- SANKOFF , G. & F. TARALLO (1987). Relativization and anaphora in spoken language . In : Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada , 2 , 1 : 127-144 .
- SCHERRE , M.M.P.(1981). La variation de la regle d'accord du nombre dans le syntagme nominal en Portugais . In : D.Sankoff & H. Cedergren (eds.) , Variation Omnibus . Edmonton : linguistic Research .
- _____ (1988). Reanálise da Concordância Nominal em Português . UFRJ : Tese de Doutorado .

- STOWELL , T.(1981). Origins of Phrase Structure . MIT : Tese de Doutorado .
- SUNER , M.(1986). Lexical subjects of infinitives in Caribbean Spanish . In : O.Jaeggli & C.S. Corvalán (eds.) , Studies in Romance Linguistics . Dordrecht : Foris Publications .
- TARALLO , F. (1983). Relativization Strategies in Brazilian Portuguese . University of Pennsylvania : Tese de Doutorado .
- _____.(1984). Dado é dado . In : Boletim da Associação Brasileira de Linguística , 6 : 27-34 .
- _____ (1987). Por uma sociolinguística românica paramétrica: fonologia e sintaxe . In : Ensaos de Linguística , 13: 51-83 .
- TARALLO , F. & T. ALKMIM (1987). Falares crioulos - línguas em contato . São Paulo : Ed. Atica .
- TRAUOGOTT , F.L.(1974). Explorations in linguistic elaboration : language change , language acquisition ,and the genesis spatio-temporal terms . Forthcoming in J.Anderson & C. Jones (eds.), Proceedings of the First International Conference on Historical Linguistics .(apud Washabaugh ,1975).
- VINET , M-T.(1981). La représentation des infinitives dans la grammaire.In:Révue Québécoise de Linguistique , 11 , 1:69-71 .
- VIGOTSKY , L.(1962). Thought and Language . Cambridge : MIT Press. (apud Washabaugh , 1975)
- VITRAL , L.T.(1987). Sobre a Complementação Infinitiva em Português . UFMG : Dissertação de Mestrado .
- WASHABAUGH , W.(1975). On the development of complementizers in creolization . In : Working Papers on Language Universals , 17: 109-140) .

WILLIAMS , E.(1962). From Latin to Portuguese : Historical Phonology and Morphology of the Portuguese language . Philadelphia : University of Pennsylvania . (apud Washabaugh , 1975)

WOOLFORD , E.(1981). The developing complementizer system in Tok Pisin . In : P. Muysken (ed.) , Generative Studies on Creole Languages . Dordrecht : Foris Publications .

ZUBIZARRETA , M.L. (1980). Remarks on Portuguese Infinitives . ms., MIT , Cambridge : Massachusetts .(apud Raposo , 1987) .

_____ (1982). Theoretical Implications of Subject Extraction in Portuguese . In:The Linguistic Review , 2:79-96 .

.....